ESFERA

REVISTA DE LETRAS, ARTES E CIÊNCIAS

EDIÇÕES ELP

NÚMERO 6 — OUTUBRO — 1938

REDAÇÃO:
Edifício Ouvidor
R. Uruguaiana, 86 — S. 805
Caixa Postal, 1.219
Rio de Janeiro
TELEFONE: 42-8835

Brasil .... 2$000
Estrangeiro .... 3$000

ADMINISTRAÇÃO
DIRETOR:
Maria Jacintha
REDATOR CHEFE:
Sílvia de Leon Chalréo
GERENTE:
Aureo Ottoni
SECRETÁRIO:
Frederico R. Coutinho

ÍNDICE

I N D I C A D O R

REX

Especial para "ESFERA"

A imaginação começou pelo nome que lhe botaram: Rex.

Que os cachorros não falam, a gente sabe. Mas a gente não sabe se os cachorros entendem as coisas que escutam, e se conhecem, por qualquer fenomeno de hereditariedade, as coisas que escutam.

A mãe, que não possuia nenhuma raça, morreu pouco depois do filho nascer com outros filhos, mortos tambem, logo em seguida.

Já o fato de ser o único sobrado de seis irmãos, devia lhe excitar os primeiros pensamentos. Foi, porém, o nome de Rex que o tornou, sem falta, um animal de sangue aristocrático.

Branco, focinho alérta, cauda sempre em movimento tal qual um metronomo desencadeado, de uma fealdade de grande família, Rex passeava, de pernas curtas e olhos compridos, a sua importancia e o seu desdem, da sala de visitas á sala de jantar. O resto da casa lhe parecia indiferente. Raro em raro, consentia em aparecer no jardim de inverno, onde estava o radio. Os programas não o interessavam. Ouvia um instante. Ia-se embóra, absolutamente Rex.

Creceu e não se sentiu crecer.

Chegou ao tamanho final.

Um dia, de repente, houve a tragedia.

Rex fez pipi no pé de uma poltrona, levou uma surra, mandaram que fosse dormir fóra.

Noite de insonia, terrível, aniquilante, destruidora.

Ao amanhecer, não duvidava mais da pavorosa verdade. Rex, era um nome ganho, semelhante ao nome de certas mulheres que se chamam Regina e não têm nada com isso.

Desde aí, se convenceu de que não passava de um cachorro comunissimo, igual á maior parte dos cachorros do mundo.

O orgulho fantasiado se transformou, dentro da cabeça tristonha, numa longa humildade real... Real de realidade, não de rei, o que seria escarneo ao pobre Rex.

Pobre... pobre Rex... A gente olha para ele, ele se deita depressa, as costas no chão, as pernas no ar, a boca aberta, numa agonia, para que lhe sáia, da boca abert,a a palavra que queria dizer, e não póde dizer, uma palavra só, repetida muitas vezes, muitas vezes:

— Perdão... perdão... perdão...

ALVARO MOREYRA

SOMBRA

Não me lembrem essa historia
De fadas e lobishomens,
De princêsas encantadas
E de moiras ao luar...
— O sabor da minha infancia
Não o quero mais provar.

Não me falem dêsse tempo
De beijos e risos puros,
De canduras fascinadas,
De prodigios, maravilhas,
E de alegrias sem travo...
Deixai-me, deixai-me só,
Que eu não entendo o passado,
Nem olho para o futuro...

Mergulhei no meu presente,
— Mergulhador solitário —
E tudo são muros altos,
Altas muralhas de frio,
Que me escondem o que existe
Para além do meu silêncio...

Não me apontem outros mundos,
Amplas estradas, abertas
Ao sonho que não descrê:
— Ceguei de tanto as buscar,
Emudeci de chama-las,
E hoje apenas descortino
A sombra que me vai nalma,
Que não chega a ser tristeza,
Que não consegue ser dor...

E' como cinza que alastra,
Um gelo que paraliza,
Um pranto enxuto de lagrimas,
Um grito que não ascende,
Bruma inconsutil no ar...

Não me lembrem o passado,
Não me falem do futuro...
— Sou a pedra do caminho
Que nem as hervas rasteiras
Toucaram de primavera.
Não sei o que fui, não penso
O que será amanhã:
— Um sopro me levará
A' torrente que alem foge,
Ao declive que não vejo,
Ao abismo que não temo,
A' noite que não receio,
E é mais triste de que o mar...

Mas talvez acorde então
A saudade dêsse bem
Que ambicionei e não tive,
O desejo que perdi
Por um desejo maior...
E eu peça baixinho á vida
— Ultimo grito de sol
No meu silencio a rezar —
Que me segredem a historia
De fadas e lobishomens,
De princêsas encantadas
E de moiras ao luar...

J O Ã O D E B A R R O S

PORTUGAL.

Mar Grande

(Especial para ESFERA)

DIAS DA COSTA

O farol mandou lá de longe, como uma saudação amistosa, a sua rajada vermelha de luz e se apagou em seguida. A noite estava clara mas a lua não brilhava no céo povoado de estrelas. A cada um daqueles lampejos rubros que vinham do outro lado da baía uma faixa de purpura deslisava fugitiva pela superficie das aguas tranquilas. O silencio da noite era apenas acariciado pelo espraiar das ondas preguiçosas na areia da praia. Os grilos não cantavam na noite e, como era verão, não havia coaxar estridente de sapos na lagôa do fundo. Envolvido pelo silencio, anestesiado por aquela paz absoluta das coisas adormecidas, Carlos se deixava ficar atento e imovel, com todos os sentidos alerta, captando sofregamente as sensações daquele momento que jamais se repetiria em sua vida. Ouvia o marulho das ondas, sentia o cheiro do mar penetrando em suas narinas, recebia na face a caricia da brisa fresca, saboreava guloso o gosto acre do cigarro que lhe pendia dos lábios, vagueava devagar os olhos pelo céo imenso, numa consulta anciosa ás estrelas que cintilavam infatigavelmente. Mas, não foi por muito tempo que pôde fugir de si mesmo. Uma a uma as recordações foram voltando, foram surrupiando-o traiçoeiros ao encanto do mundo em torno, para faze-lo reviver o passado, aquele terrivel passado, que lhe aparecia agora como um pesadelo, ao mesmo tempo muito distante e muito proximo. Era esse passado que o escravizava ainda, estirando as suas garras poderosas por cima daquele mar tranquilo, para vir procura-lo, mesmo ali, dentro do silencio da noite acolhedora como um berço.

Ha seis meses, em vez da luz das estrelas ele tinha por cima da face macilenta, (sempre que um intervalo de lucidez rompia o tumulto de seu delirio) olhos anciosos que procuravam os seus olhos, labios crispados em espectativa carinhosa e angustiada. Eram Beatriz, Edmundo, Elvira ou Jaime, ou todos juntos, que via sempre, infatigaveis, debruçados sobre o seu leito. Lembrava-se da lampada oscilando mansamente, com o quebra-luz espesso amortecendo a sua claridade leitosa, deixando sombras traiçoeiras no teto alto, sombras que o seu delirio povoava de duendes extranhos. Parecia que todas as extravagancias de sua imaginação, recalcadas anos a fio, tinham aproveitado aqueles dias de fraqueza, aquelas horas de luta entre a razão e a loucura, para subirem do mais fundo do seu ser, transbordando em visões desvairadas e alucinantes. As vezes eram monstros desconhecidos, escancarando bocas profundas como cavernas, eram mulheres de longos braços oscilantes, ventres desmedidos, seios enormes e peles coloridas pelas mais extravagantes tatuagens. Eram lugares ermos e desolados, cheios de abismos vertiginosos, com luzes veladas escorrendo em granitos imensos de cores violaceas. Outras vezes eram pessoas que ele conhecera antes, fatos antigos de sua vida, mas tudo deformado, seres e coisas transformados em caricaturas grotescas, movendo-se em paizagens que lhe pareciam familiares, apezar de retocadas de detalhes irreaes e absurdamente inverosimeis. Mesmo agora, tão longe já desse tempo, sentia um frio mau correr-lhe pela espinha, o coração acelerar o seu ritmo, á simples lembrança desses dias povoados de pavores. O passado estava bem ali com ele. Lembrava-se de quando regressara, do ultimo apelo desesperado que lançára ás suas forças agonisantes, para chegar até a casa que parecia fugir sempre para mais longe, diante dos seus passos hesitantes e tropegos. Os dias de tortura, de fome, de inquietação e de humilhações, depois da luta febril sustentada durante tanto tempo, tinham-no transformado naquela ruina humana, naquele resto de nervos esfrangalhados, que se arrastava teimosamente, numa mobilização das ultimos migalhas de energia existentes no seu corpo macerado. Fôra com as mãos crispadas, os maxilares contraidos, os ouvidos zumbindo e um clarão rubro dansando-lhe diante dos olhos que subira os poucos degraus, finalmente alcançados, e batera á porta.

Depois foi o vasio absoluto, por um tempo sem medida, até o tumulto vertiginoso daquele delirio sem fronteiras. Pouco a pouco os periodos de lucidez foram ficando mais longos, e, afinal, sonos sem sonhos lhe permitiram repousos ha muito anciados.

Quando veio a convalescença os dias decorreram tranquilos e doces, com pequenos passeios ao sol, longas conversas sem

rumo fixo e leituras espaçadas e leves. Foi então que a sua velha cidade, com as agulhas dos seus templos numerosos apontadas para o alto, as suas ladeiras serpeando pelas encostas empinadas, seus predios centenarios atravessando horizontes, seus recantos de praias lavados rebrilhantes ao sol, seus ruidos noturnos de atabaques misteriosos e distantes, suas vozes arrastadas que eram ainda o éco misturado de tres linguas diferentes, tudo o que já conhecia antes, criou um encanto novo e mais profundo para a sua sensibilidade afinada e renascente. Um sentimento mais forte para a gente humilde que vivia ali, de compreensão para os seus erros, de piedade humana para os seus sofrimentos encheu-lhe o coração purificado pela tortura. O que era o seu sofrimento isolado, diante da soma dos sofrimentos todos que viviam á sua volta? Esse pensamento deu-lhe força para obedecer ao comando que lhe veio, atravez de Beatriz, Jaime, Edmundo e Elvira, reunidos em Conselho. O momento não lhe permitia cuidar de outra coisa que não fosse ressuscitar o seu corpo destroçado pela tormenta que enfrentara. Tinha que viver, pelo menos durante seis meses, longe de tudo, afastado de qualquer luta.

E ha seis meses estava ali, familiarisando-se com o mar amigo que cantava em torno da ilha, tornando-se dia a dia mais forte, pescando ao sol nos arrecifes batidos pelas vagas, fazendo longas caminhadas pela mataria verde, integrando-se plenamente na natureza poderosa e protetora. Mas nada disso era o mais importante. Agora, no momento em que tinha de decidir, é que sentia o quanto Mariana se tornara um grilhão dificil de quebrar em sua vida. Antes nunca supoz que aquela união nascida de um encontro ao acaso se transformasse naquela necessidade permanente de contacto mutuo, naquela atração cada vez mais forte e que estava se transformando na finalidade unica da vida de ambos. Quando a possuira pela primeira vez, extranhando a naturalidade com que ela se lhe entregava, sem exigir nada em troca, e ainda quando essa posse se repetira, vezes sem conta, sempre encontrando-a desinteressada e amiga, acolhedora no seu abandono, reconfortante na sua ternura de todos os momentos, não supuzera siquer o que ela viria a representar naquele momento decisivo de seu destino.

Bastava fechar os olhos para ve-la em todos os seus traços. Os olhos verdes em contraste com a pele morena, o nariz levemente arrebitado, as orelhas pequenas e bem feitas, a boca sensual de labios grossos e umidos. Seu corpo não se saciára ainda do calor de sua carne moça. Não se cançára dos seus seios empinados, do seu ventre macio, das suas côxas firmes e nervosas, da harmonia dos seus gestos flexuosos, da curva de suas ancas robustas, em forma de anfora. Bastar-lhe-ia transpor mais uma vez aquela porta e desperta-la, para te-la de novo nos braços, para ser docemente envolvido pelo seu carinho, para sentir no rosto o calor do seu halito e perceber nos seus olhos o convite mudo para o seu grande amor sem reservas. Depois a sua voz velada dir-lhe-ia, no momento supremo, palavras entrecortadas que ele já conhecia, mas que sempre acendiam ainda mais os desejos poderosos que estavam no seu corpo agora reconfortado e sadio.

Mas apezar de tudo estar como antes, alguma coisa acontecera que tornara esse sonho impossivel. Seria realmente impossivel? As estrelas estavam brilhando, o mar se alongava pela praia deserta e silenciosa, o farol lhe enviava, lá da ponta da Barra, a sua saudação amiga, Mariana estava tranquila e feliz e a paz estava em todas as coisas em torno.

Porque voltar? Ficando teria toda aquela vida simples e bôa que aquele cantinho tranquilo do mundo lhe oferecia. Teria as longas horas de preguiça, dentro das tardes claras, olhando as velas dos saveiros correndo de leve no mar socegado, empurradas pelo sopro amigo do nordeste fresco. Teria as noites de lua cheia, com as marés grandes galgando os barrancos, esboroando terra, cômendo bocados da ilha, num trabalho secular e permanente de conquista. Nessas noites iluminadas haveria serenatas, haveria sambas, haveria crianças esganiçadas cantando *roda*.

No inverno teria os dias pequenos, a chuva batendo nas telhas, o sueste assobiando terrivel, o grande mar vasio de velas brancas se levantando em vagalhões enormes, homens embuçados em grandes capotes de sarja azul saindo para a chuva, reforçando cautelosos as amarrações frageis dos pequenos barcos acorrentados. Nas manhãs cheias de neblina ficaria á janela, vendo passar pescadores do sul da ilha, de calças de brim grosso arregaçadas, exibindo jarretes musculosos, trotando pela praia molhada, curvados sob o peso dos côfos abarrotados de peixe fresco.

A' tarde chegaria o vapor de Itaparica. Satu' sairia no seu saveiro de vela remendada para receber passageiros escassos. Os

coqueiros agitariam as suas palmas no alto, farfalhando ao vento. Nuvens esgarçadas desenhariam animais fabulosos no campo sem limites do céo azul.

E êle, dentro daquela paz das coisas e dos homens, seria como uma coisa a mais, infinitamente pequena mas infinitamente feliz, sem problemas e sem lutas, sem heroismos e sem rancores, numa volta a um primitivismo simples e ingenuo, capaz de apagar todas as cicatrizes de sua alma, como lhe restituira ao corpo o vigor perdido.

Voltar seria ter de novo os dias agitados e fatigantes, as noites interminaveis e povoadas de temores, o cerebro sempre em tensão, a expectativa permanente de tragedias em todos os instantes, descobrindo sempre uma traição em cada gesto, uma armadilha perigosa em cada palavra. Seria ter de esconder-se outra vez como um criminoso, trabalhar sem descanço, mesmo quando as forças estivessem no ultimo limite, derrubar pequenos interesses em choque, esclarecer com paciencia as mais perigosas incompreensões. Voltar seria talvez reviver os suplicios antigos, o horror das grades impassiveis, as macerações do seu corpo covarde para o sofrimento fisico, os interrogatorios longos e impiedosos, a tortura permanente em suas formas mais desmoralizantes.

No entanto a carta para Mariana estava no seu bolso e ele tinha que decidir. O saveiro de Leonardo estava lá embaixo, na Gambôa, com o mulato no leme, esperando por ele. O apelo dos amigos não permitia adiamentos. Sem a sua presença imediata todo o trabalho teria sido inutil e ele sabia bem as dificuldades que haveria para recomeça-lo. Mas, que importancia teria o fracasso de seu trabalho? Valia aquela luta o sacrificio de sua felicidade? Maquinalmente acendeu um novo cigarro. E, como se tivessem sido despertados pelo clarão do fosforo, umas sobre as outras, como no seu passado delirio, visões passaram vertiginosamente diante de seus olhos cançados. Ele já não estava ali e uma força mais poderosa do que a sua vontade obrigava-o a ver as coisas que ele procurava não enxergar.

Camponezes eram encarcerados pelo crime de cantar em surdina hinos proibidos de libertação. Aviões projetavam em lugares devastados pela morte, sombras escuras de azas metalicas sobre corpos sangrentos de crianças estripadas. Na Asia os corpos amarelos de mulheres insepultas já não atraiam a gula dos corvos indigestos de carniça. Nas fabricas de todo o mundo operarios eram obrigados a construir engenhos de destruição. Em varios lugares meninos de calças curtas eram cuidadosamente instruidos para a matança futura, saudando com braços estirados em gestos mecanicos os deshumanos semeadores de orfandade. E um sopro de loucura homicida varria o mundo, sob o olhar complacente de deuses decrepitos e venais.

Que direito lhe assitia de recuar agora, porque era feliz, porque essas coisas hediondas não estavam se passando sob a sua vista, porque os homens sofriam longe dele, porque as mulheres morriam em lugares distantes, e as crianças que passavam fome não eram seus filhos?

Foi então que o farol, lá da ponta distante da Barra, lhe enviou mais uma vez a sua luz vermelha, que acariciava de leve a superficie parada das aguas adormecidas. A paz que estava nas coisas em torno não se modificou, mas ele sentiu, como jamais sentira antes, que essa paz tão cedo não poderia descer sobre o seu coração marcado pelo sopro da grande tempestade. A paz não era para ele, não podia ser para ele.

As estrelas estavam brilhando, o mar estava socegado, as vagas se espraiavam mansas na praia sem ruidos. Dentro de casa Mariana dormia. Não havia grilos cantando no silencio e o coaxar dos sapos não povoava de sons a lagôa do fundo. Os coqueiros estavam erguidos e tranquilos, com as palmas imoveis decorando a noite quieta. A paz era absoluta sob as estrelas. Mas essa paz não era possivel para ele, porque o farol, lá de longe, do outro lado da baía, lhe enviava a sua mensagem, com o seu clarão vermelho deslisando de leve pela superficie polida das aguas paradas.

Leonardo estava lá embaixo, com o saveiro pronto e o seu cachimbo brilhando na escuridão da noite agora sem misterios.

Carlos olhou as estrelas, olhou o mar imovel, olhou o colar de luzes da cidade defronte, abarcou num ultimo olhar aquele mundo pequeno e enorme que procurava prende-lo. Então, decidido de uma vez, esperou que o farol brilhasse de novo e novamente se apagasse. Depois, com os maxilares contraidos, e um zumbido que já conhecera antes cantando-lhe nos ouvidos abaixou-se devagar, enfiou a carta para Mariana por baixo da porta, ergueu-se num repelão, estirou os braços longos para distender os musculos entorpecidos e marchou pela praia, procurando o saveiro pequeno de Leonardo, emquanto no alto as estrelas continuavam cintilando infatigavelmente.

Á meia-note, em outubro, ao sudoeste

Para ROBERT GARRIC

Especial para "ESFERA"

O corpo e a alma do poeta
estão tão ajustados ás distancias do passado, do presente e do futuro,
que o ar deslocado pelo seu dêdo minimo,
refrescou o rosto de uma criança que dormia sôbre a relva do Ganges.
Pois se o poeta encher o estômago um pouco mais,
náus se afundarão,
ó amigos que desgraça esta emfim!
Se ele queimar uma semente sequer de café ou de trigo,
um ciclone varrerá as ilhas do Pacífico
e ninguem saberá a causa de tantas misérias no mar!
Se ele não vigiar pelas horas da noite,
as luzes da vida se extinguirão,
e se ele não cantar os ninhos não cantarão, desfeitos!
Quando o poeta mantem as mãos apoiadas nas nuvens,
os pomares dão frutos sob sua sombra
e grandes pescas se realisam pelas praias do mundo.
O poeta consegue conduzir seus rebanhos desde as primeiras éras
aos silos suspensos do ano quinze mil.
Quando o poeta se inclina dois gráus além dos equinoxios,
Vega, Sirius e Castor tornam-se estrelas duplas
e as seáras da terra dão trigo para os miseráveis.
Quando ele olha ao sudoeste a estrela Vesper tremeluzindo no céu,
Cheops sóbe na pirámide e o Nilo vem desembocar onde o poeta está.
O corpo e a alma do poeta estão ajustados
ás distancias do passado, do presente e do futuro.

JORGE DE LIMA

O homem perfeito e feliz

(INÉDITO)

THOMÁS MURAT

Goethe foi a Alegria, a Sabedoria, a Verdade, foi todo feito de Beleza e de Perfeição. Passando pela terra, passou como todos os seres passam, mas a sua memoria une hoje as creaturas superiores pela inteligência e pela graça divina de pensar. Deus demorou-se mais a crea-lo do que a crear os outros homens. E deu-lhe um cerebro radioso e um coração profundo. A sua vida foi semelhante a um rio e a um oceano. Rio — refretiu, nas aguas claras e ageis, a mobilidade das imagens e a sombra harmoniosa da sabedoria; oceano — as suas ondas rolaram de misterio em misterio, e cantaram, e ressoaram, e banharam as mais longinquas e serenas praias do espirito humano. Em torno do seu destino nunca houve deserto, porque ele foi toda uma humanidade, e trouxe consigo a eterna agitação da creação, o eterno rumor da vida. Foi por isso, na terra, a mais harmoniosa encarnação do Homem, e a beleza revestiu em seu espirito a irradiação mais pura. Nele houve, em toda a plenitude, o milagre perfeito, como em Platão, Dante, Leonardo da Vinci, Shakespeare. Quando a Natureza se revela num desses milagres, ha musica na Natureza. Quando a Vida assim se eleva, a Vida é profunda como um sonho.

Quando Deus sorri, nasce na terra um homem, cujo destino será um raio de sol. Esse raio de sol aquecerá e iluminará o mundo durante um dia, e esse dia durará um século. Um século que já não morrerá, um século que será universal e eterno e superhumano. Os pensamentos, que o enchem, são os pensamentos de todo um cíclo, e dentro desse cíclo a humanidade se renovará para não morrer. Goethe não realizou apenas um destino porque esteve sempre acima dos outros homens, e porque nele se revelaram todos os destinos belos e profundos. No seu coração ardeu um sol. No seu cerebro scintilou um universo cheio de sabedoria, de piedade e de claridade. Ele amou a vida como Leonardo da Vinci. Sonhou o amor imortal como Dante. Trouxe comsigo o sentido de todas as tragédias como Shakespeare. E foi alto ,e grande, e profundo, e perfeito como Platão.

Deante de sua humana imensidade se curvaram, e resplandeceram, e sonharam as vastas frontes de Schiller, de Wielland e de Herder. E outras frontes se curvaram, e outras frontes resplandeceram, e outras sonharam. Os seus caminhos, na triste e dolorosa terra dos humanos, os cobriram de flores as mulheres. Por onde todos passam, como condenados, como forçados da Esperança e da Alegria, as estradas sem fim onde os outros homens param para chorar a infinita amargura da sua fealdade, ele as cruzou como um deus, e como um deus consolou e abençôou a aspera fadiga dos que tinham fadiga, e a melancolia dos espiritos que habitam a Casa do Desespero.

Goethe é o transfigurador! E' o proféta. E' o poeta. Os homens se converterão á poesia, um dia, porque Goethe existiu. Ele veio para ensinar a lição da beleza. E quem o ignora deve chorar cem vezes a sua desgraça. Vejam as cidades que ele ergueu no País da Poesia e no País da Verdade. As suas mãos devem ser beijadas por todos os povos, como as mãos de Beethoven.

E' dele que renasce a alegria da arte. Ele deu aos homens todas as revelações goetheanas, e o verdadeiro sentido do amor, e a gloria da perfeição constante, e a fascinadora unidade da ciência. Nunca conheceu esse espirito as inferioridades do erro, a tortura do falso, a miséria da dúvida, a dor da impotencia. Seu espirito foi sempre crente, seu coração sempre fiel, seu cerebro sempre profundo. Foi o creador supremo, o artista supremo, o genio supremo.

Quem se aproxima de Goethe se aproxima do seu *eu-total*, do seu subconsciente carregado de forças creadoras, do seu instinto superiormente revelado, e da harmonia de todas as suas faculdades que não se perderão jamais no seio da terra triste, mas se transfigurarão em novas fórmas, em novas apparencias, em novos mundos fecundados de novos sonhos.

Goete ensina que o homem não é imperfeito e que é eterno. Eterno pela inteligencia e pela vontade, eterno pela imaginação e pela dôr. Sózinho, do alto do seu século, do cimo da montanha da sabedoria e da filosofia serena, Goethe vê nascer o mundo novo. Os homens, em baixo, formigam como larvas. Todas as nuvens dos desesperos sociais se acumulam sobre as ca-

beças desses seres desgraçados que ainda não encontraram o sentido da sua felicidade. Os ventos espirituais que as agitam e as impelem, sacodem as almas como arvores tragicas de uma floresta congelada de desalento. As arvores gemem. As arvores erguem os galhos aflitos como mãos de suplicas e de preces e deixam cair na poeira da terra as suas folhas como sonhos...

Todos os ventos sociais tomam essas folhas e as despedaçam, e vergastam essas mãos florais de arvores, em que ha o perfume de mil desejos despedaçados.

Hoje, um século depois de Goethe, os homens que nascem, nascem para a renuncia, para o sacrificio e para a negação. Nenhum século parece tão ameaçado como o nosso. Todas as forças morais se libertaram e avançam contra o nosso espirito. As ondas furiosas desses mares insondáveis que são as sociedades humanas rebentaram os diques que as represavam e precipitam-se com a furia de todos esses séculos de inquietação, de miseria e de tormenta. Livres, as forças profundas do subconsciente da humanidade tudo destruirão para tudo refazerem. Vivemos na idade da negação, do barbarismo das maquinas, das florestas de fabricas sufocantes. Mas depois ha de vir a éra goetheana, a éra de ouro dos homens. Virá a serenidade, virá a tranquilidade, a superioridade dos espirito. *Mephistopheles* —o ultimo míto da nossa imaginação — se apagará da nossa mente. Todo homem será livre, e bom segundo a verdadeira bondade, e belo segundo a verdadeira beleza. Deus terá, para nós, o sentido goetheano e assim todas as cousas, o bem, a verdade, a arte, a vida, a ciência, a felicidade pura. Antes da éra de Goethe, todos nós sofreremos, porque é preciso sofrer em busca da perfeição tranquila e imutavel. Imutavel, no sentido de continuamente perfeita, tranquila, no sentido de sempre identica a si propria, e a Deus, e á Beleza Universal.

Vivemos hoje em Nietzsche, mas é preciso vivermos em Goethe. Nietzsche, é a violencia. Goethe é a serenidade. Nietzsche é o assalto do nosso espirito contra todas as forças da natureza e da sociedade que nos são hostis. Goethe é a harmoniosa alegria da nossa vitoria total sobre a natureza e a sociedade. Em Nietzsche está a guerra, que é desequilibrio, em Goethe a paz profunda, o absoluto esplendor do nosso ser, a fusão da nossa alma na consciencia dispersa do universo.

Goethe é o supremo caminho! Até onde nos poderá levar o seu genio, a nós, imperfeitos seres desta edade da pedra do conhecimento e da ciencia! Que somos nós em face de tudo o que ele entreviu? Um pouco mais, talvez, que a poeira que rola no infinito.

Poesia e verdade. Viver em peosia e em verdade. Viver acima dos homens de hoje, viver numa humanidade mais alta, que realize na terra o mito goetheano, a realidade goetheana.

Esse dia virá. Homens e cousas nascerão de novo. Tudo pode renascer. E Goethe renascerá com os novos homens, com as novas cousas, para um mundo novo. De toda parte, de céu a céu, se verá cantar, fulgir, estender-se infinitamente a alegria azul dos deuses e dos homens felizes e perfeitos. A sabedoria, na ceia dos justos e dos sabios, será o nosso pão de cada dia.

E os povos não serão mais como grandes massas inconscientes, desbaratadas pela fatalidade e pelo destino. Ignoramos ainda o cristianismo goetheano. Nenhum de nós abriu e leu, com os olhos do espirito, o evangelho de ciência e beleza que Goethe nos legou. O homem perfeito e feliz deixou-nos entre os dedos, o segredo do seu destino igual ao dos deuses, que é o livro da sua vida. Mas desse "evangelho dos evangelhos" de que fala Carlyle, nós ainda não soubemos tirar, para a imperfeição e a desordem das nossas existencias incompletas, a lição da sabedoria serena e da alegria perfeita...

(Do ensaio "Goethe e a imperfeição do nosso século)

A NATUREZA, O HOMEM E A CULTURA DO BRASIL

O escritor argentino Atilio Garcia Mellid está trabalhando na preparação de um livro que se intitulará **Hallazgo del Brasil.** Muitos capitulos dessa obra estão sendo publicadas no decano da imprensa argentina — **La Capital,** de Rosario. Atendendo a que o Snr. Garcia Mellid se propõe a oferecer à America Espanhola uma noticia atual e viva da literatura brasileira, consideramos oportuno chamar a atenção de escritores e editores, para que lhe prestem a colaboração que merece pelo seu belo e honesto esfôrço, enviando seus livros e suas edições para: **Calle Rincón, 137** — Buenos-Aires.

João Placido

ESPECIAL PARA ESFERA

JOEL SILVEIRA

O sol morto engolfava o cemiterio naquela luz mortiça, avermelhada, as louzas brancas rebrilhavam, palidamente, na frieza da hora de transição. João Placido, sentinéla de todos os dias no portão nêgro, estendeu os olhos para o ponto indefinido de sempre, como fazia nas tardes diarias. Resumiu o mundo numa olhadéla furtiva para o panorama minguado que o cemiterio, da sua elevação acanhada, descortinava.

O cigarro soltava uma fumaça cinzenta, que tinha muito daquela tarde, de todas as tardes. Demonio estava aos seus pés, os olhos sanguineos, o rabo curto balançando mansamente. Soltava, de vez em quando, ganidos tristes e enroscava-se nas pernas do dono. Mas João Placido perdêra-se no mutismo como num emaranhado.

A tarde estava como o proprio cemiterio. Havia até um cortejo estranho de nuvens pardacentes e rubras, acompanhando o sol ao ocaso, como num enterro. Varias nuvens brancas, esgarçadas, desprendidas, eram como louzas anonimas.

João Placido ficou ainda um tempo grande ali, parado, deixando que a fumaça do cigarro encurvasse em dobras de serpente no ar manso. Demonio descansou a cabeça nas patas dianteiras e fechou um olho. O outro olho ficou aberto, ensanguentado como uma ferida.

No jardim as boninas esticavam o pescoço dos seus caules esguios. Buliam-se, misteriosamente, as dalias rôxas. E os jasmins, muito brancos como pedaços de ossos, soltavam no ar um perfume que balsamisava. Atráz do portão e do jardim, começava o cemiterio, o cemiterio que é soménte de João Placido. E' uma area reduzida, cheia de cruzes rusticas cravadas na areia amarela e fôfa, envelhecidas pelas flôres antigas e abandonadas que cheiram á ruina.

Entre o cemiterio e o jardim, João Placido, durante trinta anos, resumiu a vida. Vida e morte.

No jardim ha flôres que riem, passaros, que cantam, ha uma samambaia comprida e esguia que é como uma doida gesticulando sempre, aos empurrões com o vento. Ha insétos de azas verdes que brilham ao sol. Ha borboletas que beijam as flôres, azas amarelas, azas vermelhas, azas que se perdem na grandeza confortadôra do céu. O jardim é um pedaço de vida que o cemiterio não conseguiu engulir.

Atrás do portão negro, o cemiterio é um campo raso espetádo de cruzes. Ha tambem mausoléus quasi imponentes, de cruzes marmoreas e inscrições de bronze. Todas as cóvas se alinham em ruasinhas estreitas, que desemborcam em praças minusculas e rigorosamente quadradas.

João Placido anda por entre as cóvas e as louzas frias. Demonio vai atrás, abanando o rabo cotó, morrendo de velhice. Os olhos são duas póstas de sangue. Leva na anca direita uma ferida crônica onde os mosquitos, ha anos, vêm fazer o repasto.

Os passarinhos não atravessam o muro gradeado: o portão nêgro espanta-os. No cemitério, alem da existencia humana anulada, vivem as formigas e os vermes. As formigas andam em fileiras infindas, arrastando-se num trabalho continuo, ligando em linhas rétas e nêgras a brancura parada das louzas.

De dia, quando o sol brilha, cada pedaço de louza solta um suspiro de luz, que é uma tentativa de vida tentando vencer a imobilidade do marmore cadaver. O sorriso das louzas não tem expressão. O jardim lá fóra sabe disso. E ri superiormente no canto dos passaros e no grito das flôres.

●

Trinta anos de uma vida entre túmulos e cruzes, deram a João Placido sua filosofía — reduzida filosofía que ele explana, unicamente, á compreensão caduca de Demonio. João Placido sabe, por exemplo, que entre a vida e a morte só ha diferença de transição. Sabe que viver é cumprir um determinismo. E sabe que a morte é uma consequência. Está acostumado a ver entrar pelo portão do cemiterio, que é uma guéla insaciavel, vidas de todas as idades, vidas que cruzaram todas as estradas, que acreditaram nos destinos mais diferentes e mais

impossiveis. Homens e mulheres, crianças e velhos.

João Placido resmunga nas tardes — e o resmungo quer dizer, mais ou menos, que João Placido acredita na vida como no jardim. Amassa o cigarro nos labios encolhidos, encostado no portão, e olha Demonio que balança o rabo curto, os olhos vermêlhos mostrando inteligencia. O panorama é o mesmo de sempre. Ha flôres que nascem, brotam em petalas de purpura. Ha outras que crescem mais, destacando-se no meio do canteiro plano. Ha trinta anos que êle conhece o espetaculo. Lembra-se das corolas que empreteceram, ficaram negras e sêccas com o acumulo dos dias.

João Placido, então, nestas límpidas manhãs, desce ao jardim. Atravessa os canteiros, arranca uma ou outra flôr, ouve o canto de um ou outro passaro, acompanha o vôo distraído de uma borboleta qualquer. O sol brilha — os raios, bipartindo-se, se perdem em cada petala e em cada fôlha. Demonio vai atrás, resumindo neste acompanhamento submisso a única finalidade da sua vida.

•

Ha trinta anos passados, João Placido não tinha aquela touca de algodão embranquecendo a cabeça. Os musculos eram jovens e a vida um espanto e um entusiasmo. O coração batia e devia ser vermelho. Hoje ele sabe que o coração dá mostras de cansado e procura esquecê-lo. Evita por a mão no peito.

Ama olhar o sol, como todo vencido. Escancara os olhos para a luz. Os raios penetram abruptamente e arrancam lagrimas das pupilas gastas. Ficam brilhando, na pele morena e sulcada, estrias finas de prata. João Placido sente a vida nas lagrimas que escorrem e sorrí, inutilizando com o riso a amostra de tristeza que as lágrimas fizeram.

Volta para o cemiterio. Demonio segue-o. E Demonio é o escudeiro submisso e obediente daquele cavaleiro audás que passeia, vitoriosamente, por entre aquelas mil vidas fraccassadas. João Placido é quasi um gigante. Mas, ali, é mais do que isso: é um despota completo. O silencio é o seu maior vassalo.

•

Um dia João Placido subiu á capela, tangeu a corda do sino e ficou surprezo: parecia que o sino já não era de bronze. O peso era de chumbo e de chumbo era a voz pesada que encheu o ar. João Placido soltou a corda e ficou olhando o velho sino. Não havia mais sol. Era numa tarde, e o que havia era o silencio, um silencio opaco. Como então explicar aquelas lagrimas nos olhos de João Placido?

João Placido desceu os olhos e olhou o chão. Demonio estava a seus pés, esperando alguma coisa pelas pupilas vermelhas. Os mosquitos voavam na ferida aberta, o rabo gesticulava uma conversa incompreensivel. João Placido arrancou os olhos do chão e apalpou os braços. Não encontrou os musculos.

Compreendeu, então, o drama. Compreendeu que já não tinha vida suficiente para distribuir com o sino. Compreendeu tambem que alguma coisa estava se apagando. Não sabia direito dizer se era o dia ou se era êle proprio.

Desceu os degraus da escada velha. Tropeçou no último e caiu. O joelho posou na areia fôfa: João Placido sentiu o contacto da terra e estremeceu.

•

Ficou com aquele gosto de terra no corpo.

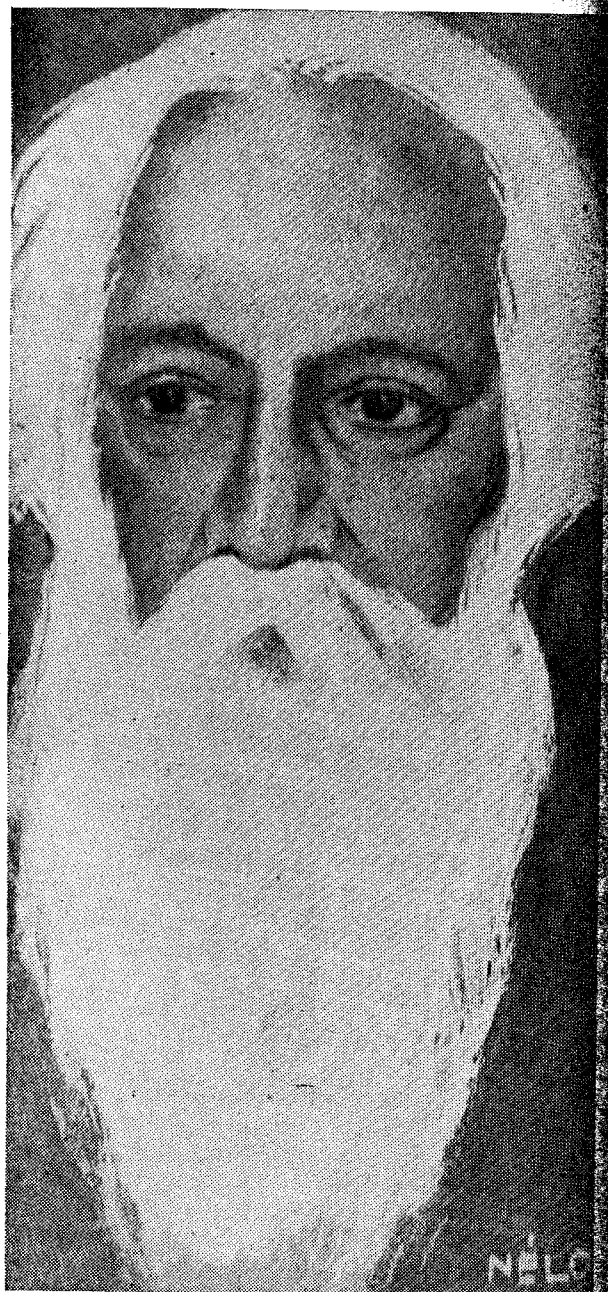
Acordou, numa noite, com um ruido estranho. Pensou no sino, porque o ruido era ritmico, tinha muito de uma musica, uniforme e invariavel. Sondou o ar com os ouvidos — o som parecia vir de muito perto. Não, não era o sino. Era um som mais apressado, parecia a carreira compassada de um cavalo com ferraduras de bronze.

Instintivamente a mão subiu ao coração. João Placido, de um salto, ergueu-se. Ficou gigante na noite densa e deserta. Gritou. Mas muito diferente das outras vezes, o coração suspendeu a voz. A canção ritmada encheu o mundo. E a monotonia daquele cansaço foi adormecendo as palpebras de sessenta anos. João Placido deitou-se ao comprido e esperou: a canção foi morrendo. Morreu com êle.

•

Demonio ouviu o ultimo suspiro. Acordou. Abriu um olho e depois o outro. Levantou-se e farejou o dono. João Placido tinha o rosto como uma lousa. Demonio olhou o céu e procurou a luz. Mas o céu era uma pláca de chumbo. Latiu triste, então, para as cruzes e para os eucaliptos compridos.

Tagore e Gorki

(Especial para ESFERA)

De

N é l o

S Ã O P A U L O

Puck ainda faz das suas...

TELMO VERGARA

(Especial para ESFERA)

Sim. Eu acho que o gurí arteiro, que se chama Puck, andou fazendo mais uma das suas noturnas travessuras. Mais uma vez, ele andou espolhando o seu sortilegio sobre a pobre cabeça dos mortais.

O diabo é que Puck, desta vez, escolheu, mal. Ou bem? Sei lá! Quem sabe dos ocultos designios daquele shackespeareano e imprevisto gurí...

O fáto é que, bem ou mal, em vez de improvisados atores em treino, Puck, agora, escolheu os homens de letras. Modificou-lhes a respeitavel cabeça. E apareceram os "donos da verdade literaria". E, como toda a vez em que a verdade começa a ser conclamada de dois lados — aconteceu uma confusão incrível e espessa.

De um lado, os donos da verdade n.º 1 proclamam: "Só vale a ficção que refléte os problemas sociais angustiosos da época. Tudo o mais é besteira e covardia!". De outro lado, os donos da verdade n.º 2 berram: "Só vale a ficção que traduz os íntimos anceios da alma humana, na sua contínua aspiração para a perfeição divina! Tudo o mais é porcaria e anti-social!"

Puck! Puck! Pra quê foste fazer isso, menino travesso?!

Pois êsses donos da verdade literaria — tamanha a confusão que lhes espalhaste no craneo — esqueceram que a ficção não deve estar a serviço de idéas ou téses e vale por si mesma, pelo que possue de entranhadamente humano, sem "partis-pris" de qualquer especie, político ou religioso, social ou theista. Pois êsses novos barões feudais da literatura esqueceram que a ficção só póde ter um rumo: o de refletir a vida no que ela tem de imperecivelmente humano. Pois esses barões esqueceram que do naufrágio do naturalismo só se salvaram os autores que não deixaram de lado o individuo. Pois esses senhores da verdade esqueceram que o religioso e o social, em arte, são aspétos secundarios e acidentais e que o panfleto e a catequese, em ficção, são a negação da propria ficção. Pois essa gente, si fosse contemporanea de Machado de Assis, era capaz de encostar o pobre no muro e — ratátá — fuzilá-lo por um destes dois crimes: ele nunca falou em religião; em meio da fogueira da propaganda republicana e do abolicionismo — ele foi apenas o escritor humano e relegou a um plano secundario esses acontecimentos do momento...

Puck! Puck! Pra quê foste fazer isso, menino arteiro?! E o que vai ser dessa gente quando olhar em qualquer superficie refletora o resultado da tua travessura?

Não seria bom estender-lhes, já e já, agora mesmo, uma bacía com agua, um espelhinho de brinde ou, mesmo, mostrar-lhes o vidro de qualquer montra de livraria?

Mas, vou deixar Puck ali dentro da estante e vou pensar no livro com que Athos Damasceno Ferreira se estreou na literatura de ficção.

O que, primeiro, impressiona em "Moleque" é um detalhe de técnica — a rapidez das cenas, os cortes continuos na narrativa diréta.

E essa rapidez, ao contrario do que deveria suceder, não nos dá uma sensação de atropelo e pressa, uma sensação de inacabado. Pelo contrario, as personagens e os quadros, apresentados nessa técnica de velocidade — ficam gravados em nossa memoria com a mais espantosa nitidez. "Moleque" é um livro que — pode-se afirmar — se grava em nossa memoria superlotada, justamente porque foi escrito nessa técnica de sucessão rápida de cenas breves. Romance-arroio, ou melhor, romance-corrego, em contraposição ao lento romance-rio... Inverso de "Manathan-Transfer". A proposito — quem póde afirmar que se lembra, em todos os detalhes, de um "Contraponto", de um "Faux-Monnayeurs", de um "A' la récherche du temps perdu"?

Pepita, Dona Rita, Dindinha, Nico, Jeronima, a casa colonial, as duas paineiras velhas, o riacho com os barrancos marginando pela longa moita de bambús — esse o mundinho do pobre, do infeliz negro Benedito, irmão do Santo Negrinho do Pastoreio.

Esse mundinho pequeno e sem importancia está vivo, imperecivel, dentro de "Moleque", construido pela força ficcionista do autor, força que brota insinuante e viva daquelas cenas fugaces, daquela alucinante velocidade.

Não digo que "Moleque" seja um livro perfeito, sem defeitos (nem o autor desejaria que afirmassem isso sobre um livro de es-

Marinha

(Especial para ESFERA)

á Marcos de Queiroz

Ás cordas rangem, como nervos,
sobre os mastros inquietos...
E no clarão azul-oceanico da tarde,
que os ventos acenderam,
as velas partem
barra afora,
para as visões noturnas do alto-mar...

Quando a amada pedir-te uns versos tristes,
fala-lhe no olhar dos velhos marinheiros
que não podem viajar...

ANTONIO DE PADUA

tréa, por isto que ele deve conhecer esta verdade: pobres dos autores que se estreiam perfeitos...) não digo isso. Mas digo que é um livro em que se encontra a vida, o elemento humano.

A personagem Pepita, por si só, já bastaria para provar essa minha afirmação. A volupia sopitada, mas que póde explodir a todo momento, a vontade de conhecer a vida em toda a sua plenitude, a nonchalance egoística, a discreta ingenuidade — tudo está marcando com uma grande força de realidade a alma da mocinha Pepita, presa no ambiente confinado de arrabalde, a dois passos do amor e das promessas adivinhadas da carne.

Como medida da força de Athos Damasceno Ferreira ao movimentar cenas maiores, de mais longa movimentação e mais cheias de personagens — temos aquela pavorosa injustiça sofrida pelo negrinho Benedito, desde a cena gostosa em que o filho da patroa olha o banho da filha da visinha, até o instante em que Benedito recebe a surra pelo pecado do outro, a incrivel surra que deixa o assoalho da varanda molhado pela urina do novo Negrinho do Pastoreio. A ironía, misturada com o drama e com a piedade, são os tres elementos que emprestam a essa cena um tom de verdadeiro e de comovente, que quasi nos traz lagrimas aos olhos, de pena do pobre Benedito.

"Moleque", apesar de não ser um livro perfeito, é uma novela em que se encontra a vida e o elemdento humano.

Nela não se encontra nem o aspéto social (Athos Damasceno Ferreira mal fala no cortiço visinho á casa de dona Rita...) nem o aspéto religioso (o autor não faz nem dona Rita, nem Dindinha, nem Pepita ir á missa...).

Está, pois, se vendo que não pertence a nenhum dos senhores feudais acima citados. Não póde ser catalogada nem entre os donos da verdade n.º 1, nem entre os da verdade n.º 2.

Está, assim, a novela de Athos Damasceno Ferreira condenada ou aos ataques das duas alas, ou ao mais compacto silencio.

E ante isso só resta uma solução: arregimentemo-nos, abencerragens da arte apenas pela vida, da literatura apenas pelo elemento humano, arregimentemo-nos e proclamemos a verdade n.º 3.

E gritemos por ela, isto é, gritemos em defesa do que a literatura tem de humano e de mais alto.

Mas... Gritemos? Verdade n.º 3? Que diabo! Quer ver... Sim, quer ver que Puck tambem andou me botando no brinquedo? Quer ver?

Função estética do ritmo

(Da importancia do ritmo em geral e no cinema em paticular)

ROBERTO NOBRE

A fotografía é considerada a base do cinema, como a pclavra a base do teatro. Isto é tão claro e elementar que parece não necessitar explicação.

Ora são exactamente as cousas demasiado claras e elementares que se me tornam suspeitcs e que necessito ver amplamente explicadas.

Certo escritor, pessoa de resto de invulgar talento, disse-me um dia que não tinha fé no futuro do cinema porque ele se baseava na fotografía, e não havia cousa menos excctа e mais estúpida que uma fotografia.

De facto a fotografía "exacta" é, em geral, uma traição à verdade íntima das cousas. Mas a base do cinemc não é a fotografía, uma cousa estática, e sim o ritmo de fotografias, uma cousa viva, subjectiva e essencialmente dinâmica. Também o teatro não é a "palavra", um frio significado de dicionário, mas a sequência das palavras, uma intenção a viver e a exprimir-se por um ritmo, portcnto.

Nisto está tudo. O cinema, ritmo de fotografias, não só não é fotografía mas o *oposto* de fotografía, como um corpo vivo o é dum corpo morto.

Isto não quere dizer, é claro, que a fotografía não tenha a sua belêza, como um corpo morto tem a sua expressão. Por fotografía deve entender-se a fixação plástica, em determinado momento, de determinado motivo. Fixou, portanto, a beleza daquele motivo naquele instante.

A fotografía em cinema é apenas um intermediário mecânico ao serviço duma arte, porque o cinema é, matericlmente falando, a fixação ritmica dum motivo em movimento.

Ainda sob o aspecto de beleza material (e não falando dos temas que pretende servir) o cinema abrange completcmente as três únicas modalidades da beleza plástica: a beleza do motivo em si mesmo, a beleza do motivo em movimento, a beleza do movimento por ele próprio. Nisto se resume todo o "complexo" da beleza plástica em cinema.

Não esqueçamos que a beleza do movimento por ele mesmc (abstraindo do motivo que se move) foi uma das mais belas descobertas da arte moderna, base das ducs mais importantes reacções contra o cubismo: o expressionismo e o intercepcionismo, cuja ambição màxima era fixar o movimento independentemente dos objectos moventes.

O ritmo é pois a alma do cinema. Mais, o ritmo está em tudo o que se desintegra em vida, em prazer, em arte. Julgo que não está ainda suficientemente observada a importância total do ritmo na sua funcção universal.

Todo o "conhecimento" humano vem do ritmo. Quasi se pode dizer que toda a sensação parte exclusivamente do ritmo. A luz é cientificamente um ritmo de emanações luminosas (quer na teoria balistica quer na ondulante); o som um ritmo de vibrações; a própria matéria um ritmo microscópico de movimentos atómicos.

Toda a força "viva" da natureza está coordenada em ritmos: a electricidade, o magnetismo, o radium.

Ha o ritmo dos sistemas planetários e estelares e ele está nas marés, na sucessão das estações do cno, no dia e na noite, no nascer, crescer e morrer de cada sêr vivo, nas reacções da quimica, etc.

Ele é o apanágio da vida superior: nas plantas a circulação é por ccpilaridade e por osmose, no reino animal ela faz-se pelo ritmo das pulsações. Sim, é o ritmo do coração que preside a toda a vida animal.

Num ser que recebe festas, é o ritmo dcs carícias que lhe dá a sensação de prazer. Mais, o ritmo é a fonte da vida. E' dum ritmo que surge o prazer máximo do amôr e da procreação.

Receio que tudo isto seja tomado apenas como vontade de espécular da minha parte. Mas não. Bergson, o filosofo mcis amado pelos artistas, pode vir em meu socorro. Ele, embora caminhando em sentido contrário do que estamos trilhando aqui, isto é, partindo da mecânica do conhecimento para o ritmo cinematogrcfico e não do ritmo como báse do conhecimento (ou

melhor, da inteligente percepção das cousas) fornece-nos uma comprovação flagrantissima, pois vai buscar o próprio ritmo de cinema como exemplo.

Diz Bergson em "A evolução criadora":

"O mecanismo da inteligência é cinematográfico. Nós tomamos vistas instantâneas da realidade que passa e, como elas são caracteristicas dessa realidade, bastanos enfileira-las ao longo duma formação progressiva, abstracta, uniforme, invisivel, situada no fundo do aparelho do conhecimento, para imitar o que ha de caracteristico nessa própria formação".

Isto significa claramente que, para Bergson, um ritmo de sensações, apreendidas pelo "aparelho do conhecimento", preside ao próprio conhecimento inteligente das cousas, à mecânica do pensamento portanto, e mais, que se trata dum ritmo do tipo cinematográfico.

Nos olhos e nos ouvidos, principais veículos do contacto exterior, ha uma aparente continuidade porque o ritmo do conhecimento desses sentidos é inferior ao ritmo das emissões de luz e de som. E' por esta razão que uma nota prolongada, formada por uma longa série de vibrações de egual intensidade, parece um som uniforme e contínuo.

Mais: a base da mecânica do cinema está numa ilusão de óptica que se filia nisso. O ritmo da mutação das fotografias projectadas sucessivamente na tela é superior ao ritmo da percepção dos nossos olhos. As sucessivas fotografias que o fundo da nossa retina vai tirando e que formam o nosso conhecimento visual, têm um ritmo de "instantâneos" mais lento. Isso deixa uma ilosória seqüência aos movimentos projectados, pois os olhos não têm a suficiente agilidade para surpreender as sucessivas paragens.

Se nos dirigimos para a Arte é escusado acentuar que o Belo tem por base o ritmo. Ritmo musical se ele está nos sons; de palavras se a ôbra é para ser lida ou dita; de linhas, na escultura e no desenho; de côr, na pintura; de movimentos no bailado, etc.

Não é isolando qualquer som, qualquer linha, qualquer côr, qualquer movimento que se obtem a sensação de beleza. Nem tampouco isso se atinge com um conjunto desordenado de muitos dêles, mas sim quando a êsse conjunto corresponde uma ordem subjectiva a que se chamou ritmo.

Não se deve confundir aqui ordem com o sentido burguês destas palavras. As aparentes arritmias e desordens da arte moderna, têm o seu ritmo subtil, revolucionário sim, mas um ritmo duma estética nova que seria longo e inoportuno debater aqui.

O cinema é a arte máxima do ritmo. E' o ritmo de imagens e de sons, o ritmo de acção, o ritmo intelectual do assunto desenvolvido comum a todas as obras de ficção.

O cinema americano sugeita práticamente o ritmo a formulas matemáticas, cronométricas, exactas, para atingir o "perfeito". Enjaulou-o, ritmo, como a música em compasso trenário, quaternário, de três por quatro.

Ora eu desejo o ritmo expontâneo, subjectivo, um ritmo para cada assunto, vários ritmos na mesma obra, conforme o seu grau de emoção, assim como um bailado ou uma sinfonia têm vários andamentos.

A boa orquestração duma obra cinematográfica deve ser formada pelo ritmo dos ritmos.

Portugal

(Especial para ESFERA)

SENHOR,
eu te deixei...

(Especial para ESFERA)

Para Jorge de Lima, Murilo Mendes e Adalgisa Nery

Senhor,
eu tambem já fui cego como os loucos
e surdo como os apaixonados.
Eu nada queria ver,
eu nada queria ouvir,
além da tua liturgia e dos teus canticos.
Mas, um dia, senhor, eu vi o mundo que me rodeava
cheio de injustiças, crimes, miserias, opressões,
e tudo compreendi...
Então, senhor, eu te deixei...

Eu te deixei, senhor, quando vi mendigos e crianças
dormindo á porta das tuas igrejas suntuosas,
em noites intermináveis de chuva;
eu te deixei, senhor, quando percebi que as tuas doutrinas
serviam para manter o previlegio de alguns
sobre a miseria de muitos;
eu te deixei, senhor,
quando senti que pregavas a humilhação e a humildade
áqueles que foram sempre humildes e pacientes;
eu te deixei, senhor, quando li nos teus livros
a pregação da paz entre mendigos e nababos,
entre oprimidos e opressores — paz impossivel, senhor,
quando os filhos do pobre pedem pão!

Eu sempre amei os pobres e oprimidos — por isso te deixei, senhor.

E quando mais tarde
a miseria tiver desaparecido da face da terra
e a justiça reinar entre todos os homens,
eu não te chamarei, senhor,
porque ninguem mais será cégo como os loucos
e surdo como os apaixonados!...

ROSSINE CAMARGO GUARNIERI

Poesia Negra

(Especial para ESFERA)

RUI DE CARVALHO

No Brasil não há, nunca houve poesia negra. Quando falo em poesia negra, entendo poesia feita por indivíduo de raça negra e vasada naquele ritmo caraterístico, "barbaro y tierno a la vez" na expressão de Ernesto Morales. Naquele ritmo caraterístico em que há retalhos da alma negra, mixto de volúpia e submissão. Poesia negra autêntica assim, nunca tivemos no Brasil. Certo, tem havido entre nós notáveis poetas de raça negra. Mas êstes, como o torturado Cruz e Souza das maiúsculas superabundantes, preferem dar-se ao luxo de cantar as "alvas, brancas formas claras". Pudor. Desespêro. Por outro lado, também é certo que os motivos negros têm sido cantados entre nós. Mas são brancos, paradoxalmente, os poetas que, no Brasil, têm tecido variações sôbre êles: Castro Alves, Jorge de Lima, Murilo Araújo, Ciro Costa, Manoel de Abreu, Jorge Amado (pois "Jubiabá", não é um autêntico poema segundo o moderno conceito de poesia?), e outros.

Indiscutível é o fáto de que os negros no Brasil, quando poetas, se eximem a cantar a sua raça. Entôam, de preferência, cantos de antífona, onde as formas são sempre cristalinas, vagas e flúidas, e por onde passam, "constelarmente puras", virgens e santas vaporosas... Um psicanalista veria nisso sintomas neurósicos de conflitos psíquicos, de idéas reprimidas, recalcadas e substituidas disfarçadamente.

Fôsse um negro fazer simbolismo por exemplo na América do Norte, onde o "coloured man" só é concebível ruminando as suas toadas e curtindo o seu banzo, e cairia no ridículo mais inclemente.

Poesia negra autêntica, feita por negros, e com motivos negros, existe, sim, nos Estados Unidos, não obstante o ódio de que vivem êles cercados. Ou, talvez, por isso mesmo. Também em Cuba, no Haití, como em São Domingos e Porto Rico, há uma brilhante literatura negra. Porém nos Estados Unidos é que está o seu maior contingente, embora lá os negros tenham sido alvo da mais cruenta perseguição, desde a sua introdução pelos negreiros ingleses. Langston Hughes, Claude Mac Kay e Dunbar são poetas que honrariam qualquer nação e qualquer raça.

Especialmente Langston Hughes que, além de poeta, é novelista — novelista de vidas negras —, dono de uma fama notável em todo o Continente. O seu veemente e anematizante poema "I sing too America" deu-lhe uma popularidade transoceânica.

Em Cuba, como também nas demais Antilhas, cuja população tem um alto coeficiente negro, grandes poetas se impuseram. Nicolás Guillén e Emílio Ballagas, cubanos, avultam entre os maiores. Jacques Roumain, do Haití, Manuel Cabral, de São Domingos, e Luís Palés Matos, de Porto Rico, todos, com excepção de Guillén, completamente desconhecidos no resto do Continente, também exaltaram em versos a sua raça oprimida. Para o leitor ávido de novos "frissons" e de emoções inesperadas, não há como a leitura dêsses poemas exóticos que desvendam um mundo humano e realíssimo, mais que um simples artifício de polichinelos e fantoches.

Rimbaud, o caluniado Rimbaud de quem disseram que fazia versos em latim e que era invertido sexual, tem um poema originalíssimo, porque "diferente", em que atribue côres ás vogais. E' belo, na verdade, e tem efeito:

"A noir, E blanc, I rouge, U vert, O bleu,
[voyelles".

Não sei si por reminiscência de leitura e adaptação ou si por engenho próprio, admitindo que êle nunca tenha lido Rimbaud, Luis Palés Matos encontrou sons para representá-las, numa obsessão fonográfica, o furioso U e o profundo O. O poema tem teatralidade:

"Rompen los junjunes en furiosa Ú.
Los gongos trepidan con profunda Ó.
Es la raza negra que ondulando va
en el ritmo gordo del mariyandá".

E segue o poema nessa representação obsessiva dos sons pelas vogais, especialmente pelo O e pelo U:

"Calabó y bambú.
Bambú y calabó.
El Gran Cocoroco dice tu-cu-tú.
La Gran Cocoroca dice to-co-tó".

HUMANIDADE

Fui, hoje, sepultar aquele bom velhinho,
veterano da Guerra dos Farrapos,
a quem eu dedicava o meu maior carinho.

A blusa que o vestia era um pendão de trapos,
um mapa espiritual de tudo quanto é chão...

Essa, a sua mortalha derradeira,
— uma triste, uma pobre, uma grande bandeira:

um farrapo da côr de cada pavilhão!

M A R I O D O N A T O

(São Paulo).

Poesia negra assim absoluta, ritmo negro, motivo negro, autor negro, estamos por ter no Brasil. Falta ao negro brasileiro, quando literato, essa "consciousness of kind" de que falam os sociólogos norteamericanos, e que imprime um marco pessoal, uma côr local á poesia negra da América do Norte e das Antilhas. No Brasil, quando um negro tem um pingo de discernimento e enxerga meio palmo adiante do nariz, logo se torna pernóstico. Enxerido. Intolerável. Começa por se desconhecer, e desanda a fazer desatinos. Pensa que tem um deus na barriga, e, si não ambiciona pôr ovos de ouro como a galinha fabulosa, é porque tem ambições mais altas e inatingíveis. Transpira sapiência por todos os poros. Quando poeta, poetiza tudo. Apenas, nenhuma alusão á sua condição social, ao estigma de inferioridade que a côr lhe põe na epiderme.

Não obstante, bem melhor partido tomaria contando cousas dos seus irmãos de raça, sutilezas dessa psicologia que o mais arguto dissecador de almas — não sendo negro —, não consegue surpreender. A vida objetiva dos negros tem sido largamente estudada no Brasil. Em romances e em ensaios monográficos. E o sucesso dêsses ensaios e desses romances é um convite permanente a que apareçam novos e novos se sucedam.

A vida subjetiva, porém, as suas reações psicológicas, mais que os simples caracteres somáticos, ainda estão por ter o seu estudioso apaixonado. Aliás, só por um negro poderá ser bem versada, com o necessário conhecimento de causa. Que apareça quem nô-la desvende em poesia. A nossa poesia é um deserto de almas negras, monótona que ela está se tornando, e os "good sellers" estão escassos. Poesia, de resto, não decorre de emulação.

"Anch'io son' pittore" já dissera o Corrégio diante da Santa Cecília de Rafael. Bem que um negro dono de talento poderia, despindo aos nossos olhos a supreendente psiqué da sua raça, parodiar-lhe a expressão, exclamando, diante dos versos de Hughes, Guillén e Palés Matos, "Anch'io son' poeta!".

Estes homens educados na Inglaterra

MIROEL SILVEIRA

(Especial para ESFERA)

O sr. José de Cavalcanti era um homem desambientado. Nascido em Pernambuco, educado na Inglaterra, acabara fixando residencia aqui quando terminaram os dinheiros que o sustentavam lá. No colégio inglês de Eleridge sentira-se como um brasileiro deportado. De volta ao país natal, tratavam-no como um inglês importado. O sr. José de Cavalcanti estava, portanto na triste situação de quem não féde nem cheira.

Foi nesse ponto dramático da sua existencia que o sr. José de Cavalcanti teve a felicidade de conhecer o sr. Amaro Rangel Siqueira.

O Sr. Amaro Rangel Siqueira era sogro nato do Sr. José de Cavalcanti: tambem fôra educado na Inglaterra, num colégio vizinho ao de Eleridge, o colégio de Hammock Hills.

Assim que o conheceu, o sr. José de Cavalcanti pensou, com o devido respeito, que poderia vir a ter a honra de chegar a ser um dia amigo do sr. Amaro Rangel Siqueira. Mas, tendo tido conhecimento da diferença de idade que os separava, uns vinte e cinco anos, aproximadamente, achou que ficaria mais corréto o fazer-se seu genro. Teria, assim, justificativas para conviver diariamente com uma pessoa tão distinta quanto o sr. Amaro Rangel Siqueira.

Foi com grande satisfação que o sr. Amaro Rangel Siqueira respondeu ás cautelosas perguntas sobre o seu estado civil e sobre a sua família que lhe fez o sr. José de Cavalcanti. Informou-lhe que era casado, que tinha duas filhas e um filho. O sr. José de Cavalcanti solicitou-lhe então permissão para ir á sua casa, em dia préviamente combinado, afim de pedir-lhe a filha em casamento.

O sr. Amaro Rangel Siqueira, com a discreção que carateriza o cerdadeiro gentleman, e com a perspetiva alviçareira de ter como genro aquele rapaz tão bem educado na Inglaterra, não indagou qual das filhas ia ele pedir-lhe em casamento; respondeu-lhe apenas, polidamente, que na terça-feira próxima o chá em sua casa seria servido ás cinco em ponto.

A's cinco horas menos dois minutos da terça-feira seguinte, o sr. José de Cavalcanti tocava a campainha da casa do sr. Amaro Rangel Siqueira. A's cinco horas em ponto trocava com o dono da casa um incisivo **shake-hands** no sóbrio e confortavel **hall** da casa, e era apresentado a sra. Amaro Rangel Siqueira, á srta. Amaro Rangel Siqueira, que tinha uma cara como outra qualquer, e ao jovem Phillip Rangel Siqueira. E' claro que o sr. José de Cavalcanti teve o bom gosto de não perguntar pela outra filha do distinto sr. Amaro Rangel Siqueira. Mais tarde, quando a conheceu, viu que era bonita. Talvez um pouco bonita demais para quem, como o sr. José de Cavalcanti, alimentava ideias tão pessoais a respeito dos sagrados laços matrimoniais.

O chá estava delicioso. Era do verdadeiro, do insubstituivel chá colhido e preparado especialmente para o paladar dos súditos de sua Real Majestade Britanica. O sr. José de Cavalcanti, desde que voltara para o Brasil, ainda não tinha tomado outro bom assim. Havia ainda biscoitos **Regent's**, um bolo hierático, manteiga, geléa de **strawberry**. O sr. Amaro Rangel Siqueira comunicou ao futuro genro que costumava tomar o chá com um pouco de rhum, e perguntou si não lhe agradava fazer o mesmo. O sr. José de Cavalcanti informou-lhe que em Eleridge adquirira o hábito de perfumar o chá apenas com algumas gotas de **gin**.

— Era o que eu supunha, respondeu o sr. Amaro Rangel Siqueira, passando-lhe uma garrafa de **gin**, mas já aberta.

— **So kind of you**, agradeceu o sr. José de Cavalcanti.

— Como sabe, em Hammock Hills, prosseguiu o sr. Amaro Rangel Siqueira...

— Em Eléridge... continuava o sr. José de Cavalcanti.

— Pois em Hammock Hills...

Como se vê, o pedido de casamento da srta. Amaro Rangel Siqueira foi feito dentro da mais rigorosa decencia.

●

Um casamento nessas condições não podia deixar de ser bem sucedido: o sr. José de Cavalcanti e sua esposa d. Helen Siqueira de Cavalcanti foram muito felizes.

A vida conjugal transcorria interessantissima para o sr. José de Cavalcanti e para o sr. Amaro Rangel Siqueira.

Tres vezes por semana o sr. José de Cavalcanti ia, á noite, visitar o sogro. Tres vezes por semana o sr. Amaro Rangel Siqueira retribuia ao genro as visitas feitas. Emquanto as respectivas esposas, mãe e filha, ficavam cochichando os ultimos acontecimentos da vizinhança, fazendo tricô ou arrumando qualquer coisa lá pelo interior da casa, sogro e genro sentavam-se nas comodas **mapples** da sala de visitas, o sr. Amaro Rangel Siqueira saboreando um cachimbo preparado á moda de Devonshire, o sr. José de Cavalcanti acariciando com os labios um charuto de poucas consequencias, ambos deliciados pelo prazer da companhia.

— Sr. de Cavalcanti, anunciava pausadamente o sr. Amaro Rangel Siqueira, não sei si já tive oportunidade de lhe narrar aquele episodio em Africa quando meu antigo companheiro de Hammock, Paul Stenhouse, foi capturado pelos hotentotes...

O sr. José de Cavalcanti lembrava-se perfeitamente da narrativa, feita inumeras vezes já. Mas não queria perder essa ocasião de reescutar tão instrutiva história.

— Não me recordo dessa passagem, sr. Rangel Siqueira. Queira ter a bondade de a contar.

O sr. Amaro Rangel Siqueira descansava por momentos o cachimbo e começava:

— Pois foi assim. Paul Stenhouse, que me honrava com a sua amizade, sentindo-se um dia menos afeiçoado á vida mundana de **London**, resolveu abandonar os **parties** e o seu **club** pelo risco das caçadas em Africa. Paul Stenhouse era um jovem homem de muito **handsome** apa-

rencia, estritamente corréto e dotado de um caraterístico **sense of humour**. Estando em caçada em Africa, foi surpreendido por um bando de negros hotentotes.

— **How dreadful!** sublinhava interessadamente o sr. José de Cavalcanti.

— Paul Stenhouse não perdia facilmente seu nerve. Deixou-os aproximar e...

Quando terminava o relato, o sr. José de Cavalcanti sorria finamente, aplaudindo o extraordinario sangue frio de Paul Stenhouse, que em Hammock Hills tivera a honra de ser amigo do sr. Amaro Rangel Siqueira, que sabia contar com tanta propriedade acontecimentos fornecedores de tão uteis exemplos.

O sr. Amaro Rangel Siqueira, além de saber contar fátos passados, sofria de uma areofagia tremenda. Suas frases eram frequentemente cortadas por insopitaveis mas elegantemente disfarçados arrôtos. Como tudo era reciproco entre aqueles homens educados na Inglaterra, o sr. José de Cavalcanti procurava retribuir a gentileza da intimidade com que o distinguia o sogro, por intermédio de outras manifestações semelhantes: entendiam-se em tudo, até em matéria de gazes.

Aos domingos, iam para o "British Athletic Club".

De manhã, em companhia de alguns amigos escolhidos, sogro e genro disputavam, ou melhor, concordavam numa partida de **cricket** tão macia quanto o verde taboleiro da grama. Ambos envergavam paletós listados em côres claras, camisas **sport,** calças de flanela creme. Quando terminavam, iam para o terraço da séde, onde almoçavam e depois ficavam conversando até as tres da tarde. Si nessa hora o sr. José de Cavalcanti não estivesse muito cansado, jogava um pouco de **tennis** nos **courts** bem tratados do **club.** Do terraço o sr. Amaro Rangel Siqueira acompanhava o jogo, quasi sempre uma dupla de cavalheiros, algumas vezes uma dupla mixta, pontilhando-o de exclamações quetinham o intuito de lembrar ao sr. José de Cavalcanti o quão atentamente era olhado e admirado.

— **Well played! Good shot!**

Terminado o jogo, sogro e genro iam preparar-se no vestiario. Trocavam de roupa um de costas para o outro e usavam os chuveiros individuais, desses que têm cortina. Só quando já estavam vestidos é que se olhavam e conheciam novamente. Um deles então convidava:

— Não parece ao sr. que já poderiamos tomar o nosso chá?

O outro assentia, e ambos voltavam ao terraço onde o chá era servido. Depois formavam uma mesa de **bridge,** silenciosa e concentrada, até dez, dez e meia da noite no máximo, hora em que voltavam para casa perfeitamente satisfeitos. Ao se dizerem boa-noite, um agradecia ao outro a companhia:

— Foi um dia encantador!

— **Yes, we had wonderful time.**

E cada um voltava a tomar conhecimento das esposas respectivas.

Estes hábitos tão agradaveis duraram emquanto viveram sogro e genro, e só foram perturbados certa ocasião em que o sr. José de Cavalcanti foi jogar **volley-ball** em vez de **cricket,** dois domingos seguidos. Mas essa interrupção durou pouco, porque o sr. Amaro Rangel Siqueira disse na ocasião, falando genericamente, que achava que em Hammock Hills o **volley-ball** não era jogo admitido. No domingo seguinte o sr. José de Cavalcanti jogou pela manhã a sua partida de **cricket,** e assim o fez todos os domingos de bom tempo até a sua morte.

Sim, porque o sr. José de Cavalcanti morreu um dia, um dia que foi de grande pezar para o sr. Amaro Rangel Siquenra. Além de perder o genro, perdia o testamento que a favor deste fizera, legando-lhe o seu diploma de Hammock Hills, a flamula de colégio e a sua biblia de cabeceira. Para quem deixá-los, agora? Pela primeira vez, o genro não lhe pareceu britanicamente pontual, ao contrario, deu-lhe a impressão de estouvamento. O corréto seria que ele, mais velho, morresse em primeiro lugar.

Tambem, este ligeiro deslise do genro não causou mais que desapontamento, logo reprimido com cavalheirismo. O sr. Amaro Rangel Siqueira prestou ao sr. José de Cavalcanti todas as solênes manifestações do seu pezar, inclusive a maior de todas: acompanhou o féretro de preto e com o seu colarinho mais duro e mais alto, o colarinho que usara para receber o gráu no colégio, o colarinho que, por novas disposições testamentarias, teve a honra de acompanhá-lo ao túmulo, tres longuissimos anos depois.

●

Comprazo-me imaginando o sr. Amaro Rangel Siqueira a caminho do paraizo, procurando dar aos seus passos o rítmo sereno que não é o da sua alma, assanhadissima pela perspetiva de revêr a alma irmã de José de Cavalcanti. Agora, naturalmente, não precisariam siquér das esposas, que eram na terra o pretexto necessario mas muitas vezes importuno para a tão distinta convivencia. Amaro de Rangel Siqueira sentia dentro de si frêmitos de ansiedade, êxtases de alegria antecipada.

Chegando ao céu, viu um homem bonachão, com um molho de chaves bancando tanga, jogando **volley-ball** numa turma de belas mulheres e de lindos rapazes. Estavam todos nús, conforme vem descrito na Biblia. O sr. Amaro Rangel Siqueira fleugmaticamente perguntou ao homem bonachão, como si este envergasse um irrepreensivel **smoking:**

— Tenha a bondade de informar-me, cavalheiro, si o sr. José de Cavalcanti me poderá receber agora? Eis meu cartão.

São Pedro leu o cartão rapidamente, sem parar de jogar, e respondeu:

— A cavalgadura do Cavalcanti está morando com Belzebut. Vá lá em baixo que o encontrará. Aliás, tambem já estão esperando você.

— Mas em **Hammock...**

Aí São Pedro parou de jogar e lhe disse, enfiando os punhos na cintura:

— Qual Hemóqui qual nada, seu chato! Aqui não recebemos mais gente insípida, já bastam as onze mil virgens, que não deixam em paz o amante da sua mulher. **Scram!** Vamos, desinféta que aqui não entras não. Não entendes? **Dull people not allowed!**

E empurrou com energia o sr. Amaro Rangel Siqueira para fóra do Paraizo, batendo-lhe a porta descaradamente na cara. Abriu depois um postigo e disse, vingativo, saboreando:

— Vá pro inferno, seu cacete de marca

ARTE POETICA

(Especial para ESFERA)

A poesia não está nas olheiras imorais de Ofélia
nem no jardim dos lilazes.

A poesia está na vida.
Nas artérias imensas cheias de gente em todos os sentidos,
nos ascensores constantes,
na bicha de automóveis rápidos de todos os feitios e de tôdas as côres.
Nas maquinas da fábrica
e nos operários da fábrica
e no fumo da fábrica.
A poesia está no grito dos rapazes apregoando jornais,
no vai-vem de milhões de pessoas ou falando ou praguejando ou rindo.
Está no riso da loira da tabacaria
vendendo um maço de tabaco e uma caixa de fósforos.
Está nos pulmões de aço cortando o espaço e o mar.
A poesia está na doca,
nos braços negros dos carregadores de carvão,
no beijo que se trocou no minuto entre o trabalho e o jantar
e só durou êsse minuto.
A poesia está em tudo quanto vive, em todo o movimento,
nas rodas do comboio a caminho, a caminho, a caminho
de terras sempre mais longe,
nas mãos sem luvas que se estendem para uns seios sem veus,
na angústia da vida.

A poesia está na luta dos homens,
está nos olhos rasgados, abertos para amanhã.

MARIO DIONISIO

(Portugal)

maior! Inimigos do **volley-ball,** imagine! E tambem do nudismo! E da linguagem franca! E das grandes emoções! Você só tem virtudes, virtudes demais para ficar aqui. Vá pro inferno de colarinho duro! **Go to hell!**

O sr. Amaro Rangel Siqueira tomou o caminho do inferno achando que São Pedro não tinha **fair play.** Em todo o caso, falava um pouco de inglês, o que realmente já é alguma coisa. Mas que inglês de cozinha, santo Deus!

Continuando a descer, o sr. Amaro Rangel Siqueira foi ficando novamente esperançoso. Afinal, no céu ou no inferno, o importante era que pudesse conversar eternamente com o sr. José de Cavalcanti. Seria permitido o inglês, no inferno? Não que ele pretendesse falar abertamente o inglês com o genro, não. Mas queria fazer como fizeram sempre na terra: pensar em inglês e falar em brasileiro, para não despertar a atenção e para salvar as aparencias. E de vez em quando, regra que nunca foi quebrada, uma frase, uma locução rápida em inglês que lembrasse aos dois a comunhão, a **common wealth** dos seus sentimentos.

Quando lá chegou, mal lhe deram tempo de saudar brevemente os demonios, como manda a bôa educação, pois logo dois deles o seguraram e o levaram para a sala dos individuos paulificantes, dos maniacos e dos pedantes. Dentro de enormes caldeirões cheios de lava em abulição, só com as caras de fóra, todos esses condenados ás penas eternas sentenciavam, repetiam-se e até silenciavam um silencio todo feito de suficiencia, o que ainda era peior.

Apesar da fumarada, o sr. Amaro Rangel Siqueira conseguiu divisar o sr. José de Cavalcanti; tentou meter-se no caldeirão em que estava o outro, mas não foi possivel: teve de contentar-se com o caldeirão vizinho. Felizmente poude conservar a roupa e o colarinho alto, pois não ficaria bem mostrar o tiribilibim ao genro. Não poude entrar no caldeirão, contudo, sem protestos:

— Devagar! Não faça maróla! Olha a onda!

— Depois de instalado, apesar do calorão, dirigiu-se ao sr. José de Cavalcanti como si se tivessem separado na vespera:

— O ambiente não me parece muito salubre. E ao sr.?

— Com efeito, não é dos mais **healthy.**

— Na verdade. Em Hammock Hills... prosseguiu o sr. Amaro Rangel Siqueira, compenetradamente.

— Tambem em Eleridge... atestou gravemente o sr. José de Cavalcanti.

E é assim que lá conversam até hoje estes dois homens educados na Inglaterra.

Rossine Camargo Guarnieri

ABELARDO ROMERO

(Especial para ESFERA)

Entre os novos poetas surgidos no Brasil apontamos Rossine Camargo Guarnieri como um dos melhores, senão mesmo o melhor. Mas acontece que êsse jovem poeta, que foi e continúa sendo tão bem recebido em todos os cantos do país, foi e continúa sendo tambem muito mal compreendido.

Rossine Camargo Guarnieri não tem sido feliz com os criticos. Muito elogio, muito endeusamento e até alguma injuria, mas nenhuma compreensão. A começar pelo sr. Mario de Andrade, que fazendo o prefacio do "Porto Inseguro" não disse nada a respeito do poeta de "Escuta, Santos Dumont", todos os outros têm feito mais ou menos a mesma coisa. Quanto aos outros, vá lá. Mas quanto ao Sr. Mario de Andrade, não, e isso porque não conheço outro homem de letras capaz de fazer o que êle pode fazer com a sua bela e variada cultura e, ainda mais, com a sua inteligência profundamente creadora e ao mesmo tempo analítica. O autor de "Macunaima" podia ter dito tudo e não disse nada. Depois dele muitos outros falaram da poesia de Rossine Camargo Guarnieri. E nenhuma palavra de compreensão. Os elogios são tão disparatados e inconsistentes como as calúnias do Sr. Oswald de Andrade contra o jovem poeta de "Porto Inseguro". O pior agora seria se eu procurasse aumentar com estas linhas o número dos que não entenderam a poesia de Rossine Camargo Guarnieri. Mas seria perdoavel porque não sou crítico, como o sr. Mario de Andrade, nem ao menos um brilhante registrador de livros como o sr. Agripino Griecco. Apesar disso, porem, estou certo de que o autor de "Porto Inseguro" trouxe algo de novo para a nossa poesia. A Poesia entre nós tinha tido uma porção de tendencias, obedecendo ora a este ora áquele ideal estético, desde o etereo ideal de Platão ao ideal materialista de Pinkevitch, e passando por Hegel, Kant, Bergson, Croce, etc. Além das tendencias de ordem estética é preciso não esquecer as de ordem social, e uma coisa depende da outra.

Rossine Camargo Guarnieri não quiz mais a arte pela arte porque o seu ideal é fazer poesia para o maior número possivel de homens, no Brasil e no resto do mundo. A sua poesia não é de Cataguazes, nem de S. Paulo, nem siquer do Brasil. E' uma poesia de um ponto da terra para o resto do mundo! Ela não tem fronteiras senão as da lingua, e os motivos são os mais humanos e gerais. Quando êle trata, por exemplo, de Santos Dumont, interessa a todos os homens que sentem ou que sofrem. Poesia essencial, poesia que não é uma simples questão de forma. Poesia essencial,e, apesar disso, do povo. Aí está uma grande virtude do poeta de "Porto Inseguro" — um poeta que seguiu pelo instinto o conselho de Whitman, em "Leaves of Grass": "sing me the Universal". Ah, sim! A poesia não pode deixar de ser profundamente humana e extensamente universal. Rossine Camargo Guarnieri é um poeta brasileiro que veio cantar o Universal. Para êle só existe o universal. Para êle, felismente, não existe mais moda em poesia. Não existe mais aquele gosto sêco de poesia em conserva dos poemas de Santa Rita Durão, nem a grandeza arrogante dos condoreiros, nem o tuberculosismo dos romanticos, nem as palavras cruzadas do simbolismo, nem a beleza dispersa do futurismo.

A poesia de Rossine Camargo Guarnieri é tão legítima que não precisa do arrimo das imagens para convencer. A poesia de hoje é aquilo, procurando tocar a fibra sensivel de todos os homens que sofrem nas cinco partes do mundo. Passou a epoca do imagismo espesso. A poesia não pode deixar de ter imagens, como nós não podemos andar na rua despidos. Mas não ha necessidade de tantos vestidos, uns por cima dos outros e todos êles coloridos. O essencial não é a imagem, mas a propria poesia, o grande sôpro de humanidade que ha na bôa, na verdadeira poesia. O melhor instante da nossa poesia, isto é, da poesia moderna, poesia sem rima e portanto páu para decorar, será no dia em que ela, sem deixar de ser bela, for sentida pelo povo e os poemas tiverem a divulgação dos sambas do morro, universalisando-se dia a dia.

Rossine Camargo Guarnieri não quer só o elogio, porque não é pelo elogio que êle escreve os seus poemas. Ele quer ser compreendido. Ele quer que o "Porto Inseguro" não venha a ser um livro para um certo número de leitores, mas para todos os homens, nacionais e estrangeiros, letrados e analfabetos.

A maior alegria desse jovem poeta foi

Legenda Biblica

(Especial para ESFERA)

Quando Jesus nasceu — vem na História Sagrada
Não sei se no Evangelho de São João —
A terra flamejou numa estranha alvorada,
Rebentaram rosais de estrelas pelo chão.
E em louvor ao Senhor, até as penedias,
Ouriçadas á colera do mar,
Abriram para os céus flores de esmumas frias,
De um inefavel resplendor lunar!

E eis que uma multidão de anjos, em bando,
Desceu do espaço para ver Jesus,
Sob um luar alvo de asas, espalhando
Um canto claro como a luz!

"Gloria a Deus nas alturas e na terra,
paz aos homens de boa vontade".

Tudo, então, se fez bom. Mesmo as feras, algumas,
Tocadas pelos hinos do Senhor,
Entre ovelhas de lã e aves de plumas,
Adormeceram sem rancor.

Mas ninguem mais se lembra desse canto;
Essa história passou.
Houve a traição de Judas...
Em seguida, o madeiro... as trevas mudas...
E acabou.
Hoje, o gladio ara a Terra para o pranto,
Matando as seáras que Jesus semeou!

THEODERICK DE ALMEIDA

ter sido compreendido num dos seus pequenos poemas por um humilde operario de São Paulo. Para que maior recompensa?

A poesia de Rossine Camargo Guarnieri corre para a alma do povo sem os desvios intencionais, sem as drenagens deshonestas que outros poetas têm feito para chegar a certas camadas do povo.

A poesia de Rossine Camargo Guarnieri desagua como uma correnteza de luz no coração caudaloso de todos os homens. E' a Poesia do Povo.

De "AS SETE PARTIDAS DO MUNDO"

FERNANDO NAMORA

Florinda está á janela. A mãe passou, com um embrulho de roupa, lá por trás, no buraco escuro que é a sala que olha para a rua: sala de mesa, sala de costura, cosinha. E também oratório: Santo António, resguardado na redoma de vidro, muito rosado, olhos puros, aponta o céu aos homens, e ampara no braço o menino Jesus irrequieto, acariciando-lhe o queixo sem barba. Imagem que dá gôsto vê-la. Um solitário alto, retorcido, amortalha dois cravos: homenagem da mãe de Florinda á proteção divina do santo patrício. Uma sala que tem de valer por muitas porque mora lá gente pobre: gente pobre não pode olhar a higiene, a necessidade de confôrto. Talvez Santo António, um dia, faça o milagre. Também João Queiroz tem só de seu o quarto que mira a rua de altos e baixos e a janela de Florinda. Um quarto que tem a sua cama, a sua mesinha de cabeceira, onde uma jarra rachada ao meio lembra os cuidados da mãe.

Respeitam a mãe de João Queiroz: de outro modo o Jaime ou o Pedrinho já teriam feito em cacos "aquela bodega". Um quarto que tem uma mesa de estudo de madeira de pinho que o Pedrinho vai riscando com a navalha, todos os dias, com perseverança, enquanto João lê a **sebenta** para as aulas e as mãos **venenosas** do amigo roem a leitura. Porém, João Queiroz terá um dia uma casa sua, com janelas largas, cadeiras confortaveis: não é sem motivo que a criada e os carregadores da estação lhe chamam **senhor doutor.** Sim: será um dia dr. O irmão da Florinda já não poderá ter essa esperança. Terá outra casa semelhante á dos pais, um buraco negro sem luz nem ar. Os seus filhos passearão semi-nús, barrigas inchadas, por ruas como esta. Os filhos de João Queiroz terão fatos limpos e jardins. A Florinda tem aquela sala onde consome os olhos grandes na costura, e um quarto separado ao meio por tabique de madeira. Um dia, talvez Santo António faça o milagre.

Triste, a Florinda. Está á janela. Naturalmente espera a peixeira, ou descança os olhos do bordado. A mãe não tardará a chamá-la: "— Toma tento nas horas, rapariga! O teu pai se aí chega e não tem almôço...". Agora Florinda talvez não pense nisso. O pai é velho já, trabalha na fábrica, come todos os dias á mesma hora, deita-se todos os dias á mesma hora. Ao domingo toma-lhe um pouco da pinga. Todos os dias iguais. Apenas aos domingos — umas horas de sociedade, na taberna. O pai de Florinda já nada espera da vida. Morrerá qualquer dia, num dia em que, possivelmente, não logrará fôrças para o caminho da fábrica; não acreditará ainda que chegou a hora, lembra-se, pesadelo constante, que a familia precisa do seu suor.

Mas a morte é, como a vida, de imprevistos. Chamado inútil do apito angustioso da fábrica. Entêrro. A gente da rua acompanhará o caixão, porque êle sempre gosou de boa fama, a mulher não disputa com as visinhas. A senhora do capitão virá vê-lo nos últimos momentos, velas acesas derretendo-se no silêncio pesado das horas, o corpo rígido expôsto aos olhares dos que gostam de ver a figura da morte, a família de joelhos sofucando os soluços: será uma honra a visita da senhora do capitão Já nada espera da vida, o velho: todos os iguais serão iguais, excepto o dia da morte. A Florinda é adolescente, triste, sempre vestida de luto. Está ainda na madrugada da sua vida: espera. Os seus dias, por enquanto, também chegam e fogem sem uma nota discordante quebrando a sua monotonia. Mas a vida, para ela, ainda é menina, hão-de vir muitas manhãs, muitos crepúsculos, noites de muitos sonhos. Agora está á janela, olha o fim da rua, a nesga de montes que irão morrer na serra da Lousã. O seu olhar fica-se na janela de João Queiroz, que se levantou tarde e abotoa o botão cimeiro do pijama. Olha; pensa nêle, com certeza. "Pensa coisas malucas" — diria a mãe se conseguisse ler as páginas dos seus olhos onde se escreveram as suas esperanças. A Celeste a essa hora não pensa nêle. Ou se pensa é ainda por troça, gosa ainda por sabêlo amachucado de dor. Deve sacudir tapetes á janela: amanhã será uma boa dona de casa do **outro.** Tocará piano correndo as teclas do princípio ao fim, tornando ao princípio, salteando levianamente aqui e acolá, e assim horas seguidas..." A dar cabo dos ouvidos a quem tiver a desgraça de ouvir" — anota João Queiroz. "— E' a fazer exercício!" — desculpar-se-á ela, sem o sorriso e os olhos em amendoa, embaçada, se o outro tiver para ela a mesma censura. Que mal que toca piano, a Celeste! Uma mulher assim faz perder a cabeça ao mais paciente.

A Celeste não é feia. Mas tudo cansa, cansa. Os seus olhos, os seus lábios, tudo murchará: Tudo enfada e morre com o tempo. Ficará o piano, a sua estupidez. Estúpida, a Celeste? Sim!: se o não fosse ter-se-ia conduzido de tal maneira para com êle, êle — João Queiroz? A Florinda esqueceu o bordado e o almôço, pela certa. Está ainda á janela: os seus olhares fo-

A Universidade em "Eça de Queiroz e o século XIX"

CLOVIS G. COSTA

O livro número um de Vianna Moog pode ser encarado sob os mais diversos aspéctos: estilo, biografia, estudo literário, estudo sociológico.

Para os estudantes brasileiros — é preciso acentuar bem isto — êle oferece um interessante estudo e uma expressiva demonstração do que é espírito universitário, e do que póde êle realizar.

Muito embora a obra seja sobretudo um estudo de movimento realista do século XIX, — e apenas incidentemente situe Eça de Queiroz na Universidade de Coimbra — em tôdas as suas páginas, do princípio ao fim, se pode lêr uma inequivoca afirmação da enorme influência e das incontáveis consequências de um sólido e bem compreendido espírito de solidariedade, de uma união intelectual intensa entre os alunos de uma universidade.

Pelo que se deduz da importancia que Vianna Moog dá as relações de Eça com Antéro de Quental, Ramalho Ortigão, Carlos Meyer, e, além disso, da enorme influência que teve sobre o seu espirito a "questão coimbrã" — uma luta puramente universitária — Eça de Queiroz deve a sua personalidade literária á Universidade.

Conforme salienta Vianna Moog, o autor de "Os Maias" não nasceu escritor. Durante a sua passagem pela Universidade não há um fáto donde se possa deduzir a glória que o cercou mais tarde.

Eça de Qúeiroz se limita, durante a sua vida acadêmica, a contemplar o ambiente universitario que o cercava, só participando dessa vida agitada e intensa como espectador, ou quando muito, como "solidário".

Não se vê o panfletário das "Farpas" dirigindo um movimento, provocando uma manifestação, ou, mesmo, redigindo um manifesto ou um protesto. Não. Eça apenas contempla a vida universitária e colhe os ensinamentos que ela oferece.

Os constantes movimentos de classe, bem como a convivência com colegas inteligentes e, mesmo, já famosos, vão despertando seu espírito para o mundo das letras e das ciências. As questões religiosas, filosóficas, artísticas e literárias, constantemente discutidas em sua frente vão lhe prendendo a atenção. As contínuas lutas com os lentes e com os governos, vão lhe ensinando a conhecer e combater os homens. Terminado o curso, aquelas amizades formadas e consolidadas pelo espírito de classe persistem. Antéro de Quental, Eça de Queiroz, Teofilo Braga, Carlos Meyer, continuaram inseparáveis. E a vida universitária continuou fóra da universidade. E foi aí, nessa vida intensa que se formou a personalidade literária de José Maria Eça de Queiroz. E é a essa intensa vida acadêmica, a êsse vibrante espírito universitário que Eça de Queiroz deve tôda a glória que o cerca.

(Rio Grande do Sul).

---

gem das serras para João Queiroz, de João Queiroz para as serras" "Gostará ela de mim? E por que não? Lá por a Celeste..." Palermice! Que lhe pode interessar a Florinda? Sim!: que lhe pode interessar a êle, futuro dr., uma pobre rapariga, crescida num buraco, educada num buraco, como uma planta minguada num vaso ao abandono? Olhos grandes e sonhadores. Pisados: olhos de quem sofre, de quem se fica até tarde, altas horas, a luz delida do candiero amarelecendo de morte a cortina de pano crú. Trabalho até noite adiante, enquanto os outros se divertem ou dormem. Em frente, na cómoda, o rosto rosado, sem significação, do Santo, pincelado de penumbra pela luz moribunda do candieiro. A Florinda também espera um milagre. E' pobre. A Celeste trabalha, cuida da casa, por gôsto. Mas dá praser vê-la assim cuidadosa. Pinta-se pouco. E empresta uma graça inimitável a todos os seus gestos, os mais insignificantes. E' uma rapariga educada, para a posição de João Queiroz. E' bonita, lá isso ninguém o pode negar. Toca mal piano, mas êsse contra tornar-se-á secundário desde que alguém tenha a coragem de a aconselhar a pô-lo de parte. Ou poderá aprender ainda, talvez chegue a tocar maravilhosamente. E, então, o lar de João Queiroz será um paraiso! Ele, sentado num **maple** a ouvir Beethoven! A Florinda não sabe tocar, nem mal tão pouco. Deve conhecer um piano, apenas por vê-lo quando passa na Sé Velha, á ilharga da loja de antiguidades. Há lá pianos e caixas de música aos pares, cobertas de teias de aranha e pó. Uma loja que faz lembrar romances de mistério. A Celeste, sim: uma mulher ideal. Ah! mas a Celeste já não lhe pertence. Há um outro, há um outro! João não ouvirá Beethoven interpretado pelas suas mãos, não ouvirá mais o seu clássico: "olá!" Ela morreu para êle. Irremediavelmente. Para que vale tornar a repetir o seu nome?

Mas João Queiroz gosta ainda dela, não perdoa o sucedido. Deus não lhe ouviu a pureza do seu desejo! Para quê o Santo António na redoma da sala da Florinda?

(Portugal). **(Inédito — Trecho de romance)**

Então fiscalizem as Marias

(Especial para ESFERA)

Estão falando em divorcio, falando em divorcio. Como é uma conversa e importante, Botafogo nos desculpe, desculpe-nos, o Flamengo Football Club.

Agora queremos palestrar sobre o melhor meio de amar, de ser amado, e de nunca pensar na traição dela.

Cidadãos que vivem com o pensamento constipado, metido em pia de água benta, falam horrores do divorcio. Muitos deles não são casados, e nem se casarão nunca... Isso não impede que receitem remedios infaliveis para os males conjugais, de que nunca sofreram. Os remedios lembrados — a paciencia e a cordura — são piedosos mas ás vezes se tornam ridiculos, porque os males do mundo não se curam com remedios do céu. E então João mata Maria, que lhe enfeitou a fronte porque João não sabia amar como um terceiro sabia.

Os remedios são receitados dentro de umas casas enormes, onde não ha o problema da despensa vasia. Por uma dessas casas passou o casal Maria-João. E Madalena tambem passou por ali, com a grinalda de virgem, e respondeu que casava sim com José Paulo, e hoje sofre de equimoses permanentes das violentas massagens do seu cavalheiro. Madalena se arrependeu desse casamento e agora se lembra de outro José que lhe derramava olhares, que encheriam de mel o caminho de sua vida.

Agora Madalena está presa pelos "sagrados e indissoluveis laços do himeneu", e não tem a coragem suicida de Maria para fazer uma coisa feia contra o bom nome do honrado homem que lhe dá pancadas. Uma outra coisa feia é o que ela poderia fazer: pedir a Deus que José Paulo morresse. Mas é um gesto que não está nos sentimentos da arrependida. A dor das equimoses não envenenou, apezar de tudo, o doce coração de Madalena. Cruz-crédo! ajoelhar-se para pedir a morte dos outros? Cruz-crédo! e Madalena não quer mandar José Paulo para o inferno; só quer ela propria saír do inferno em que entrou. Mas o lar, o doce lar de Madalena, é irremediavel e tem aquela inscrição que o capêta botou na entrada da casa dele: "Deixai todas as esperanças, ó vós que entrais!".

Fechado assim o seu caminho da felicidade, Maria a desgraçada se não tivesse morrido se uniria a Madalena a infeliz que ainda sofre, e fundariam um sindicato para se baterem pelo divorcio. O sindicato abriria com uma sessão em homenagem á memoria de todas as Marias sacrificadas pelo "amor" que mata. Na sessão seguinte, estudaria as reivindicações de Madalena e as razões apresentadas pelos maridos das Marias.

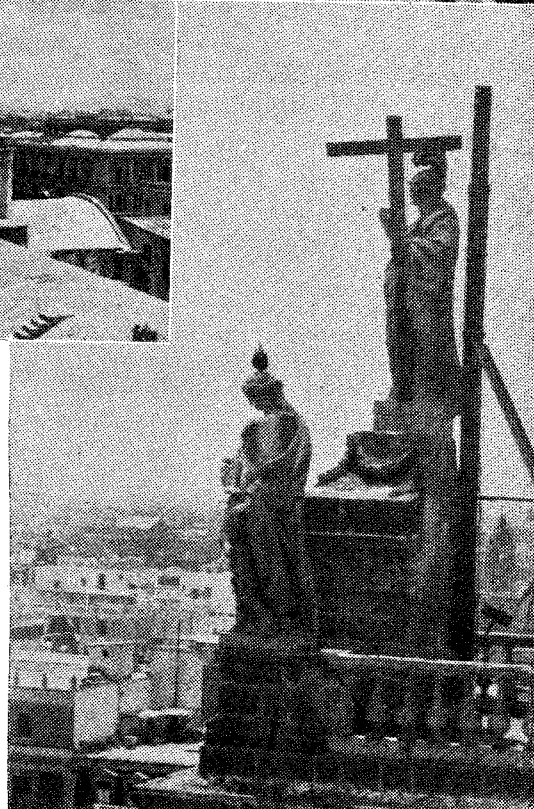
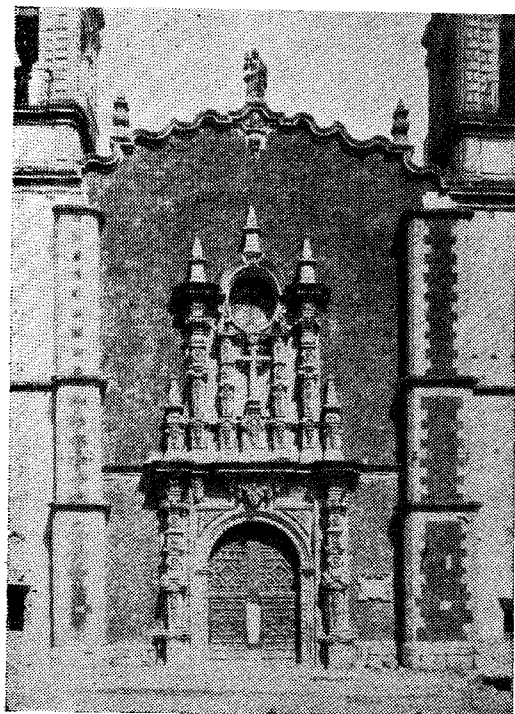
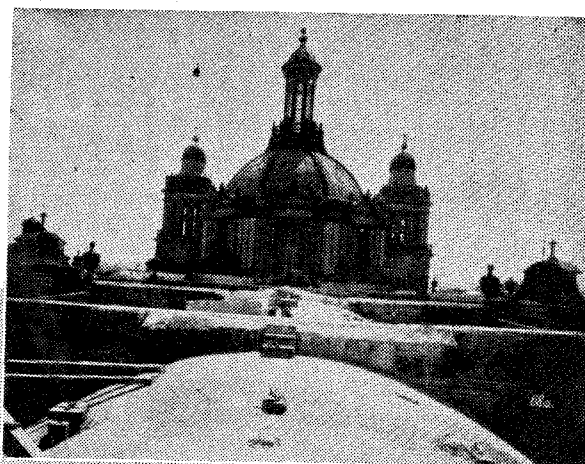
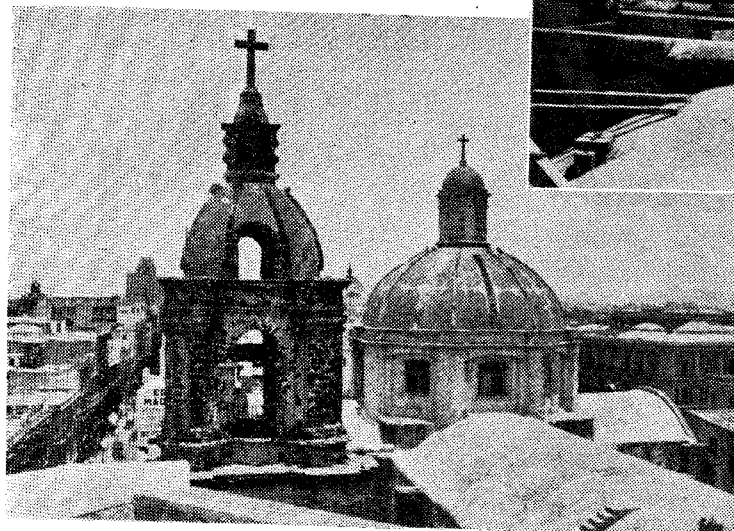
No outro dia, haveria uma confusa passeata com os seguintes cartazes:

"Divorcio para Madalena".

"Proteção aos maridos".

"Fiscalisação das Marias".

EMIL FARHAT

Templos e monumentos do Mexico

1 - Iglesia de la Profesa
2 - Catedral
3 - Iglesia de la Santa Veracruz
4 - El reloj de la Catedral

"A solução do Problema do Ferro"

Um livro para o momento

NILO DA SILVEIRA WERNECK

(Especial para ESFERA)

A evidencia eloquente dos fatos vem fazendo com que, postos de margem falsos e milenares prejuizos, seja reconhecida, afinal e até mesmo pelos elementos mais conservadores, a preponderancía dos fatores economicos no desenvolvimento da História.

O atrito, por exemplo, entre as noveis concepções e o dogmatismo ferrenho da "ciência oficial", culminando na separação, pode-se dizer, revolucionária, de poderes entre o Estado e a Igreja, compeliu a segunda a transformar-se de feudalista e escravocrata em campeã de um socialismo de última hora. Aí estão, para documentá-lo á saciedade, as enciclicas "Rerum Novarum" e "Quadragesimo Ano", desesperadas tentativas do Ultramontanismo para ajustar-se á evolução.

A penetração acelerada e contínua do conhecimento cientifico na esféra tenebrosa do "incognoscivel" vem proporcionando vôos progressivamente mais largos, já não queremos dizer ás élites, que, a despeito de todos os obices e de todas as opressões, sempre e sempre os conseguiram executar, mas até mesmo ao proprio raciocínio das grandes massas.

De sorte que o conformismo se vai tornando cousa rara. A curiosidade, a ansia de solver problemas, o desejo de tornar a existencia cada vez mais consentanea com a Dignidade Humana, outróra recalcados pelo temor de se ferirem os sacratissimos canones, vão deixando, finalmente, de constituir pecados, para generalisar-se na razão direta do afundamento de obsoletas teorías que consideram o globo terrestre tão sómente como "um grande vale de lagrimas".

E dignificante labôr exercitam, por certo, quantos, no mais das vezes a poder de crudos sacrificios, colocam destemerosamente sua palavra mais esclarecida ao serviço das grandes causas, como sóem ser aquelas do Povo, já orientando-lhe a opinião, já ofertando soluções ás camadas dirigentes.

A' coórte de tais denodados paladinos do bem-estar coletivo acaba de vir incorporar-se (e dizemo-lo sem favor algum) o Snr. Durval Bastos de Menezes.

"A solução do problema do ferro", sobre altamente oportuno nesta hora em que o Governo parece disposto a resolver a questão, é livro para ser lido por todos aqueles que, de uma vez por todas, nos desejem vêr libertos dos jamais satisfeitos tentaculos do capital-financeiro-imperialista.

Abordando com segurança, a mais absoluta, o já famoso caso da siderurgía nacional, ferindo de frente e fundo o magno problema, conclue o Sr. Bastos de Menezes com um processo "nitidamente brasileiro", consistente na "redução dos minérios por meio de gazes provenientes de qualquer combustivel gazeificavel, carvão mineral, carvão de lenha, turfa, chisto, linhito, oleo, petroleo, etc., produzindo-se um férro em estado virtualmente isento de impurezas".

Mentalidade perfeitamente "em dia", não se adstringe, todavía, o autor unicamente ao problema em si.

Usando, muito ao contrario, de linguagem fluente e sempre vibrante, estribando-se, aquí, na opinião de autoridades incontestes, para basear-se, acolá, nos frutos da propira observação, demora ele no estudo dos "obstáculos" que teem entravado a nossa independencia economica e põe-lhes, desassombrado, a calva á mostra.

Estigmatisa, em capitulo magistral, o espansionismo descarado de algumas potencias, ás quais empresta, com grande propriedade, o qualificativo de "nações de prêsa": "A politica dos atuais **Estados insatisfeitos, desejosos de um lugar ao sol**, nada respeita. Em nome da **civilisação**, em nome do **combate ao estremismo**, em nome da **cooperação amistosa**, em nome da **unidade racial**, em nome de não sei quantos eufemismos com que se mascaram certas nações ávidas de materias primas, rompem-se tratados, anulam-se convenções, invadem-se alheios dominios e subjugam-se povos inermes".

Fazendo, por assim dizer, um sintetico historico da industria siderurgica, demonstra-nos o sr. Bastos de Menezes que, "logo após o Congresso de Estocólmo", verdadeira armadilha, na qual estultamente fomos nos meter, por isso que, como o sustentou Clodomiro de Oliveira, foi aquele conclave promovido com o fito esclusivo de que os paises componentes fornecessem dados relativos aos seus minérios de férro, desde então iniciou-se "a caçada que os industriaes da Europa e dos Estados Unidos passaram a fazer das mais importantes jazídas em Minas Gerais, guiados pela comunicação dos eminentes geologos, representantes do Brasil, apresentada ao Congresso"!!!

Sem se deixar impressionar, absolutamente, pela trama sibilina das "informações falsas e capciosas, transmitidas pela imprensa a soldo dos interessados" e lutando, de outro lado, com

O Dono da Terra

INÉDITO

Quando o homem volveu do coração da terra
Ao depois de lá estar a vida inteira,
Toda a vida, a buscar um pão que fosse seu,
Viu á beira da mina um menino pensando,
Pensando assim, como alguem que de si proprio se esqueceu...

— Meu menino, lhe disse o homem com meiguice,
Não me podes dizer a quem pertence o sol?

O menino levou as vistas para longe,
Para bem longe, para alem da serra,
E o seu rosto sorriu sob a luz do arrebol:

— Eu não sei, não senhor... mas, a mamãe me disse
Que o sol nasce no céu para nós todos...
Para o que sofre aqui... para o que vive alem...

— E a terra, meu bemzinho, a quem pertence a terra?
Ela será de todos nós tambem?...

O menino que estava ainda ha pouco pensando,
Arregalou de susto uns olhos muito grandes,
Muito belos e azuis,
Grandes, belos e azuis como os céus impossiveis,
Fez um sinal da cruz,
E levando o dedinho ao seu labio inocente,
Baixinho, disse assim, com uma expressão de dôr,
Como quem já conhece as miserias da vida:

— E' do dono da mina, meu senhor...

Judas Isgorogota

Dos poemas "Os Que Vêm de Longe", para 1940.

S. Paulo.

a "escassez de melhor bibliografía, eis que tudo quanto possa fazer luz sobre a matéria é por aqueles naturalmente retirado da circulação", ainda assim o Sr. Durval Bastos de Menezes desmascara insofismavelmente as pretensões rapinantes da Itabira Iron Ore Co. Ltd., que "incansavel, incontestavel, insaciavel, quer ter sempre e cada vez mais vantagens, no seu afan de retirar minerio do Brasil, de impedir o desenvolvimento da siderurgía do Brasil, de ofender a soberanía do Brasil, que, para éla, é assim uma como Hotentocia ou Zulúlandia".

Tão magnifica impressão nos causou, em analise última, este otimamente escrito e melhor coordenado trabalho, do qual a exiguidade de espaço véda-nos o muito ainda a dizer, que se nos afiguram de todo dignas de endosso as seguintes palavras dos editores, palavras que não trepidamos em fazer nossas: "Neste livro o problema é encarado justamente á luz da nossa economia, cujo fortalecimento é indicado de maneira logica e precisa e á luz da soberanía nacional, cuja defesa é examinada pelo prisma do nosso preparo bélico com elementos proprios e independentes da finança internacional".

De "MIRAMAR"

SILVIA

O morro estava quieto, oprimido pela chuva. Chuva enjoada. Chuva miuda.

Jesuina, junto da porta, remendava a colcha de retalhos. Olhava o vasio do terreiro quando levantava os olhos do trabalho.

A água pingava nas goteiras, batia no zinco do telhado. De fóra vinha um ar gelado, desses que se propagam e se fixam nos ambientes de pobreza. O chão, abafado e exposto, comunicava uma humidade socada pelos pés descalços. Não fazia frio. O vento cortava os ossos atravessando as fendas abertas na parede de sopapos.

Sultão não sentia frio, nem humidade. Esticado, no portal, largava um olhar de bicho para o caminho molhado. Tremia as orelhas, de quando em vez. Movia o rabo comprido. Mantinha um ar sereno de cachorro bom. Amigo.

Um grande vasio era a razão do silencio. Mesmo Miramar tinha saido com a velha pra visitar a madrinha.

Jesuina pensava na filha... Por bem dizer, não tinha pai. Era sempre o seu pesadelo. Levada, como ninguem, parecia metida com o demonio. Ventura e a velha não a suportavam. Todo dia saía briga por causa da menina. Sá Joana, de ruim, instigava o filho. Não podia se acostumar com Jesuina e a pequena dentro de casa. Não se conformava com aquela mulher mandando no seu logar.

O peor é que a crise aumentava. O dinheiro cada vez mais curto. Tudo caro no armazem. A velha, desperdiçada, gastava de mais. Não era possivel fazer nada. Estava na casa do filho. O remédio era aturar. Precisava passar o dia fóra, no trabalho. Podia fazer mais economia, apertando um pouco. Que complicação, a vida!

Porque seria que estava sempre com coisas na cabeça, a girar... Coisas que não adeantam... Já se arreliava tanto com o diabo da guria! E sentia que ela estava fazendo falta.

A chuva batia.

Tinha obrigação de querer á filha... Não era mãe dela? Os outros... natural que não gostassem. Não sofreram pra ela nascer! Dava raiva ver a velha xingar a menina. Doía até. Não podia suportar mais uma boca. O dinheiro faltava... Tinha razão. E ainda pensavam em greves... Ventura com tanto gênio! Podia perder o emprego. Os patrões são umas pestes. Nadam no dinheiro e não querem saber da miséria dos outros. Um dia hão de ver! Seu Inácio dizia sempre:

— Um dia, Comadre, a casa cái.

— Quem sabe mesmo!

Precisava dizer umas verdades pra Sá Joana. Ventura tinha obrigação com a mãe. Que é que ela queria mais? Casa e comida. Muitas vezes gastava o dinheiro da casa e a comida não chegava. Arrumava dinheiro para o bicho e nunca dava. Ela que era mulher de Ventura que trabalhasse para se vestir!

Os pensamentos vinham misturando absurdos com realidades, coisas sérias com bobagens...

E o seu Antonio da Quitanda tinha dito:

— Jesuina, você é uma mulata bonita e simpática. Precisa de homem mais carinhoso. Traz a pequena que eu tomo conta e mando pro colégio...

Bem que Seu Antonio parecia um bom sujeito. Olhava tanto e com tanta insistência quando ela passava. Morava sosinho. Podia se livrar das brutalidades do Ventura... O medo é que não deixava acalentar um desejo de vida melhor. Já diziam que ela não prestava. No outro dia Sá Joana ouviu do varredor que mora na subida:

— Qual Dona Joana, está tudo virado. Até a senhora obrigada a ter dentro de casa uma mulher que andou com outros. Ninguem sabe quem é o pai da negrinha!

Que necessidade tinha a bruxa de contar isso ao filho? Todo mundo gosta de falar mal dos outros. Nunca se pode advinhar a safadeza dos homens. Gostava tanto do Firmino! Era tão alinhado e conversava tão direito! Dizia sempre que casava com ela antes da filha nascer!

As histórias não saiam da cabeça de Jesuina. Ora lembrava as encrencas com o companheiro, as mexidas da visinhança; ora revivia todo o seu passado e as suas aventuras infelizes.

Sultão estava ali e era o mesmo que nada. Os bichos são amigos, ela sabia. Quando Mironga apanhava, Sultão latia aflito, gania e corria ladeira abaixo. Fugia dos gritos. Quando voltava, vinha medroso, de rabo entre as pernas se esfregando e se

"A tunica inconsutil"

DIAS DA COSTA

Se existe no mundo alguma coisa que tenha acompanhado fielmente o homem na terra, desde o inicio das idades, essa coisa é a poesia. Indefinida mas sempre presente, tem resistido a todos os choques, triunfando de todas as mistificações, cantando todas as vitorias, lamentando todas as grandes tragédias, anunciando todas as auróras. Asfixiada em carceres de silabas contadas aritmeticamente, desfigurada em artificialismos hediondos de forma, acorrentada á monotonia de sons repetidos a tempos de metronomo, mesmo assim a poesia conseguiu reagir e salvar-se. Utilisada a serviço de causas indefensáveis, alugada a Mecenas inescrupulosos ou entregue á tarefa ingloria de endeuzar tiranos de varias épocas, maculada para servir de elemento a canticos de morte, depois de ter sido a maior glorificadora das coisas puras da vida, panteista, satanica, choramingas, louvaminheira ou épica, servindo tanto para cantar os olhos amendoados de uma dama quanto para dizer dos feitos heroicos de uma raça, sublime muitas vezes e muitas vèzes abjéta, endeuzada ou prostituida, a poesia, nem por um instante siquer, deixou de ser a companheira do homem na sua caminhada pela vida, subindo quando ele subia, enlameando-se quando ele se enlameava. Todos os grandes movimentos sociais a utilisaram, todos os movimentos religiosos a ela tiveram de recorrer para vingar. Isso porque a poesia está de tal modo ligada a todos os atos humanos que se tornou uma parte mesma de seu ser, esteja ele isolado como individuo ou reunido com outros homens em sociedade. Ninguem jamais escapou totalmente á fascinação da poesia. Os vencedores procuram encontra-la nas suas vitorias, os vencidos nela encontram um lenitivo para as suas derrotas, os opressores tentam com ela mascarar a propria crueldade e os oprimidos encontram na sua convivencia uma fuga momentanea da realidade esmagadora. Ligada tão estreitamente á vida a poesia, como o homem, foi gradativamente fugindo á natureza, se artificializando. Objetiva e ingenua com os homens primarios, bucolica com os pastores, arrogante e interjetiva com os guerreiros, profetica com os enviados, cética e cinica com os humanistas, subjetiva com seres anormais, saturados de cultura e totalmente afastados das fontes puras da vida, foi a poesia cada vez mais se distanciando da pureza inicial para se transformar numa especulação cerebral que nada significava realmente. Depois chegou para o mundo essa hora tragica que é a de hoje.

A humanidade, com olhos atonitos, viu ruirem todos os seus edificios sem alicerces. E a confusão reinou por um instante entre os homens. Mas, dentro em pouco os caminhos se definiram. E a poesia, sempre fiel, se definiu com os homens. Ela que acabava de quebrar as algemas da metrica e da rima aceitou sem resistencia novas e grandes limitações. Havia um mundo em agonia. Havia um outro mundo nascendo. Então alguma coisa ficou comum ás duas novas formas de poesia que nasceram contrárias: o messianismo. Numa o messianismo da volta ao passado, tornando-se assim, desde logo, reacionaria. Noutra a promessa de um mundo melhor, mas um mundo do futuro, sem nenhuma utilização dos idolos decrepitos do passado. Ambas constatam a tragedia desse crepusculo doloroso que estamos vivendo. Uma praga porem a resignação, o conformismo, insinuando que o sofrimento é o melhor caminho para a redenção, alem da vida terrena. A outra, apezar de ver a escuridão do presente, é otimista, irrequieta e sadia, acreditando no homem para afirmar a sua capacidade de ser totalmente feliz, cumprindo assim nobremente a sua tarefa de viver plenamente a vida. Assim, a poesia da morte e a poesia da vida defrontaram-se enfim na mesma encruzilhada.

---

encolhendo. Lambia os pés da menina ainda em prantos.

Tudo parado!

Para afastar a solidão lembrava-se sempre de Seu Inácio que não podia ver ninguem com ar macambuzio e longinquo. Interrompia sempre:

— Comadre Jesuina! quem pensa não casa. Deixa a bezerra morrer sozinha!...

— Como o compadre sabia de tudo! Advinhava, lendo nos olhos...

(Trecho de romance)

P O E M A

Especial para ESFERA

Ha rumores surdos nos bastidores do mundo
Eu ouvi, irmãos, eu ouvi.

E' preciso acabar com os rumores do mundo
E' preciso dizer
E' preciso falar
E' preciso gritar
As crianças estão morrendo, irmãos
Não se pode esconder
Não se deve esconder
E' preciso gritar
E' preciso falar
E' preciso dizer.

AUGUSTO DE ALMEIDA FILHO

Poucos poetas entre nós possuem a capacidade de adaptação do Sr. Jorge de Lima. Foi parnasiano com o parnasianismo triunfante no Brasil ,escrevendo sonetos perfeitos que foram declamados em salões e em festivais elegantes. Com o modernismo foi modernista dos mais destacados. Com o verde-amarelismo foi verde-amarelo tão bom quanto qualquer outro do mesmo movimento. Escreveu Negras Fulôs deliciosas e merecidamente celebradas. Teve, na hora precisa, o seu momento supra-realista e, tentando fazer romance desse genero escreveu belos poemas em prosa que o salvaram do fracasso total da tentativa. Publicou um romance regionalista que lhe forneceu novas oportunidades de escrever ainda belos poemas sobre a terra bruta. Antes tinha havido já "Tempo e Eternidade", aventura poetica realizada em companhia do Sr. Murilo Mendes. Agora "A Tunica Inconsutil" mais uma vez reafirma as possibilidades poeticas de seu autor.

Sem pretender siquer interpretar o sentido particular de cada poema e o sentido geral do volume, tarefa a que já se dedicou, com alguma bôa fé, o Sr. José Lins do Rêgo, contento-me em registrar aqui a beleza do novo trabalho de Jorge de Lima, pensando que, abstraida a sua finalidade ideologica, "A Tunica Inconsutil" é, sem nenhuma duvida um grande livro. Nesses versos o poeta está sempre presente, mesmo quando ele se policia para não perder a sua direção doutrinaria. O sentido biblico desses versos, os seus motivos cristãos atravez da sensibilidade do autor, adquirem uma nova força, onde efeitos dos mais belos são alcançados. As vezes o autor não vacila em fazer concessões para muitos julgadas perigosas e em muitos poemas existe mesmo um certo paganismo mascarado de intenções beatificas. Talvez a culpa dessas concessões não caiba inteiramente ao poeta. O credo por ele adotado, para subsistir, não tem vacilado em fazer concessões muito mais graves, mesmo fóra do terreno da estetica.

Mas, seja como fôr, quem ler honestamente poemas como "Escolha", "Dorme! Dorme!", "Vós precisais dormir", "O grande desastre aereo de ontem" e todos os poemas sobre o mar, reafirmará a convicção de que, hoje como ontem, o Sr. Jorge de Lima continua sendo um dos maiores poetas que possuimos. Contraditorio na sua desconcertante evolução, mistico ás vezes, ás vezes pagão, mas captando sempre com estraordinaria delicadeza momentos maravilhosos de beleza pura e possuindo como poucos a capacidade de transmiti-los fielmente, apezar de tudo e contra tudo a poesia o tem acompanhado em todos os seus movimentos, desses movimentos que teem se tornado muitas vezes semelhantes a acobracias perigosas de equilibrista, tal a iminencia de uma queda desastrosa que permanentemente os ameaça.

Até agora o poeta tem conseguido evitar uma precipitação no vazio. Evita-la-á sempre? A resposta cabe á vida e a vida de hoje é facinantemente vertiginosa. Mas como a poesia é eterna talvez o sr. Jorge de Lima se sinta sinceramente confiante do seu futuro literario. Decerto tambem muita gente estará, nesse ponto, inteiramente de acordo com ele.

Martim-Pescador

EDISON CARNEIRO

(Especial para ESFERA)

Em estudo anterior (1), já me referi a uma estranha divindade das aguas — o passaro Martim-Pescador.

A êle estaria afeta a função de leva-e-traz, de correio entre os mortais e os ôrixás do mar. Chamam-no os negros Martim-Bangolá, Martim-ki-mbanda, Marujo. Constitúe êle um caso único nas religiões negro-fetichistas do Brasil, pois entra, aqui, concretamente, um elemento novo — a divinização dos animais.

Martim-Pescador não tem ainda, entretanto, as proporções de um ôrixá. Não passa de um êre, isto é, de um santomenino, uma especie de anjo-da-guarda. Mas um anjo-da-guarda muito especial:

Martim-Pescador,
que está fazendo?
— Tou na porta da venda,
tou bebendo...

As pessôas possuídas por Martim-Pescador apresentam evidentes sinais de alucinação alcoolica, fazendo incríveis diabruras. Sabe-se, mesmo, que Martim-Pescador possúe a filha-de-santo porque, logo em seguida à sua chegada, esta faz o sinal caracteristico de beber, com o polegar direito. Trazem-lhe cachaça — e ela bebe, bebe até não poder mais.

Afirma-se que uma filha-de-santo do candomblé de Bernardino, no Bate-Folha, quando possuída por Martim-Pescador, despeja uma garrafa de cachaça no ouvido...

Em Itapoan, colhi o seguinte cantico que confirma as palavras anteriores:

Martim-Pescador,
que vida é a sua!
Tomando cachaça
e caindo na rua...

A cachaça é hereditaria na família, como se póde ver por este cantico do candomblé de Sabina, nas Quintas da Barra:

Meu pai é cachaceiro,
minha mãe é beberrona...

Este êre só aparèce, aliás, nos candomblés, afro-bantus, e em especial nos mais degradados destes candomblés. Os candomblés gêge-nagôs não o conhecem, como não conhecem os outros ôrixás caboclos.

Nestes candomblés afro-bantus, Marujo tem ainda a função de timoneiro, de guia das embarcações até um porto seguro. Foi sob este aspecto que Martim-Pescador acompanhou a procissão maritima organizada por Sabina para levar um presente à Rainha do Mar, no Monte-Serrate, em Setembro de 1938:

Marinheiro,
aguenta o leme,
não deixa o barco virá.

Segundo os canticos então recolhidos por mim, Marujo teria vindo de Portugal, hipótese não muito improvavel, conhecido o passado de navegadores da gente lusitana:

Sou Marujo,
que venho de Lisbôa,
navegando pelas onda do má.
Eu venho pelo mastro do meio,
pra trazer uma pomba reá.

Note-se, entretanto, que o fato de Martim-Pescador vir de Lisbôa, ou de servir de mestre das embarcações, não implica no abandono da cachaça. Não é possivel imaginá-lo a não ser pedindo cachaça, caindo de bebedo. Na porta da venda, no bôjo dos saveiros, em qualquer parte...

Martim-Pescador, mensageiro dos deuses, cansa-se muito no desempenho das suas tarêfas. Ora, o álcool restaura as energias perdidas. E, ao tempo em que êle deve ter nascido, — possivelmente em seguida à grande éra lusitana das navegações, — o álcool era inseparavel dos nautas...

Este Mercurio nacional possibilita uma larga libertação de complexos.

---

(1) *NEGROS BANTUS*, pg. 83.

A poesia de Adalgisa Nery

Alvaro Lins

(Especial para ESFERA)

A poesia habita, no Brasil, o corpo, os nervos e a alma de uma mulher: Adalgisa Nery. O fato parece simples mas é extraordinário. Não se trata de poetisa ou de poesia feminina — coisas odiosas ou pueris. As poetisas, no Brasil, tornaram-se pavorosas, não porque fossem mulheres, mas porque a poesia não estava com elas. E parece que vem dessa circunstancia tudo o que ha de antipatico na palavra "poetisa". A poesia está agora em Adalgisa. E neste fato inédito está tambem a primeira grande significação dos seus "Poemas".

O sentido de liberdade é o primeiro dom de Adalgisa Nery. Livre de escolas, livre de preconceitos, livre de tudo.

("Serei a Universidade de mim mesma") nos seus poemas só existem a figura de Adalgisa e a figura invisivel da Poesia.

E vem dai a pureza e a unidade da sua creação poetica através das palavras que têm sempre um sentido além da sua expressão vocabular, em sentido que as ultrapassa. Por isso ninguem lerá nem entenderá Adalgisa senão em momentos especiais. Fóra de um momento psicologico, que se poderá chamar "estado poetico", muitos dos seus poemas permanecerão ininteligiveis e sem a vida profunda e complexa que eles têm. Porque a poesia de Adalgisa não pode ser contida toda nem nas palavras nem em quaisquer outras fórmas de expressão, nem mesmo na musica. Ha sempre nos seus poemas qualquer coisa que transcende todos os limites.

O sofrimento, a tristeza, a sensação de aniquilamento que, ás vezes, dá aos seus poemas um tom de tragédia, resultam, talvez, desse choque entre a liberdade e os limites do mundo, entre o seu desejo de penetrar a origem e o fim dos seres e das coisas e os mistérios que a cercam e a angustiam, entre a sua ansia de vencer todas as fronteiras e a existencia de fronteiras por toda parte. E a sua poesia é quasi toda um longo e poderoso monologo de quem se debate com os limites, as fronteiras e os mistérios universais.

Por isso é tantas vezes misteriosa, hermética, densa, apocalitica e profética. Tudo o que é raro e dificil na poesia de uma mulher. E para exprimir tantos sentimentos acima do quotidiano e da propria existencia Adalgisa usa as palavras como méras contingencias. Palavras que não podem sempre ter significação usual.

São as "mots en liberté" no conflito entre a poesia e a linguagem, de que falou Jacques Maritain.

Para exprimir pensamentos e sentimentos tão livres só mesmo a poesia. Porque as idéas do Poeta não exprimem, apenas o mundo, mas podem criar um outro mundo, uma outra realidade, possivel fóra de tempo e do espaço. Sob este aspecto é que a poesia será muito mais do que literatura.

Fórça o plano ontológico ou o plano metáfisico — como é o caso de Adalgisa Nery. Para mim o "poema essencialista" é, por isso, o que melhor representa a sua personalidade poetica. E' um verdadeiro ret-

Um retrato dos sentimentos poéticos de Adalgisa Nery que são pessoais e universais, ao mesmo tempo. Pessoais porque estão nela e são partes de sua criação artistica, tão livre e tão independente. Universais porque ela se integra com o mundo e com o seu sofrimento. Raramente os seus sentimentos são sentimentos fisicos. Não são tambem os banais sentimentos do quotidiano. Eles têm raizes profundas no ser universal e cristão. Adalgisa Nery contém e interpreta todo o sentimento do mundo fazendo-se humilde e desgraçada para interpretar os desgraçados e os humildes. ("Quero ser da ala dos derrotados" — "E passei a carregar a tristeza das gerações").

A sua visão cristã do mundo é que lhe dá a expressão da verdadeira caridade e que é o motivo mais poderoso da poesia de Adalgisa Nery.

"Queria ter um grande corpo
Para que toda a angustia
Espalhada na garganta dos homens..
Eu recolhesse e meu ser ficasse
Comprimido na parede do universo".

Em "Parabola" a sua poesia se transfigura e se eleva a um plano de maxima compreensão humana:

"Disse ao cégo que não havia beleza
E ao surdo que só havia gritos".

Fim de Linha

FIRMINO MAGALHÃES

(Especial para ESFERA)

Salú tinha 28 anos. Era feia. De uma feiura embaçada e sem graça. Quiéta e tímida como si tivesse medo que seu físico ingrato fizesse mal aos outros.

Eu, entretanto, achava que Salú tinha os olhos grandes e doces e as mãos brancas, longas e bonitas. E via nos gestos lentos e expressivos de suas mãos uma grande ternura que aos poucos ia secando por não ter para quem a dar. Ninguem queria Salú. Os rapazes não a procuravam. Ela vivia sósinha com seu pai, um bruto, que não comprêendia an ancia e a angustia daquela mulher sem homem.

Quando era mais moça Salú fôra a alguns bailes. Mas sentira que ficaria sempre nos cantos. Sósinha. E deixou de ir aos bailes.

Salú, porém, tinha tambem sua ilusão. Achara uma grande ilusão. E sentia-se feliz. Era quando o trem parava, na estaçãozinha, cheio de gente. Salú, então, chegava á varanda de sua casa e ficava esperando a hora da partida. Então vivia sua ilusão. Os homens desconhecidos, risonhos, davam-lhe adeus, que ela respondia abanando as mãos longas e brancas. Os que vinham do Rio, jogavam-lhe flôres que ela apanhava e guardava. E Salú sentia-se feliz nestes poucos instantes. Sentia-se notada e cortejada.. Era sua hora. A hora de sua felicidade. A hora em que podia derramar sua ternura guardada. E a espalhava profusamente entre aqueles desconhecidos que passavam rapidamente. Não a conheciam por isso a notavam.

Um dia, porém, o pai de Salú teve que se mudar. Foram para uma cidade, ponto final da estrada de ferro. Começou então o grande sofrimento de Salú. No principio não percebeu nada. Na hora da partida do trem é que correndo á janela viu que tudo estava mudado. Completamente modificado. Os rostos que via no trem eram de gente da cidade. Eram visinhos. Eram conhecidos. Eram agressivos. E sua mão, longa e fina, como si os milhares de adeuses inuteis que havia dado, a tivessem alongado e afinado, tremeu. Sua mão que se levantara para o adeus costumeiro, parou de subito no alto. E sem finalizar o gesto, foi caindo, caindo, como flôr murchando. Como si agonizasse. Lentamente. Dolorosamente. E se juntou a outra entre os seios, procurando a companheira. Apertaram-se num anceio angustioso. Mas seus olhos ficaram secos. Fixos nos rostos conhecidos e agressivos que o trem levava. Rostos que talvês, iriam sorrir para as moças feias e desconhecidas das outras estações.

Salú nunca mais poude ter sua ilusão. Agora ficava com os olhos grandes, parados como a olhar p'ra dentro. A olhar a inutilidade absoluta de sua grande ternura que ficara para ninguem.

— Ninguem! Ninguem!, gritava dentro dela, sua alma de mulher feia, amargando-lhe os pensamentos com tanta intensidade que sentia gosto de fél na bôca. Olhava, então, para o fim de linha, com odio. Ferozmente. E dizia:

— Um dia tu irás para diante. Bem para diante. Ou então irei para traz. Bem no princípio. E terei outra vez minha ilusão. Um dia virá...

x x x

Sim, Salú, a linha irá para diante. Tudo irá para diante. Si eu pudesse, Salú, eu a levaria já. Bem p'ra diante. Até tocar as nuvens. Até o infinito. Eternamente para a frente...

Adalgisa está presente em toda a humanidade. Ela está vivendo em si mesma, em sua unidade e, ao mesmo tempo, nos sofrimentos, nas angustias, nas misérias, nos pecados e nas desgraças de todos os sêres. Não conheço maior poder de totalização do que este da poesia de Adalgisa, de tão extranha e tão dificil sensibilidade. Poder que a leva até ao pensamento dos que não nasceram:

"Oh! a tristeza das vidas que não nasceram que passaram de leve no pensamento de [Deus.

Poesia, sem duvida, no seu sentido mais perfeito e mais puro a dos "Poemas" de Adalgisa Nery. Diante da poesia de Adalgisa é que compreendemos, como René Schwob que a arte é um dos pontos em que a criatura prova que é a imagem de Deus. Nem a terra, tão pequena, comportaria, por si mesma, a Poesia.

(*Recife*)

JUVENTUDE E ETERNIDADE

(Especial para ESFERA)

JORGE DOMINGUES

Nada queremos dizer das juventudes falhadas que nenhum traço caracteristico oferecem para a definição de uma época ou de uma geração. Tampouco nos queremos referir ás juventudes invertebradas que se acomodam a tôdas as misérias e a todos os desastres do seu tempo. Menos, ainda, queremos tocar naquelas juventudes que, julgando-se rebeldes e inovadôras, se servem dessas mesmas misérias e derrotas como de bandeiras de combate. Nenhuma delas merece o nosso interêsse, pois que tôdas teimam em atraiçoar a sua principal missão, qual será a de desenvolver em si as energias necessárias para que a colectividade não desespere dos seus dias de amanhã.

Não pretendemos, porém, já de inicio, lançar um conceito de juventude, e para mais com umas linhas tam imprecisas. Tentar fazê-lo até poderia parecer estranho a alguns, a êsses que julgam que as idéas se manteem imutáveis, independentemente dos fenómenos e das circunstancias materiais que determinam a linha evolutiva da sociedade. Para êsses, insistir hoje no desenho de um conceito de juventude será obra tam escusada como de novo ir verificar, por exemplo, a exactidão do principio da quéda dos graves. Para êles, todos sabem o que é ser jovem. Contudo (e o mundo se modifica de instante a instante), não é assim, e não deixa de ser obra util o mostrarmos sempre qual seja, para nós, o caminho da verdade.

Estamos numa época de difinições, melhor, numa época em que tôdos procuram esboçar uma definição capaz de abranger sintéticamente (simplisticamente, para alguns) os inumeros problemas do momento. Porém, mais do que definir, interessa sobretudo interpretar, e as definições pecam quasi sempre por partir de uma errada interpretação. Por isto, embora não desprezando tôdas as definições que nos sejam dadas (e elas, falsas ou exactas, são sempre indices das interrogações que se apresentam a uma geração), procuremos antes interpretar a missão histórica da juventude nas horas tam angustiosas do presente, para depois delinearmos uma noção, tanto quanto possivel perfeita, de juventude.

E' vulgar ouvir-se dizer que se deve dar lugar aos jovens na direção politica dos Estados. Não sabemos se isso interessa grandemente á juventude, desde que ela não esteja apta a arcar com responsabilidades que excedem em muito ou em pouco, as suas possibilidades. E o interessante é que essa afirmação se faz, a maior parte das vezes, naqueles Estados cuja vida decrépita, corrompida até ao máximo, singra em equilibrio mais ou menos instável. Mas, infelizmente, a êsses Estados será dificil recorrer á juventude se a não tiverem educado no sentido de uma formação politica e social que a tornasse (mais do que esperança) a certeza inabalável de continuidade dos povos. Para êsses Estados, a preparação da juventude é um problema quási insoluvel, pois que os doentes raro transmitem saude. A mésinha seria excelente se estivesse codimentada. Mas assim não passa de um simples preparado inorganico e as nações continuam na sua marcha vertiginosa até a decomposição final.

Para aquêles Estados que souberam organizar a sua vida social em moldes progressivos (adaptando as suas superestruturas politicas e juridicas ás constantes transformações da base económica) — e poucos são os que presentemente podemos considerar como tais — o apêlo á juventude é a via normal de renovamento das gerações. Mas nêsses Estados a juventude não é olhada angustiosamente, como remédio impossivel, pois que a obra de educação juvenil foi parte nunca esquecida da sua ação social. Para êsses Estados, a juventude não é entidade morta nem problema irresoluvel. E', simplesmente, uma pedra de todo o jogo social, e uma pedra de importancia capital ,porquanto tem o seu lugar determinado e preponderante na organica politica da nação.

Parece-nos, portanto, que o problema de caracterizar o papel histórico e construtivo da juventude está intimamente ligado áquele outro da educação e preparação das massas juvenis — tam indissociávelmente unidos que é um erro não os querer estudar em conjunto. Mas parece-nos, também, que estamos dentro de um circulo vicioso. Se a juventude só se póde desempenhar cabalmente da sua missão desde que nesse sentido esteja educada pelo Estado, como poder realiza-la se o próprio Estado não cuidar dessa instrução social ? Como se poderá manifestar a fôrça da juventude nestas circunstancias ? E, sôbretudo, qual o papel histórico da juventude, qual a missão histórica da juventude ?

Uma distinção temos de fazer desde já: necessáriamente, nos Estados que tratam com afinco da preparação politica e social da juventude, as condições de desenvolvimento desta são em absoluto diferentes daquelas em que priva a juventude dos Estados que descuidam a instrução social das camadas juvenis. Nestes ultimos, a juventude tem a seu cargo um trabalho de auto-preparação, de auto-valorização, que, de deficiente em muitos pontos, tem, apesar disso, a vantagem de lhe dar uma maior consciencialização ante as graves instancias do momento. Isto, porque a época que atravessamos é essencialmente uma época de procura, de demanda. A sociedade tem os seus imperativos a que urge atender. Para isso, é necessário compreender, realizar, tôda uma imensa obra de assimilação e inteligência que leve diretamente á satisfação dêsses imperativos, que os planifique como num trabalho geometrico, que os relacione, que os coloque num vinculo natural de causa e efeito. E, nêsses Estados, a juventude tem de, por si, dissecar todos os problemas que resultam dêsses imperativos, analisá-los á luz da experiência que vai adquirindo dia-a-dia, interpretá-los, resolvê-los em suma.

Poderiamos, agora, começar a responder á primeira das interrogações há pouco formuladas: como se desempenhará a juventude das suas

tarefas primordiais, naquêles Estados que não cuidam convenientemente da sua educação social?

Mas, antes, queremos ainda dizer que, voluntáriamente, vamos deixar de lado o estudo do processo de desenvolvimento da juventude nos Estados que lhe organizam a sua educação política e social. Propositadamente o fazemos, pois que, embora muito tivessemos a dizer sobre isso,, não poderiamos abordar o assunto em todos os seus aspectos, o que prejudicaria a sua interpretação. Todavia, não dexaremos de afirmar que a educação politica da juventude compete essencialmente ao estado e que, quando isso se verifica, estamos , na realidade, em face de um moderno espirito de cultura social. Temos, porém, que fazer aqui uma observação importantissima: na época que atravessamos, essa educação só póde ser benéfica, quando orientada num sentido nitidamente progressista, isto é, só póde ser benéfica se possuir em si idéias novas e se conduzir em linha recta a uma obra nova (e, no presente, idéias novas e obras novas serão todas aquelas que levarem a uma dignificação da pessoa humana). Caso contrário, só serve para arraigar, e á fôrça, na mente da juventude, fórmulas e pensamentos opostos aos seus interesses, negando até o próprio espirito da juventude. Esta educação regressiva, digamos assim, não é só prejudicial e nociva. E' também, e sobretudo, anti-social.

Um outro facto temos ainda que notar, e êste de não menor importancia: quer nas nações em que a juventude tem a sua educação politica dirigida pelo Estado, quer naquelas em que essa educação é um mero trabalho de auto-preparação, a tarefa das massas juvenis é, por substancia, uma ação construtiva. Mas, nestas, a juventude tem tambem a seu cargo um labor destrutivo, e êste de grande trancendência, pois que é nessas nações que com mais forte insistência se põem todos os dolorosos problemas do nosso século, da atual civilização (e o mesmo se dará naqueles Estados que insuflarem á juventude uma educação perigosamente regressiva). Para os resolver, é necessário derrocar muita idéia feita, muito preconceito, muita podridão, muito instituto juridico. E isso compete em grande parte á juventude, porquanto é ela o cadinho onde se forma a mentalidade nova das gerações, porquanto é ela, atualmente, o crisol de todo um imenso mundo de concretizações.

⁂

Dissemos atrás que o problema de caracterizar o papel histórico da juventude estava intimamente ligado áquele outro da sua preparação politica e social. Colocar a situação nêste pé e relacioná-la com a obra de auto-valorização das massas juvenis, já referida, talvez fôsse coisa interessante de fazer-se. E tanto mais interessante, quanto é certo que na complexidade dos problemas e na sua interdependência se encontra mais facilmente a explicação de factos que, de outra forma, nos pareceriam desconexos e obscuros.

Frisámos, por diversas vezes já, a expressão **papel historico da juventude.** E a verdade é que nenhuma outra se nos afigura mais apropriada para caracterizar a missão do jovem em nossos dias. A juventude de hoje desempenha um papel histórico de capital importancia em virtude de ser profundamente renovadora, e isto por a sua mentalidade e os seus interesses estarem em manifesta oposição com a estrutura econômica da sociedade.

Maranon, quando fala de **El Deber de las edades,** não acentua, como seria de desejar, que a juventude na sua rebeldia não prossegue simplesmente em fim biológico. Há uma outra razão, e essa não menos profunda, que determina a sua atuação social. Não é de estranhar, porém, que um biologista a olvide, pois que é êrro comum dos biólogos o querer que a sociedade se mova exclusivamente por uma razão biológica, quando afinal a realidade nos ensina que outros elementos, de não menor importancia, determinam a propulsão da história. Entre êstes, destaca-se o factor económico, que é o que ajuda a superestrututar a mentalidade da juventude, pois ela está em contáto intimo com tôdas as necessidades da sua época. Ela conhece a miséria dos bairros escuros das grandes cidade. Anonimiza-se nas fábricas imensas em que ininterruptamente se produz não se sabe para que nem para quem. Trilha os campos sem fim e senta-se nos mesmos bancos dos camponezes sem trabalho. Enfileira nas bichas de desempregados e sujeita-se ao regime das casernas inuteis. Oferece o seu sangue inocente para guerras que ninguem póde aplaudir. A vida, para ela, tem um ritmo bem diferente daquelas imagens literárias que rodeiam os jovens de esperanças, de amor e de ilusões. A vida é uma paisagem bem mais realista, e os jovens de tôdos os paises bem o sabem.

Afirmámos que a juventude ia cimentando as suas idéias na experiência do dia-adia. Costuma-se desdenhar da experiência dos jovens. Mas êles,. hoje, privam com tôdos êsses factos que apontámos. Têm o conhecimento duro da luta pelo pão e pelo trabalho. E é nesta experiência que êles baseam a sua concepção de vida. O mundo, como êles o desejariam, devia ser, sim, uma imensa cidade, mas uma cidade onde houvesse lugar e confôrto para tôdos. O mundo devia ser, sim, uma terra imensa, mas uma terra que desse pão e fôgo para tôdos. O mundo devia ser, realmente, o lar da Humanidade. E é isso que êles não encontram, é isso que êles não veem. Daí as suas reivindicações, a sua rebeldia.

Diz Maranon que tôdo o jovem deve ser indócil, duro, forte e tenaz, em suma: rebelde. De acôrdo. Biologicamente deve ser assim Contudo, mais qualquer coisa julgamos ser necessária. Não basta ao jovem ser rebelde.

Rebeldia por rebeldia nada vale. O jovem tem de orientar essa rebeldia num sentido num sentido positivo e construtivo. Tem de lhe dar uma maneira concreta. Moldá-la praticamente, de forma a que ela seja sempre o guia da sua atividade. Isto, por que a rebeldia instintiva é, muitas vezes, inconsciente. A rebeldia inteligente, essa póde alcançar tôdos os fins que pretenda. Porque é refletida. Porque é medida. Porque é objetiva. Porque se baseia sempre numa insátisfação material que urge remediar sem exagero nem mesquinhez, o mais exatamente possivel. A rebeldia intelectual, proveniente em linha recta das contradições economicas da sociedade, tende a resolver dialecticamente essas mesmas contradições. E' claro que, tambem ha um principio dialéctico na rebeldia instintiva dos jovens, que os coloca em oposição com o conservantismo, também instintivo dos velhos. Mas o caso é que os jovens podem, de igual módo, ser

os guardiães de uma determinada organica social (e isso se verifica naqueles Estados que souberam captar a juventude, que a moldaram numa educação politica que tem de estar, forçosamente, em conformidade com as próprias normas politicas dêsses Estados). E, na realidade, embora êsses Estados possuam uma estrutura revolucionaria, o facto é que os jovens, nêles, são conservaodres da ordem social estabelecida.

Parece-nos, pois, que temos de figurar o problema nos seguintes termos. A rebeldia da juventude só póde ser construtiva se se basear numa interpretação dialética dos fenómenos sociais. E é essa a missão da juventude: colocar-se numa posição critica, a um tempo de demolidor e de arquitéto. A sua mentalidade, erguida de acôrdo com as necessidades da sociedade, deve tender sempre, não só a interpretar essas necessidades, como também a situar-se num plano mais elevado e, de um modo preciso, a resolvê-las. Esta é a missão da juventude. Daí a transcendência do papel histórico que ela desempenha na atual sociedade.

Em vista de tudo isto, lógico é que uma das principais tarefas da juventude seja a de se organizar convenientemente, de forma a que a sua missão possa ser concretizada numa ação prática. Nos Estados que deixam a juventude entregue ás suas próprias fôrças, essa tarefa é uma auto-valorização, pois que as massas juvenis tem de se encaminhar por si sós, amparando-se, simplesmente, no seu entusiasmo e no seu processo de análise dos fenómenos sociais. A juventude, nêstes Estados, realiza a sua missão até por uma imposição material, e isto porque as contradições económicas da sociedade levam diretamente á oposição violenta das lutas politicas. Assim se explica, também, que a juventude tome tantas vezes uma expressão agressiva, e que a sua incompatibilidade com a organização social estabelecida, qualquer que ela seja, se manifeste rudemente.

Tinhamos ainda a notar que a juventude se integra mais facilmente na sua missão histórica do que qualquer outra idade. Queremos dizer: o seu papel renovador tem um dinamismo profundo que se quadra com perfeição á sua atividade biológica, ao seu caudal de energias em constante desenvolvimento. Há uma coordenação de fenómenos (uma especifica laboração biológica e uma especifica inquietação social) levando com rapidez ao mesmo ponto: a formação de novas idéias, de novos expoentes politicos e históricos. Nunca é demais insistir: a juventude, por fôrça dessa coordenação natural, contribue grandemente para a elevação de novas estruturas economicas e politicas da sociedade, e são o seu poder de realização o seu vigor inédito, a sua ação, o seu módo peculiar de interpretação dos fenómenos sociais, que dão a vida politica das nações modernas (das nações de hoje) um movimento tam particular, uma forma tam especial, um processo ideológico tam moderno (tam diferente de todos os processos ideológicos conhecidos na história).

⁂

Ainda não justificámos o titulo dêste arrazoado: juventude e eternidade. Ele deve parecer até demasiadamente paradoxal (pois nada há mais oposto a qualquer idéia metafisica que o espirito moço dos jovens), e talvez se julgue mesmo que vamos estabelecer uma ligação entre a juventude e a concepção espiritualista da eternidade. Nada disso, porém. Mas o fato é que nos seduziu inteiramente a união dessas duas palavras, pela relação intima que, sem querer, estabelecemos entre elas.

Pois que melhor fôrça assegura a eternidade dos povos que a das massas juvenis? Que melhor sangue para a organica das nações? Que melhor garantia de continuidade? A juventude — a juventude consciente, a juventude livre — é a eternidade das nações, porque ela as conduz, a formas novas, cada vez mais perfeitas, cada vez mais elevadas. E as nações serão eternas, porque serão sempre diferentes, porque serão sempre novas. A eternidade é a sucessão das gerações. A eternidade é a contribuição de cada geração para a felicidade e para o bem estar da coletividade. E' a pedra de tôdos, o grão, o monte, a montanha, o universo. O universo das coisas. O universo das idéias. E a juventude é também tudo isso, porque ela vai sendo a negação do estabelecido, a construção do novo, a evolução dialética do próprio mundo. Porque a obra da juventude é a renovação da Humanidade. Porque a missão da juventude é interpretar para construir, derrubar para edificar. Porque a juventude é a obreira eterna da Vida.

(Portugal).

Henriqueta Lisboa
E "VELÁRIO"

Maria Jacintha

Há criaturas que trazem o fatalismo da beleza em seu destino. Como por um glorioso determinismo, encontram-se a todo instante com as coisas belas da vida, percebem-nas em suas nuances mais sutis — ao mesmo tempo que as vão criando milagrosamente.

Henriqueta Lisboa — a mais profunda emoção da poesia contemporânea — tem, em seus versos, a marca desse destino de estesia: "Fogo-Fátuo" iniciou a jornada de beleza que ela continua em "Velário", depois de um estágio cheio de explendor em "Enternecimento", que foi, indiscutivelmente, onde atingiu a seu apogeu de poetisa.

Essencialmente artista, vem recolhendo, desde sua estréia, tôda a beleza dispersa pelas coisas e a vem musicando com uma música que é só sua, dentro de um ritmo que é o próprio ritmo da vida, em sua mais perfeita expressão de espiritualidade e poesia.

Não se pode dizer que "Velário" traga, em seu conjunto, alguma coisa que o destaque de seu predecessor — no sentido puramente literário. Pode-se afirmar, mesmo, que não existiria se "Enternecimento" não tivesse existido — porque deste é consequência. E ambos se completam, em seu encanto e em sua singularidade — emoldurados, essa singularidade e êsse encanto, por uma explêndida e perfeita musicalidade. Henriqueta Lisboa é a artista excepcional da música e da emoção, cujo sentido agudissimo de ritmo é qualquer coisa de notável, dentro do mais rigoroso critério de harmonia. Como música, bastaria para consagrá-la êste início quási mágico de "Origem":

"Venho do mar! Trago na concha dos ouvi
[dos
o canto da água quando alcança a areia
e o rumorejo dos corais, no fundo..."

Como emoção tôda sua poesia é um exemplo — culminante em "Hora Eterna", onde a poetisa se eleva, desmaterializa-se, transcende...

"Vida que explendes porque passas,
e que és amada porque findas!...
Ser em ti, por ti mesma, aspirar-te, sorver-te
integrar no teu ser todas as coisa lindas,
advinhar em ti o atropêlo das raças,
subir contigo aos pincaros, num grito
da vontade que doma a atração do infinito,
transpor-me, presa do teu hausto,
e um dia, em frente ao sol, de súbito per-
[der-te
e rolar pelo cáos, como um pássaro exaus-
[to!"

E' verdade que a poetisa nos mostra, em "Velário", algumas falhas que poderiam não existir, atendendo aos altos recursos de que dispõe. Não é admissivel, por exemplo, "uma princesa silenciosa de dedos nos lábios", e isso muito simplesmente porque é odiosa a atitude, assim como as suas congêneres: a palavra dita ao ouvido e a clássica saída na ponta dos pés. Não são, positivamente, aceitáveis — nem mesmesmo partindo de Henriqueta Lisboa.

Assim, também, pareceram-me de mau gôsto "os goivos na cova das olheiras" e o "alguém que me guardava como um cão" — inegavelmente bem pouco lisongeiro para quem a guardava. Também "voz gorgeando" não é muito simpático: basta imaginar-se, por um segundo, um namorado gorgeando, para condenação definitiva da idéia. E há, ainda, "punhaladas no meu amor próprio", os punhos "como dois tigres farejando sangue" — expressões que poderiam ter sido evitadas, para grandeza perfeita de "Velário".

Isso tudo, porém, são detalhes menos felizes, só remarcáveis dentro das mais exageradas exigências estéticas e do mais absoluto critério de relatividade.

A arte de Henriqueta Lisboa é qualquer coisa de tão alto e tão puro, que o mais leve deslise ou a mais ténue sombra desequilibra ou tolda. Coisas que em outros poetas passariam *ferem*, nos seus versos: uma idéia menos luminosa, um verso menos musical, tomam proporções imensas de dissonância. Assim quando lemos "Crianças no jardim". Porque maculá-lo,

em sua pureza poética, com êste lugar-comum: "o eterno desmancha prazeres"? E "Monotonia"? Porque fechá-lo, como o fechou? Iniciado gloriosamente:

"Monotonia dos dias longos, dos dias lon-
[gos,
que se prolongam sem ressonância pelas
[estâncias
imemoráveis das vidas mornas sem luz nem
[côr.
Dias brumosos, ermos, inúteis... Dansa de
[jongos
desengonçados... Pés que se arrastam e
[que se cançam
pelos terreiros, nesta cadência, tôda em
[torpor"...

não deveria terminar com êste verso que, destoando do conjunto, é um enxêrto desafinante em sua harmonia:

"Estou cansada da monotonia".

Sua poesia tem responsabilidades seríssimas. Estão enfrentando "O Divino Silencio"; foram lançados com "Os Cisnes Cantam"; vivem ao lado da glória de "Caminho Perdido" e desta pletora de emoção, colorido e sonoridade que é "Eu te perdôo, Vida"; sofrem o contágio de "Céu Distante" — prodígio de ritmo que reproduz, esplendidamente, o ritmo de uma romaria —; vivem na visinhança penetrante de "Angelitude", em que concentram tôdas as suavidades, tôdas as maciezas, tôdas as músicas, que imprimem a seus versos o encanto envolvente das melodias diluidas.

Atingindo a essa "pobre ventura ideal de poder renunciar", Henriqueta Lisboa deu uma feição inteiramente etérea á sua arte — e sentem-se, em "Velário", as notas precisas de uma despedida.

Mas pergunto eu, daqui, à artista embriagada de misticismo: não será, ainda, uma ilusão, êsse novo rumo espiritual que ressalta de sua poesia — "um pretêsto para a vida?" Haverá, mesmo, em sua alma, desprendimento do mundo? Não será, ainda, uma satisfação a êste a preocupação de cerrar o velário? E, no fato mesmo dessa despedida, não estará muito ainda de um grande apêgo a êste mesmo mundo? Confesso que, maugrado a bela impressão artistica causada por "Velário", é pena sentí-lo tão afastado da realidade das coisas. Em lugar de ver a poetisa ceder, em busca de um silêncio e de um esquecimento que, positivamente, não são humanos, eu a preferiria menos resignada a um destino de melancolia que não é, decerto, destino que se aceite sem luta e sofrendo, menos passivamente, a falta "desta alegria que não pôde ter".

Li, há tempos, desta mesma poetisa que agora recua diante da vida real, qualquer coisa de parecido com isto: — "A vida que deve ser vivida com beleza, conquistada com dignidade". (Se não foi esta a frase, o conceito é êste mesmo). Admitia, portanto, a poetisa, a idéia de *conquistar* a Vida. Mas em "Velário", há recuo. Há capitulação. Capitulação incompreensivel, inadmissivel, mesmo, partindo de quem já começara a conquistar a vida pela beleza — que é a sua forma mais alta de ser vivida. Ao contrário de "Enternecimento", em que palpita um culto grande e comovido pelos momentos humanos, "Velário" trae um tão profundo desânimo, um tal cansaço de alma, que a gente fica a pensar se já se não anuncia, nele, uma injusta displicência pela vida — por esta vida que tem sido para a poetisa a sua mais generosa fonte de emoção e poesia.

Êste, porem, é um comentário de caráter particular, reflexão que ocorre à leitura de "Velário", sem que em coisa alguma o atinja em sua *qualidade* literária: sempre temos os *nossos* motivos de beleza e quando um artista nos satisfaz integralmente gostariamos de vê-lo tirar, desses motivos, as harmonias que não soubemos tirar.

"Enternecimento" realiza bem o que se deseja, refletindo tôdas as nuances emocionais e musicando todos os momentos da alma. "Velário", menos humano, insiste em mostrar a emoção unilateral — porque apenas de um lado Henriqueta Lisboa teimou em ver a beleza das coisas. Isso, porem, só à primeira vista. A' segundo leitura, tôda a inquietação da alma da poetisa se insinua, atravez suas frases repassadas de grave serenidade — e o que se vê, então, em tôda sua indiscreta nitidez, é apenas a revolta recalcada e uma grande queixa, a se concretizarem em versos maravilhosos.

E' a rebeldia de quem sabe que "a vida é linda, sempre linda", mas não pode continuar a achá-la linda, "mesmo quando enganou"; é a reação do sofrimento que nunca foi alegria e do enternecimento que poderia ter sido incendio e deslumbramento. Mergulhada nas emoções serenas, cantando-as, sempre, com a "ironia mansa de sua tristeza", Henriqueta Lisboa tem, sem o perceber, a nostalgia das exaltações que nunca experimentou; no ritmo manso e macio de seus versos há, de quando em quan-

Meditação do pacifista

(Especial para ESFERA)

Penso nos homens que avançam por grupos,
desobedientes á vontade própria
e em conflito com o pensamento e o coração.

Penso nas horas que hão de vir,
nas cruzes que vão nascer,
nas vozes que vão silenciar.

Penso nos braços abertos inutilmente
para o abraço impossível!
nos lábios que caíram desanimados;
nos olhos que perderam o brilho da procura.

Penso nas mãos que murcharam sem a carícia tão premeditada,
porque foi em vão que esperaram o regresso do bem amado...

H E L I O P E I X O T O

---

do, a sonoridade rebelde de um deslumbramento pressentido — e tudo quanto em "Velário" parece resignação, renúncia, serenidade, tem muito dessa quietude ameaçadora que vem em seguida aos dias intensos do sol que queima e que ofusca e que precede as grandes borrascas.

Virá, para a poetisa, depois desse sol que deu vida, calor e queimou e ofuscou um seu instante de artista e cuja luz vem iluminando esplendidamente seus versos, essa borrasca que desalterará sua alma sequiosa sempre de uma beleza maior, e que lhe dará nova seiva, numa renovação fecunda e prodigiosa, e que, com sua violência, a sacudirá para um novo momento de poesia?

Sejam quais forem, dela, as razões ou as consequências, confesso que a desejo — para maior glória de seu verso. Qualquer coisa de forte, uma explosão, um relâmpago, que lhe ilumine, na encruzilhada, o novo caminho —o caminho da glória ou o caminho do amor, não importa — onde sua sutilíssima sensibilidade de esteta possa recolher mais um pouco dessa música e dêsse colorido inesgotáveis, que fazem a grandeza de sua poesia.

Qualquer que seja, porem, o caminho escolhido, fique ela, embora, indecisa nessa encruzilhada em que se colocou com "Velário", o encantamento de seus versos é qualquer coisa de irremediável — e irremediável é a magia com que êles envolvem e dominam.

Em matéria de emoção, a sensibilidade da poetisa é o que há de mais profundo e seletivo: pequenos impressões que parecem inseparáveis, que se nos apresentam em bloco, que só percebemos em conjunto, são separadas, apreendidas em tôdas as suas tonalidades, surpreendidas em suas quasi imperceptiveis nuances. Daí não se poder deixar de assinalar, em seus versos, mais esta caracteristica que a eleva às alturas dos maiores cultores da poesia: seletividade. Não há confusões, não há misturas: a harmonia é sempre pura, as emoções bem diferençadas, bem apanhados em suas vibrações mais subterrâneas. Dela poderiamos dizer que conseguiu o que um jovem escritor nosso pretendeu realizar, sem o lograr satisfatóriamente: desceu a luz ao sub-solo.

(Especial para ESFERA)

Brincando de viajar

(Especial para ESFERA)

A. D. TAVARES BASTOS

Não sei por que diabo, o rapaz que me conseguiu o bilhete, na agencia Cook, em Praga, para Italia via Viena, tinha reservado a quela surpreza de itinerario sem dar que desconfiar. O fato é que, por um erro de róta, tal como depois êsse aviador americano me plagiou em larga escala, andei pelo mais bonito dos percursos que a Mitteleuropa traçou por sobre aqueles contrafortes dos Alpes nordicos corcoveando horizontes afóra.

Vamos já saindo da ex-capital austriaca num domingo de manhã. Antes do meio-dia, uma série de curvas deliciosas se desenrola, bolinando as encostas até o alto de Semmering, pra divisar uma perspectiva onde tres castelos atalaiando nas alturas, sem Hamlets nem fantasmas, dormindo como gatos hieraticos no colo da paisagem. Os nomes vão quasi escapando á retentiva: Ploggnitz, Pagerbach-Reischenau, Breteinsten. Parece até a lingua inventada por "João Ternura".

Aqui ficam as estações de verão da "gens austriaca" que vem praticar alpinismo, ruksac ás costas, alpenstock na mão, calções curtos de couro, chapéo de peninha á tiroleza e um ar de quem canta "ranz des vaches". Uma mulher de papo, em Kappenhauss, me faz lembrar que a "bossa" na montanha é mesmo bem diferente da do morro.

Pouco mais, atingiremos a Stiria: Gratz é a ultima cidade importante, banhada pelo Mur, antes da fronteira "alemã". Fábricas tristes, fachadas cuspidas de swastikas sinistras. Aqui e ali surge espetada uma rosa-dos-ventos que entortou a direção dos pontos cardeais... Ainda iremos pela bacia do Danubio, mesmo depois de entrarmos por um país que não estavca em minhas cogitações bisbilhotar: a Yugoslavia.

Durante mais de quatro horas rolamos de Maribor, onde outros panoramas nos acolhem, cortados pelo Drave, até o vale do Sava, para vermos Ljubljana, a cidade mais importante do percurso, em plena atmosféra balkanica. Nêsses dominios do rei-menino — o estudante Boris, que se vê pintado nos sêlos, — a gente toma fôlego, livre dos uniformes nazistas, das braçadeiras e lapelas carimbadas por essa cruz de joelhos que os alemães impuzeram á mentalidade idem dos pobres austriacos. Toma-se fôlego, digo bem, porque o feudo do sr. Mussolini vem por perto. Só a plantação de consoantes é que continúa viçosa, em todos os letreiros do caminho. A ponto de ter tomado nota de um nome que me pareceu ser o de uma estação, "Stranisk" (com acentos circunflexos de pernas pro ar nos rr e nos ss), quando não passava da indicação do mictório...

Tambem eu já tinha aprendido em Praga que é preciso desconfiar muito daqueles disticos, onde uma ou duas vogais acanhadas põem a cabecinha de fóra num atropêlo de seis a oito consoantes cheias de acentos de importancia. Isso fazia a gente entrar pelas "saídas" e sair pelas "entradas", misturar os doces com a comida, e outras estabanações que constituiam o encanto das garçonetes nos restaurantes. A minha vizinha de mesa, escritora Yugoslava, num banquete na sala Lucerna, tentára em vão dar-me a ler o seu nome em caractéres cirilicos manuscritos, coisa assim de quem escreve "Nogo" e manda pronunciar "Nada", para bem dos olhos e mal dos ouvidos. Cicero Dias já havia me contado na Holanda essa novidade que lá a lingua é tão dificil que os próprios holandezes não se entendem direito. Essa reflexão me assaltou por vezes, quando os "chauffeurs" rodavam comigo por todos os cantos da capital tchéca, sem acertarem com os endereços constantes dos próprios mapas da cidade.

Mas agora tenho diante do nariz o vale da Borovnica, com um viaduto de respeito, por onde o tremzinho vai trepando até atingir a ultima estação yugoslava, Rakek, enfincada nos Alpes dolomitas. Vai tão devagar, como quem teme o desmoronamento dessas velhas arcadas.

O vagon está quasi vasio. Nem mesmo aquele casal anglo-balkanico, uma londrina loira e um turco moreno-terra-cota, que davam á viagem um pouco de lirismo idilico, seguem por estes lados. Desceram em caminho, rumo de Stambul, via aZgreb. Enquanto me perco aqui por êsses confins da Carniola, lá irão eles seguindo pela Croacia católica, depois, pela Slavonia e pela Servia ortodoxas. Isso que já não era mais Austria, cujos antigos dominios se estendiam até a Bosnia-Herzgovna, lá pela Dalmacia, escapou de fazer parte hoje da Grande Alemanha e ficar tudo gamado de swasticas malassombradas. E era com um certo ar bem paternal, que um viajante yugoslavo me havia dito pouco antes: — Nós temos um rei...

Em todo o caso, por agora, antes de dar com os costados em Postumia, essas alturas são ainda como um parapeito sôbre os Balkans. Olha-se enternecido para êstes ultimos agentes

Luís Soares

VISTO

POR

M o á

(R E C I F E)

da Alfandega de Rakek. Pelo buraco praticavel na montanha, vamos ganhar a fronteira italiana, de que os primeiros "camicci neri" nos espiam, fuzil ao ombro, na exibição habitual dos atacados da epidemia mavortica que assola a peninsula, relegada á categoria de uma das botas do ditador das ditas. O trem é depois invadido por uma teoria de reis vitor-emanueles mancos, marca branca de-neve, parecendo aquela repetição do pato Donald na magica do camondongo Mickey. Os quepis muito grandes, cheios de listas doiradas, êsses cabeças-de-prégo são até muito quietinhos. Os distintivos nas lapelas dos passageiros que embarcam começam a colorir o ambiente. Gestos florescem prodigos, procurando convencer ante a incapacidade das palavras, nas conversas mais ou menos gritadas pelos compartimentos e corredores.

De repente, no crepusculo que mal escurece o cenario, essa luz que bruxoleia, como uma loie-fuller dansando no dorso de uma montanha imprevista nos mapas do itinerario .Tão grande é o mar, que a gente havia esquecido como ele era: um farol simplesmente faz o seu gíro de marionete na linha do horizonte. Mais umas curvas manhosas. O trem não quer logo molhar os pés na agua fria do Adriatico. Vai descendo sem chegar. Trieste, muito socegada, já quasi sem sol, espera o malandro em baixo, que não tem mêdo do mar nem do ronco que ele tem. . .

(*Paris*)

Mazdekismo e Osirismo

ABEL SALAZAR

II -- A REVOLUÇÃO OSIRIACA

Há 2500 anos antes de Cristo, o Egito, depois de passar por várias fases de centralização, de poderes, era regido por uma monarquia autocrática e divina. Esta monarquia é uma das autocracias mais rigorosas conhecidas em história: ela é a um tempo autocrática e teocrática. O Faraó, senhor temporal e político do país é ainda o deus Horus entre os homens, filho de Rã, e sucessor de Osiris. A autoridade do Faraó, absoluta materialmente, é-o ainda espiritualmente: Faraó é autocrata, e a sua autocracia é de essencia divina. Vivo, Faraó é Horus-Rã; morto ele será Osiris no Amenti como será Rã no reino celeste. Faraó é o elo que liga o céu á terra, que liga os Deuses aos homens, que celebra os ritos, que sabe fazer a oração aos deuses, e que guarda todos os segredos da "Magia". Chefe do exército, suprêmo Juiz, proprietário do Egito, dos seus bens e dos seus haveres, o Faraó é, além disso, o Sumo Pontifice, e, depois de morto, será. Todos os previlegios, no Egito, são doação real, são "Imakou": tudo é "imakou do rei". A sociedade que gira em volta do Faraó, principes, clientes, chefes, estão a êle ligados pelo previlégio, pelo "imakou".

Até esta data, isto é, 2500 antes de Cristo, direitos religiosos e direitos políticos, não existem senão para a *gens* realenga. A esta gens pertence a corte, que cerca o Faraó; os funcionários que governam as províncias, etc., e todos se tornarão a encontrar, após a sua morte, á volta da necropole faraónica. A massa da população, artifices, camponeses, servos da plebe, trabalha para o Faraó e para a gens. Não tem um estatuto, não tem direitos politicos ou religiosos. Massas compactas, aos milhares, trabalham para a côrte; escultores, arquitetos, marceneiros, pintores, pedreiros, entalhadores, todo um exercito se move em torno da necropole, para erguer o tumulo real; pastores oficiantes, tratam do culto dos mortos: outros embalsamam as mumias; enquanto ao longe, nas grandes planicies do Nilo, queimadas de sol, os camponeses extraem da terra os produtos com que se alimenta a corte, e com que se fazem as oferendas. Nos quadros figurados nas mastabas esta vida da plebe é nitidamente figurada; e quando morre, o homem da plebe, não mumificado, o corpo nú, é enterrado na areia, sem caixão, sem direitos religiosos: "as estatuetas funerais, os amulêtos, os cofres, que, mais tarde, formarão o mobiliário dos tumulos, são neste momento absolutamente desconhecidos". diz Mariette. Quer dizer, para a Plebe, depois da escravatura da terra, nada mais existe, após a morte: nem Paraizo, nem osirificação. Direitos políticos, religiosos, e civis, que formam nas sociedades asiáticas um todo coerente, só existem para aqueles a quem o Faraó os outorga, isto é, os "imakou" do faraó. Escrava na terra, a Plebe agipcia, nada será depois da morte, senão um cadaver que não foi mumificado. Ora como, segundo as idéas egipcias, sem a união do Zet e de Kã, a vida é impossivel, desta fórma, por falta de mumificação, o egipcio da plebe é destinado ao aniquilamento total. Como é sabido, a mumificação tinha como fim permitir a existencia da alma no além; e assim compreende-se o que êste direito á mumificação representava para a plebe egipcia. Esta ausencia de direitos recorda qualquer coisa que existiu na velha China, onde só o senhor tinha direito a ter uma alma, e a erguer-se ao mundo divino; o simples mortal ou não tinha a alma, ou, se a tinha, era incapaz de se elevar ao estado divino, e de viver na imortalidade.

Foi esta a causa fundamental da Revolução Osiriaca; expressas as coisas em ideias modernas (porque as ideias do velho Egipto a propósito de Alma e de Espírito eram muito diversas das modernas), a Plebe egipcia sofria de não ter direito a ter uma alma, e desta alma não ter direitos no Além... Entre 2360 a. c. e 2000 a. c., isto é, entre a VIII dinastia e o começo da XII criaram-se as condições favoráveis a uma revolução social.

Depois do reinado de Pepi II, o poder real cái na anarquia. As ambições do clero e da nobreza, erguendo-se em face do Faraó, geraram êste estado de coisas. A VII dinastia, segundo Manethon, compreende setenta reis e dura sententa dias! A VIII dinastia, segundo o papirus de Turin, contou oito reis, dezasete segundo a Tabua de Abydos, vinte e sete, quatorze ou cinco, segundo os comentários de Manethon. "Tal caos, diz Moret, significa a decadencia irremediavel da realeza menfitica; os textos de êste periodo fortificam ainda a impressão que um movimento acelerado conduz o Egipto a uma revolução". Os egitologos possuem já uma documentação consideravel a êste respeito; mas devem-se sobretudo ao ilustre orientalista Moret, os melhores elementos colhidos a êste respeito, e sua interpretação: segui-lo-hemos nesta rápida análise. A tarefa de resto é fácil; os documentos falam por uma forma tão eloquente, transmitem, através dos

séculos, tão vivamente a forma de sentir e de pensar na época, são por tal forma o reflexo da sociedade, e exprimem tão claramente os fluxos e refluxos dos seus profundos movimentos, que a simples tradução dalguns destes documentos basta para expor a questão.

O prestígio da monarquia faraónica sofreu uma queda, como dissemos, da VIII á XII dinastia. A anarquia é revelada por decretos do Faraó Neferkaouhr, encontrados em Koptos (Moret).

Um destes documentos (1) revela a diminuição do poder faraónico. Um outro decreto (2) considerado um dos textos administrativos mais importantes do antigo Império, nomeia o vizir Shmay director do Alto Egito, tendo sobre a sua autoridade XXII Nomes. Uma stela descoberta por Moret em Luxor, em 1914, hoje no Metropolitano de Nova-York, contem a nomeação do "Director do Sul", que é o proprio filho de Shemay.

Um decreto de Koptos, descoberto por R. Weil, diz o seguinte: "as pessoas desta terra que violassem ou danificassem os alicerces, as inscrições, capelas, mesas de oferendas estátuas do vizir Idi, que estão nos santuários e nos templos", são ameaçados de severos castigos. Êste decreto revela-nos, segundo Moret, que o Vizir Idú, tinha adquirido suficiente poderio para ter estátua nos templos, com oferendas. O decreto de Denzibtani, rei desconhecido do Sul, revela de resto uma reação contra Heliopolis e a monarquia menfítica.

"Tal ameaça contra o proprio rei, diz Moret, encontra-se, de resto, num decreto datado do fim Império-Médio, em uma outra época de perturbação e de invasões; traço bem característicos dum tempo de anarquia: Pharaó não põe um rei a uma distancia inultrapassavel acima do vizir e dos sarou."

As IX e X dinastias (2360 a 2160 a .c.) estabelecem a transição entre o Antigo e Médio Imperio Thebano. Nesta ocasião o Egipto é um cáos político; de norte a sul, tudo está nas mãos dos monarcas, principes feudais. O Delta caiu nas mãos dos Silios e Asiáticos, e Thebas e Siont disputam entre si a corôa. Nos tumulos deste periodo, tudo são cenas da revolta, exercícios de soldados, representações da guerra civil; pode ver-se um exemplo destas ilustrações no livro de Moret, p. 254: aí se veem guerreiros negros armados de lanças, de flechas e de escudo, sob a direcção dum chefe branco, atacar uma fortaleza defendida tambem por mercenarios negros.

As Instruções de Merikarâ, conservada por um papirus, trazem-nos, diz Moret, um éco desses tempos em que o faraó, cercado de intrigas, dá a seu filho conselhos de habilidade e de prudencia; ele menciona as revoltas dos noumarcas, os ataques dos asiáticos, as derrotas das tropas faraónicas, perto de Abydos. Em 2130 os Hérakléopolitanos e os principes de Siout são vencidos pelos Autef de Thebas. Estes Autef conseguem estabelecer um pouco de ordem, mas tudo cai de novo no cáos. "A autoridade pulverisou-se, o dominio real desapareceu, os direitos civis e religiosos passarão ao mais forte, desencadearam-se os apetites e o indivíduo arrojou-se contra todas as disciplinas; e esta longa anarquia arrastou comsigo a falta de segurança, a fome, e a derrocada moral. Muitas obras literárias, inspiradas por esta crise, mostram a plebe egipcia, oprimida, sempre esquecida, vingando-se das autoridades reconhecidas, e submergindo tudo numa onda de violencias e de rapina". (Moret, loc. cit.)

Factos característicos, os documentos faraonicos, habitualmente tão teatrais e prolixos, faltam nesta época. Os templos, edifícios particulares e realengos, tão abundantes na época menfítica e na época tebana, faltam tambem, e êste facto, que marca todas as épocas perturbadas, como no tempo dos Hycksos, é caractéristico. Em compensação abundam os documentos e a literatura popular. Durante séculos a revolução foi o tema da literatura e dos contos populares. Alguns destes textos são notaveis: tais são as "Meditações dum sacerdote de Heliopolis": "Dialogo dum Egipcio com o seu Espírito"; Prevenções dum Sábio"; "Ensinamentos dum rei"; "Canticos do Harpista". São em geral descrições orais, a que os letrados do Império Médio deram forma literária, ou cópias tardias da XVIII dinastia (Moret).

Nos *"Ensinamentos"* atribuidos a Merikarâ. (Papirus 1116 A de Petersburgo) traduzido por Gardiner. op. XIII, t. 1. p. 22, lê-se o que se segue:

"— O homem turbulento poz a cidade em desor-
"dem. Creou dois partidos nas gerações moças. O
"país do Delta nordeste, destruido pelos asiáticos, está
"dividido em distritos. O que era principado dum só
"(noumarca?) está agora entre as mãos de dez. O pas-
"tor está ligado, (como por um jugo) ás terras, tra-
"balha com uma equipe de trabalhadores). Além, tro-
"pas de soldados atacam outras tropas, como foi dito
"nas profecias dos Antigos. O Egipto combate na ne-
"cropole...

As *"Sentenças"* (Papirus 1116 B, de Petersburgo) falam assim:

"— Êste país está completamente perdido; nin-
"guem dele se interessa, ninguem dele já fala, nin-
"guem sôbre êle chora. E, no entanto, em que deu o
"país? Já o sol se vela, e não brilha... O vento Sul,
"Tifonico, aniquila o vento Norte... Tudo o que era
"Bem está perdido, o país reduzido á miséria... Er-
"gueram-se inimigos a Oriente, Asiáticos introduziram-
"se no Egipto... Feras do deserto bebem no rio do
"Egipto... Este país está a saque, e ninguem sabe o
"que vai acontecer. Vejo o país de luto e penando.
"O que jámais aconteceu está acontecendo. Tomam-se
"armas para o combate, porque o país vive de desor-
"dem. Com o cobre fabricam-se lanças, para mendigar
"pão com sangue. Ri-se com um riso doentio. Já nin-
"guem chora nos funerais... Cada qual assassina o
"contrário; e um homem mata o proprio pai... O ódio

(1) Chartes, op. I. As., 196, p. 108-118.

(2) Moret, Une liste de Nomes de la Hante, Egypte sons la VIII dynastie op. III 1914.

"reina entre as gentes das cidades. A bôca, quando "fala, fazem-na calar, e respondem com palavras que "fazem pôr um pau na mão... A palavra dos outros "é para o coração como fogo, e já ninguem suporta o "que uma bôca exprime... O país está enfezado, e no "entanto os seus chefes são cada vez mais numerosos. "O Sol desvia-se dos homens... Mostro-te êste país "na desgraça e na miséria. O nome de Heliopolis já "não é um país, ela, a cidade em que nascem todos "os deuses!".

E' Neferrehon, o Kheri-heb, nascido em Heliopolis, que assim fala.

Uma tábua da XVIII Dinastia, publicada por Alan Gardiner, em apendice á The Admonitions of an Egyptian Sage, p. 96, contem o texto dos "Cadernos de palavras", atribuidos a Aukhon, sacerdote de Heliopolis.

"— Comprimo meu coração para extrair o que êle "contém despojando-me de tudo o que me tinham dito "outróra... Direi estas coisas tais como eu as vi... "Oh! se eu pudesse compreender o que os outros não "compreendem ainda! "Se eu pudesse dizer essas coi-"sas e que o meu coração me respondesse; assim eu "esclarecia por êle a minha pena, e descarregaria sô-"bre êle o fardo que me pesa nas costas. Eu, portan-"to, medito sôbre o que acontece, os acontecimentos "que se manifestam através do país. Transformações "se operam; hoje não é como o ano de ontem; cada "ano pesa mais pesadamente que o outro. Está o país "em confusão... O Direito foi posto fora, e o Mal está "na Camara do Conselho. Combatem-se os planos dos "Deuses, e os decretos são transgredidos. O país cor-"re para a miséria; o luto está em toda a parte, cho-"ram cidades e provincias. Todos os homens são cri-"minosos; a tudo o que era respeitado se viram os "costas".

E Ankhon, termina, implorando:

"— Vem, coração meu para que eu te fale; e para "que tu me respondas ás minhas palavras. Possas tu "explícar-me o que se passa através do país".

No *"Dialogo dum Egipcio com o seu Espírito"*, mil anos antes de Job e do Eclesiastes, há quatro mil anos antes das modernas crises de desilusão, um egipcio, dialogando com o seu Akhon, grita de dôr e desespero, como nos tempos de hoje Pierre Loti, sôbre o nada de todas as coisas, a vã poeira de todas as ilusões.

E o Egipcio diz ao seu Espírito:

"— Conduz-me para a morte, torna para mim agra-"davel o Ocidente. E' uma desgraça morrer? A vida, "é uma evolução. Olha as árvores: elas caem. Passa "pois sôbre os pecados; e tranquilisa o desgraçado. "Thot me julgará, Khonson me defenderá, e Rã escutará a minha palavra...

E o Espírito, cético, responde:

"— Se pensas na sepultura, é um lucto para o co-"ração, é o que traz as lágrimas e perturba o homem. "E' levar o homem da sua casa, para o conduzir á "colina (do deserto). Jámais subirás mais ao céu para "contemplar Râ, o sol dos deuses... Aqueles que fo-"ram esculpidos em granito rosado, aqueles para quem "foram construidas camaras, na Piramide, e que reali-"zaram obra de beleza, os construtores que se transfor-"maram em deuses — suas mesas de oferendas estão "vasias, tal como as dos abandonados, mortos sôbre a "margem do rio, sem sobreviventes (para garantir seu "culto). O fluxo roubou-lhes a potencia, e o sol tam-"bem; sómente os peixes das margens lhes falam. Es-"cuta-me, porque é bom para o homem escutar. Dei-"xa-te ir seguindo o dia feliz, e esquece cuidados...

E o Egipcio responde:

"— A quem falarei eu hoje? São violentos os co-"rações, todos se apoderam dos bens dos seus rimãos. "— A quem falarei eu hoje? A gentileza desaparece, "sobe a violencia por cima de toda a gente. — A "quem falarei eu hoje? O homem que torna furiosos, "por suas maldades, os bons, faz vir toda a gente com "seus pecados. — A quem falarei eu hoje? Já não há "justos! A terra foi entregue aos pecadores. — A "quem falarei eu hoje? O mal que vara o país não "tem fim. A morte está hoje deante de mim, como "quando um doente cura, como quando se sabe da do-"ença... A morte está hoje deante de mim, como "quando um homem deseja tornar a vêr a sua casa, "depois de ter passado muitos anos no cativeiro".

E então o Espírito, convencido, finda por aceitar a morte, que o reunirá ao seu corpo, no repouso eterno, longe dos perversos (Adolf Erman, Gespraecheines Lebesmuden mit seiner Secle, 1896.)

Um cántico de descrença melancolica, está gravado no tumulo dos reis Antif, do Médio Império:

"Vão-se os corpos, outros ficam, desde os tempos "dos anetpassados. Os deuses (reis defuntos) que ou-"trora existiam, repousam em suas Pirámides, e como "êle os nobres, os gloriosos, estão sepultos em seus "tumulos. Ergueram palacios cujos lugares nem já "existem. Que fizeram deles? Eu ouvi as palavras de "Inhetep e de Hardedef (x), de que se citam hoje as "sentenças. Onde estão agora os seus lugares? As "suas paredes estão destruidas, seus lugares já nem "existem, como se jámais tivessem existido. *Jámais "ninguem voltará do Alem, que poderá dizer-nos o que "isso venha a ser, que nos digam de que eles neces-"sitam, para tranquilizar nossos corações até ao mo-"mento em que formos, nós tambem, para onde eles "outróra partiram.* Sê portanto alegre, segue o teu de-"sejo, enquanto viveres... Faze tudo do que tiveres ""necessidade na terra, e não perturbes teu coração, "até que para ti venha o dia da lamentação (funebre). "O Deus de Coração tranquillo (Osiris) não ouve la-"mentação, e lástimas a ninguem pode valer no tu-"mulo! Vê, como faz um dia feliz! Vê, ninguem volta, "quando partiu... "(Max Muller: Die Liebespoesie der "Alter Aegypter).

Negro pessimismo, desencantado ceticismo de abandono, tanto mais singular e desconcertante quanto foi grande a fé egipcia, como nenhuma outra na imor-

talidade. Dir-se-iam páginas de hoje, das inumeras que a literatura moderna nos oferece deste teor: Loti, Dostoiewsky, Anatole, e tantos outros exprimem, a vinte e tantos séculos de distancia o mesmo desiludido cansaço...

Nas *"Adnonições dum velho filósofo"* (Alan H. Gardiner, The Admonitions of an Egytian Sage, 1909) encontra-se um descritivo prolixo, confuso, com lacunas que Moret poz em certa ordem, agrupando os traços mais caracteristicos. Entra em cêna um velho faráó, tranquilo no seu palácio, emquanto o país, á roda, se debate na anarquia; um filosofo, Ipoour, velho burocrata da administração vem ao palácio revelar a verdade ao Faraó: brada ás armas, contra a revolução e faz profecias, aconselhando reformas, e restaurando o futuro. O descritivo, diz Moret, é a verificação dum estado de coisas que pertence já ao passado, no momento em que o narrador escreve: invasões de estrangeiros, lutas intestinas, falta de segurança, chômago, formes, epidemias, crise de natalidade, deslocamento de valores sociais, uma revolução social, numa palavra". "A sua semelhança com as cenas de hoje é flagrante: dir-seiam por vezes extractos de jornais de revistas ou de livros modernos.

Acabamos de vêr o lado moral e espiritual da revolta, vamos agora assistir ao seu lado material.

"— Os homens do deserto, em todos os lugares, substituem os egypcios. Chegam os Estrangeiros; não "há já egypcios em parte alguma. O país torna-se de-"serto; os "nomes" são devastados; os Archeiros es-"trangeiros vêem de fora (da Asia) para o Egypto. O "barco do Alto-Egipto vai á mercê do vento; as cidades "são destruidas, e o Alto-Egipto é um deserto. Já não "é protegido o Delta; a defeza do país é uma estrada "espesinhada. Os corações humanos são violentos; a "peste corre o país; há sangue por toda a parte; só "a morte não faz chômage. Os nobres estão de luto; "os plebeus exultam; todas as cidades dizem: Vamos, "suprimamos os poderosos entre nós... O país está "em revolução, gira como a roda do oleiro. Os ladrões "tornam-se proprietários, e os antigos ricos foram rou-"bados. Põe-se os citadinos ao moinho de grão; os "que estão vestidos de fino linho são espancados. Da-"mas que jámais tinham visto a luz saem para o exte-"rior. O país está cheio de facciosos; e o homem que "vai lavrar leva consigo um escudo. Em vão o Nilo "tem a sua cheia; já se não lavra, pois cada qual diz: "Nós não sabemos o que acontece pelo país... O ho-"nem mata o seu irmão, nato de suas proprias mães. "Os caminhos estão espionados. Há gente instalada "nos matagais, á espera do lavrador que regressa pela "tarde, para lhe roubar a carga; cosido de pauladas, "é morto vergonhosamente. Os rebanhos erram ao aca-"so. Não há já ninguem que os reuna. Cada homem "conduz os animais que marcou com o seu nome. Tu-"do que se via ontem, desapareceu. O país foi aban-"donado, como um campo ceifado. As colheitas mor-"rem por todos os lados, não há vestuário, especiárias, "oleos. A porcaria cobre a terra; não há já vestuá-"rios brancos. Toda a gente diz: já não há nada. Os "armazens estão destruidos, seus guardas foram lança-"dos a terra. Come-se erva, e bebe-se água; rouba-se "alimento á bôca dos suinos, sem, como ourtóra, dizer "isso é melhor para ti do que para mim", tal é a fome. "Faltam todas as matérias primas necessárias aos ofi-cios. Entra-se em todos os lugares secretos. Os Asiá-"ticos trabalham nos ateliers do Delta. Nenhum tra-"balhador egipcio já trabalha; os inimigos do país des-"pojam os ateliers.

"Os homens diminuem. Por toda a parte se vê o "homem pôr em terra o seu irmão. Lançam-se os mor-"tos ao rio; o Nilo é um sepulcro. As mulheres são es-"tereis. Já ninguem faz crianças. O deus Kwounn não "modela já a humanidade, por causa da situação do "país. Grandes e pequenos dizem "Prefiro morrer" Há "crianças que dizem: "Meu pae nunca me deveria ter "feito viver". Os filhos dos principes, são arremes-"sados contra as paredes. Foge-se das cidades. Só "tendas constróem os homens. As portas, as paredes, "as colunas, são incendiadas. No entanto o palácio do "rei subsiste ainda, e permanece sólido. — Mas de que "serve um tesoiro que já não tem rendas?

"A sublime Sala da Justiça, com seus escritos, foi "arrebatada, os lugares secretos divulgados. As formu-"las mágicas são divulgadas e tornam-se ineficazes (?), "porque já todos os homens as sabem de memória. Os "oficios públicos estão abertos; as suas declarações "são tiradas; assim, os homens servos tornam-se senho-"res de servos. Os funcionários são mortos, seus escri-"tos são arrebatados; infeliz de mim, que tristeza de "tempos! Os escribas do cadastro, e seus escritos, fo-"ram levados. Os viveres do Egipto são para quem "diz: "Cheguei e pequei". As leis da Sala da Justiça "foram arremessadas ao vestibulo. Marcha-se sôbre "ela na vida pública; os pobres esfrangalham-nas na "rua. O pobre ascendeu ao estado da Divina Eneade. "A regra da Sala dos Trinta Juizes foi divulgada. A "grande Sala da Justiça pertence a quem entra e sa-"be. Os pobres vão e vem nas Grandes casas" (de "Justiça). Os filhos dos Grandes são arremessados á "rua. O Filosofo diz: Sim, (é verdade), e o Tolo diz: "Não (não é verdade). Mas aquêle que não sabe nada "(— o rei?) acha que tudo vai bem...

A revolta ruge já em todo o país, mas não atingiu ainda a corte. O facto explica-se pela organisação faraónica do Egipto, onde o faraó, isolado e divino, mal tinha contacto com o país; de resto, qualquer má noticia era em geral retribuida com a pêna de morte... Mas a onda cresce, aproxima-se da côrte, invade os palácios:

"— Vê tu pois: coisas acontecem que jámais suce-"deram no passado; o rei foi levado pelos pebleus. "Aquêles que eram sepultados como o Falcão Divino, "estão agora em caixões. O que escondia a Pirámide "está agora vasio. Alguns homens sem fé nem lei (á "letra: — "sem planos) despojaram o país da Realeza.

"Chegaram a revoltar-se contra o Uraceus que defen-"de Rá e pacifica as Duas Terras. O segredo do país, "cujos limites são desconhecidos, foi divulgado, (isto é) "a Côrte, que foi derrubada numa hora... A serpente "(protectora do Paço) foi retirada do seu esconderijo. "O segredo dos Reis do Alto e Baixo Egipto está di-"vulgado.

"— O Baixo-Egipto chora. O celeiro do rei perten-"ce a todo o homem que diz Cheguei, dai-me". A casa "real, inteira, já não tem rendimentos. E' contudo ao "rei que pertencem o trigo, o centeio, as aves, os pei-"xes; a êle pertence o branco vinho, as finas telas, o "bronze, os oleos; a êle, as esteiras e os tapêtes... "os palanquins e todos os belos presentes.

"— Quando o Director da Cidade (O Vizir) se des-"loca, já não tem escolta. Os que ficaram fortes no "país, nada lhes dizem sôbre a condição do pôvo. Ca-"minha-se para a ruina. Nenhum funcionário está já "em seu lugar. E' como um rebanho aterrado, sem "pastor.

"— Os Grandes teem fome, estão na penuria. Os "servidores são agora servidos. Nobres damas fogem... "(sem filhos) prostram-se, com mêdo da morte. Os che-"fes do país fogem, porque já não teem empregos por "falta de...

E' um periodo de terror, como se vê. Depois é a predominancia social do proletariado, descrita nestes termos amargos:

"Os pobres do país tornaram-se ricos, enquanto "os proprietários já nada teem. O que nada tinha, é "agora senhor de tesoiros, e é lisongeado pelos gran-"des. Eis o que acontece entre os homens: o que não "podia construir uma casa possue, agora, domínios "cingidos por paredes. Os grandes são empregados de "armazens. O que não tinha uma parede para abrigo "do seu sono, é agora proprietário dum leito. O que "não podia abrigar-se á sombra, possui agora sombra, "os que tinham sombra, são agora expostos aos ventos "da tempestade. O que jámais fabricou uma bar-"ca, tem agora navios; o seu antigo proprietário "olha para êle, mas já não lhe pertence. O que não "tinha uma junta de bois, possue agora rebanhos; o "que não possuia um pão, é agora proprietário duma "granja; mas o seu celeiro é abastecido com o bem "de outrem. Aquêle que não possuia grãos, agora ex-"porta-os.

"Os pobres possuem riquezas, o que jámais usou "sapatos tem agora coisas preciosas. Os que possuiam "vestuários, estão agora em farrapos; mas aquêle que "jámais teceu para si proprio, tem agora finos tecidos. "Aquele que nada sabia da lira, possue agora uma "harpa; aquêle que deante de quem cantou, invoca a "deusa das canções. O calvo, que jámais usou po-"mada, possue agora jarros de perfumado oleos. A "mulher, que não tinha mesmo uma caixinha, tem ago-"ra um armário. A que olhava o seu rosto na água, "possue agora um espelho de bronze.

"O que não tinha sequer um criado, é agora se-"nhor de servos. O que era um notavel faz agora êle "mesmo os recados. O que levava as mensagens dos "outros, tem agora mensageiros a seu serviço.

"As damas que estavam nos leitos de seus mari-"dos, que se deitem agora em peles (por terra?)... "Sofrem como se fossem serpentes... As escravas são "senhoras da sua boca, e quando suas senhoras fal-"tam, é peneoso suporta-lo, para os servidores. O ouro, "o lapis, a prata, a malachite, as cornalinas, o bronze, "o marmore..., ornam agora o colo das escravas. O "luxo corre o país, mas as donas de casa dizem: Ah! "se tivessemos alguma coisa para comer". As damas... "Seus corpos sofrem por causa de suas velhas rou-"pas... Seus corações batem em retirada, quando a "gente as saúda.

"As nobres damas chegam a ter fome, enquanto "que os carniceiros se saciam com o que eles prepa-"ravam para elas; os nobres, as grandes damas ricas "dão suas filhas sôbre leitos (para as prostituir?); "aquêle que se deitava sem mulher, por nobreza, en-"contra agora nobres damas.

"O filho dum homem de qualidade não se reco-"nhece já entre outros; os filhos da dona de casa trans-"formam-se em filhos de criada. Os cabelos caem das "cabeças de todos os homens; não se distingue já o "filho dum homem de qualidade daquele que não tem "pae.

Como se vê, o aluir da sociedade foi completo; as descrições, embora parciais e forçando a nota, são duma nitidez completa. Nada ficou da velha engrenagem social, dos velhos previlégios, do arcabolço convencional que sustinha a vida social.

Mas há masi; o respeito aos deuses, aos santuários, cede tambem sob a onda revolucionária. O pôvo, cuja ingenuidade tinha sido enganada durante séculos com ficções pueris, ao penetrar nos reconditos secretos dos santuários, e ao vêr o seu logro, caiu num completo cepticismo, desiludido e furioso.

A onda revolucionária atingiu os deuses, e submergiu-os. O segredo das Piramides foi violado, e os sarcofagos foram roubados, facto êste que, dada as caracteristicas das crenças egipcias, é altamente significativo.

"— Aqueles que edificavam tumulos lançam-se la-"vradores; aqueles que remavam na barca de Deus es-"tão sob o jugo. Hoje já se não navega para Byblos. "Como teriamos nós para nossas mumias os pinheiros, "com os produtos dos quais se sepultam os Puros, com "os oleos dos quais se embalsamam os grandes, até ao "país dos Keftion (Creta?).

"Já não veem. Falta o ouro, as (materias primas) "para os trabalhos (funerários) estão exgotadas. Como "isso parece importante agora que as pessoas dos "Ooasis chegam, com seus produtos! Por isso, lançam-"se os mortos ao Nilo. Aquêles que possuiam lugares "puros (tumulos) ficam expostos sobre a area do de-"serto.

NOTAS

A pedido, deixou de fazer parte do nosso corpo de Redatores o escritor José Lins do Rego. Registramos aqui os nossos agradecimentos pela cooperação valiosa que prestou a esta Revista desde a sua fase inicial.

Anuncia-se para Dezembro em edição da Livraria José Olimpio o romance de Emil Farhat CANGEIRÃO.

A Empresa de Leitura e Publicidade prepara um grande *Quinzenario* para os primeiros meses de 1939 — MUNDO BRASILEIRO, a revista do momento.

Circulará no mes de Novembro, CARDENAS, um novo ensaio de D'Almeida Vitor, integrando a coleção de *Figuras Contemporaneas* da *Norte-Editora*.

Joanidia Sodré regeu o 10º Concerto Sinfonico Oficial da Escola Nacional de Musica da Universidade do Brasil.

Já está em sua 4ª edição "Olhai os lirios do campo" de Erico Verissimo.

Telmo Vergara, o brilhante contista de "Cadeiras na Calçada" e "9 histórias tranquilas", está escrevendo um romance: "Estrada Perdida".

"Caminhos Cruzados", de Erico Verissimo, acaba de ser traduzido para o espanhol, em Buenos-Aires.

Em Buenos Aires, a Editorial Claridad publicou recentemente um livro de contos de Alvaro Yunque para "niños chicos y grandes" intitulado PONCHO.

EL NACIONAL do Mexico publicou "POEMA DE MAIO" de Aydano do Couto Ferraz (original publicado no numero 2 de Esfera) vertido para o espanhol pelo poeta Miquel Bustos — Cerecedo, tambem nosso colaborador. Transcreveremos no próximo número a versão castelhana.

"Esfera" tem sido magnificamente acolhida em Portugal, acolhimento que em público se tem manifestado ora por lisongeiras referencias da imprensa, ora por transcrições. Nalguns lados salienta-se o muito que representa a sua existencia e programa no sentido dum justo inter-conhecimento não só luso-brasileiro mas de todos os povos de formação latina.

Pensa-se na organização, Novembro próximo, duma exposição em Lisboa dos trabalhos a oleo, carvão, ponta seca etc. do nosso redator o prof. Abel Salazar, a exemplo da que se realizou no começo do ano no Porto, e que marcou, pelo êxito o maior acontecimento intelectual da cidade nos últimos anos.

Roberto Nobre, dos mais competentes criticos portugueses de cinema, artista exímio e nosso colaborador está escrevendo para saír este ano um livro sobre estética de cinema. E' desse livro o trabalho que inserimos.

Fernando Namora pensa publicar, nas edições da Livraria Portugália, de Coimbra, o romance de que publicamos um capítulo: "As Sete Partidas do Mundo".

Ao que noticia a "Revista de Portugal" António Botto prepara um livro sobre Fernando Pessoa. Miguel Torga, um romance: "O Terceiro Dia da Criação do Mundo".

Gaspar Simões prepara tambem um romance: "Há aqui um Círculo Vicioso", o mesmo sucedendo com Casais Monteiro, que está escrevendo o seu "Esperanças Comuns".

Temos conhecimento de que Ferreira de Castro, recentemente em Paris tratou duma edição em Francês, do seu romance, "A Selva""

Consta-nos que "O Diabo", o magnífico semanário português de literatura, desejoso de contribuir mais fundamente para o perfeito conhecimento entre portugueses e brasileiros, tenciona eniciar proximamente a publicação regular de uma página dedicada à vida mental brasileira.

A descrença o cepticismo religioso alastra:

"—Aquele que jámais matou gado para si pro-"prio, agora mata bois. Os carniceiros intrujam (os "deuses) com ganços; dão êstes aos deuses em vez de "bois.

Por fim, o ateismo sarcástico:

"— Ah! se eu soubesse onde está Deus, certamen-"te, então eu far-lhe-ia uma oferenda!"

E' o cataclisma, tudo alue, e do fundo dos séculos vêm até nós gritos de raiva e de dor, de desespero e "desilusão: o Egipto já não ri, descuidoso, como outróra:

"— Estão triste os escravos, e os Grandes não "confraternizam com o pôvo nos folguedos...

"... pereceu o riso, ninguem já o conhece; a afli-"ção corre o país, mesclada de lamúrias...

"— E pereceram as coisas, que ontem ainda toda "a gente ria. O país está abatido de exgotamento, "como o linho, quando o arrancou. Ah! se fosse en-"fim terminado com os homens! Não mais concepções! "Não mais nascimentos! Oh! que o país cesse de gri-"tar! Que não haja mais tumulto!

Como vemos, a documentação da época, é duma vivacidade, duma nitidez de expressão, que torna vivos, através dos séculos, os acontecimentos de outróra, sepultados no recuo dos tempos; dir-se-ia uma reportagem de hoje, focando a derrocada em frases impressivas, nos seus multiplos aspectos. Ceticismo moral e religioso, derrocada social, a onda furiosa e cega, que se vinga de seculares opressões, submergindo toda a ordem social; gritos revolta, de agonia, de estupefacção e por fim o cansaço, o exgotamento e o desejo de paz.

A precisão histórica dos textos permitiu aos egiptologos uma reconstituição desta época rigorosa, e a interpretação de Moret, sôbre a revolução Osiriaca, é singularmente lucida e sugestiva.

Conhecidos pois, por êstes exemplos, a natureza dos documentos, analisemos a significação histórica e social do osirismo.

(Continúa)

Um rapaz sexagenário

AMADEU DE QUEIROZ

(Especial para ESFERA)

O velho solteirão, o excêntrico Marcos Casal, aproximou-se do portão, examinou a casa, investigou o jardim, certificou-se do número e tocou.

D. Augusta, sem desviar a atenção do seu tricot, advertiu:

— Bateram.

A criada atendeu.

— Quem é? — perguntou-lhe D. Augusta.

— Um senhor idoso, que pede para falar com a senhora.

— Como se chama?

—Não disse o nome...

— E' pessoa de tratamento?

— E', sim, senhora. Um velho de boa aparência e bem vestido.

— Mande entrar.

Minutos depois, D. Augusta entrava na sala de visitas, e Marcos Casal, cortesmente se levantava para cumprimenta-la.

— Tomei a liberdade de lhe pedir o favor de me atender...

D. Augusta olhou surpreendida o visitante, mas estendeu-lhe a mão, perguntando naturalmente:

— O Sr. Marcos?...

— Sim, minha senhora.

—Vamos sentar.

Os dois velhos se acomodaram, um diante do outro, e Marcos Casal falou:

— Embora lhe possa parecer extravagante, a minha visita, mesmo que a senhora venha a considerar-me um estroina... ou um velho ás portas da caducidade, peço licença para tratar do assunto que me traz aqui. Conto com sua paciência e espero que não se esqueça de que somos bastante velhos para nos assustarem as novidades. Nada fica mal aos velhos nem ás crianças — somos tidos como irresponsaveis. Portanto, o que eu lhe disser, daqui por diante, fica antecipadamente justificado, considerando-se ainda, que nada direi que a possa magoar nem ofender melindres, o que seria pouco lisongeiro para a minha educação.

— O senhor pode dizer o que pretende.

— Primeiramente preciso explicar-me, e depois fazer-lhe um pedido.

— Pois não.

— A senhora, que me conhece há longos anos, talvez se lembre de certo episódio de minha mocidade... O casamento inesperado de uma jovem, que me estava prometida...

D. Augusta ouvia impassivel.

— Depois do acontecimento, retirei-me da sociedade. A desilusão e os desenganos me abriram novo caminho na vida, um longo caminho que deveria afastar-me para sempre daquela que me deixara... Assim, durante quarenta anos não nos encontrámos... Jamais procurei conhecer os motivos que a levaram ao esquecimento de promessas feitas em circunstancias incompativeis com o perjurio. Presumo que êsses motivos tenham sido poderosos... Demais, não me importava conhecê-los — a perda era irreparavel, recebi-a, pois, como fato consumado.

D. Augusta fez um ligeiro movimento de impaciência.

— Creio não ser preciso referir o nome de ninguém. O que aconteceu teve certa notoriedade e chamou a atenção do nosso mundo, para a minha pessoa. Os contemporâneos ainda guardam lembranças, havendo mesmo alguns, que atribuem a êsse acontecimento, a vida mais ou menos irregular que tenho levado...

— Não percebo porque me vem o senhor falar de semelhante assunto!... Nada tenho com sua vida nem com a vida de quem quer que seja. Depois do falecimento de meu marido, vivo quase sózinha em minha casa. Suportei pacientemente a sociedade durante quarenta anos; cumpri fielmente os meus deveres de espôsa, tenho a consciência em paz, e julgo ter adquirido o direito de viver para mim mesma, o pouco da vida que me resta... Retirei-me para junto das minhas recordações... Mas o senhor nada tem com isso, assim como nada tenho com os seus negócios.

— O mesmo me sucedeu. Após o acontecimento a que me referi, passei a viver apartado do mundo, entregue ás recordações, mas sem deixar a companhia dos homens...

— Disseram-me, se bem me lembro, que o senhor tem sido um homem mundano, dado

a longas viagens e... um pouco irreverente com os bons costumes da sociedade.

— Talvez, minha senhora. Os rivais vencidos costumam caluniar os vencedores. Poderiam ter dito de mim coisas piores, pois sou tão excêntrico e independente para provocar inveja... O meu maior inimigo tem sido a mulher, que insiste em querer convencer-me de sua... Perdão, esqueci-me de que a senhora nada tem com isso... E' certo que viajei durante muitos anos, percorrendo paises civilisados, para cultivar o espírito e conhecer os homens; tudo isso, porém, só me tomou o tempo e não me encheu o vasio da existência...

— Tem vivido só...

— Não, senhora, vivo com os meus velhos companheiros: o pensamento, a imaginação e um culto...

— Ah! é religioso?

— ...Um culto que nasceu daquele episódio da mocidade, culto íntimo e romantico, criado pela imaginação, mantido pelo hábito, e renovado pela manía que têm os velhos, de ressuscitar defuntos... Um culto de amor, guardado em silêncio... Tenho sido muito independente e individual para ter confidentes — a minha vaidade não permite que me vejam a alma...

— Como a sua imaginação se tem conservado viva!

— Tudo se originou de um engano de que fui vítima há mais de quarenta anos. O engano durou pouco, apenas o tempo de se tornar inolvidavel... Creio que fui feliz durante êle, e isso ter-me-ia bastado, se fôssem cumpridas as promessas que me fizeram.

Marcos Casal calou-se, D. Augusta interveiu:

— O senhor espera que eu diga alguma coisa? Mas não sei o que lhe dizer, e nem percebo aonde quer chegar.

— Deixe-me continuar, esta é a primeira confidência que faço na vida... Realmente, tudo quanto tenho dito, está se tornando confuso, mas prometo, daqui por diante, ser mais explicito e menos reservado... Como vinha dizendo: nós, os velhos, podemos nos entender claramente, abordar todos os assuntos, sem temores nem rodeios, uma vez que nada nos pode comprometer ou melindrar. Por êsse motivo, é natural que não nos tratemos como desconhecidos, simplesmente pelo fato de não nos termos encontrado durante quarenta anos...

— Talvez assim seja, mas estamos muito velhos, e não sei porque o senhor teima em manter-se na mocidade...

— Os anos passaram por mim, deixando-me apenas vestigios pessoais. As minhas emoções e sentimentos conservam, ainda, muito do ardor da mocidade. Nunca pude dominar a alma e impor-lhe o esquecimento — a alma não mais nos obedece, desde que toma o gôsto de viver por si... O amor é uma cilada da vida, que se disfarça em enlêvo e lirismo, em anseio e dúvida, em sorriso e angústia, em ciumes e renúncia, para se reproduzir e se perpetuar. Ninguém escapa á cilada fatal, e os que conseguem libertar-se de seus laços, conservam nalma, para sempre, cicatrizes de grandes ferimentos...

D. Augusta escutava imóvel, nem o olhar lhe estremecia; tinha as mãos, com os dedos entrelaçados, abandonados no regaço.

— Há longos anos vivo acariciando o mesmo sonho, gozando a ilusão de um amor, estranho amor sem objeto — necessidade dalma, exercício de imaginação — mantido pelo espírito, como reverso do mundo material e torpe em que tenho de viver... Não me preocupa a existência de quem me inspirou tal sentimento; jamais procurei vê-la nem lhe falar. Ela, de-certo, transformou-se, o velho tempo desfigurou-a e lhe apagou o olhar, mas isso não me interessa nem me comove...

— O senhor está se estendendo cada vez mais, e afinal, não sei por que fui escolhida para receber a sua primeira confidência!

— Eu não a escolhi. A confidência resulta da explicação que lhe estou dando...

E alongando.

— Nesse caso, vou direito ao fim. Com o correr do tempo, e com a idade que me vai chegando, vão-se-me pouco a pouco apagando as recordações: já dificilmente me lembro dos traços fisionômicos da jovem de quem há pouco falámos...

— Não me recordo ter falado de uma jovem!

— Talvez não tenhamos falado, mas pensámos nela, com certeza... Ora, esquecer a sua imágem, seria despovoar o cenário onde se representa e se repete, há muitos anos, o suave drama de um amor, a que assisto para distrair-me da vida que custa passar... Esquecê-la seria entregar-me ao tédio, ao desânimo, e renunciar á existência com seus encantos e gozos. Eu não quero esquecê-la porque sou velho, e os velhos vivem da vida que passou... Por isso, para manter a minha ilusão, para conservar recordações, que se me apagam, aqui estou, e, com tôda a reverência, lhe venho pedir

RUMO

(ESPECIAL PARA ESFERA)

Trago nálma o protésto conciente
das gerações passadas
— tristes gerações amarguradas —
atoladas no sangue do ódio,
apodrecidas,
apodrecidas nos frontes, sem glória:
traídas... traídas... traídas...

O sentido humano da Vida
entrou num bêco sem saída:

Beethoven já não comove mais
e o poeta moderno faz versos de loteria.

Entristeceram a Vida.
O Sonho morreu.

As multidões parecem seguir
o proprio esquife na marcha batida
dos canhões invasores.

Até os passarinhos fugiram das amplidões do céu
pois que a terra é pequena prás grandes destruições
dos trustes armamentistas.

A minha geração quer saír
do sub-solo e seguir
a marcha do sol!

A R L I N D O   D E L   P I C H I A

São Paulo

---

um retrato, que a senhora deve ter, da moça em quem pensamos...

D. Augusta fitou por um instante, o seu excêntrico visitante, levantou-se serenamente e, com passos firmes, encaminhou-se para o interior da casa. Minutos depois, voltou com um retrato nas mãos.

— E' êste o que deseja?

Marcos Casal recebeu a velha fotografia, e ficou absorto, contemplando o busto de uma jovem que nela se reproduzia. Enquanto isso, D. Augusta olhava-o atentamente, com as mãos juntas abandonadas no regaço.

Marcos tornou a si, perguntando receioso:

— Posso guardar?...

— Pode. O senhor tem sido um homem mundano, indiferente á família e ao respeito conjugal. As mulheres, segundo tenho ouvido dizer, constituem a sua preocupação...

— Ocupação — minha senhora.

— A-pesar disso, acho que se lhe pode confiar o retrato de uma recatada menina, filha de família respeitavel... seria injustiça desconfiar-se da discreção de um homem que nunca fez confidências e soube ser reservado durante quarenta anos!

— Sua gentileza foi além da minha espectativa e pode crer que lhe serei eternamente reconhecido, já que de outra maneira não poderei desobrigar-me de tal favor.

D. Augusta estendeu a mão a Marcos Casal, e despedindo-ce dizendo:

— Como o senhor disse, por mais de uma vez, que somos velhos, e aos velhos tudo é permitido, lembro que, se deseja retribuir-me de algum modo, o que considera um favor... Mande-me também, um retrato, que deve ter, da vítima daquele engano, que durou tão pouco...

Por cima das fronteiras de Todamérica

(Trabalho irradiado em 12 de outubro na instalação do "Circulo de Interpenetração Panamericana" em S. Paulo)

R E M Y   F O N S E C A

Comemóra-se hoje o Dia da América. O Círculo de Inetrpenetração Panamericana, em nome de seus ideais de fraternidade continental, valendo-se das ondas sonoras da Radio Bandeirante, dirige a sua palavra de saudação e de veemente solidariedade espiritual ás 21 Repúblicas que integram o Novo Mundo.

A efemeride de hoje, assinalando a data oficial da incorporação de um Mundo Novo á história da humanidade, serve-nos de ensejo para destacarmos alguns traços marcantes da Civilização Americana e de suas singularidades psicologicas.

O mundo geográfico de Colombo já perlustrado em tempos remotos pelos fenícios, gregos e romanos; colonizado pelos Escandinavos durante o século XI; procurado pelos Bretões em princípios do século XVI, — êste mundo maravilhoso servido por quatro oceanos, possuindo os climas de todas as partes do orbe, — não é o verdadeiro Novo Mundo que tanto preocupa e apaixona os homens de saber.

O que a todos preocupa e seduz é a especie humana nova que constituimos. Não somos aparentemente um Mundo Novo. Somos real e principalmente uma Nova Humanidade. Isto graças ás virtudes imanentes de nosso povo, dentre as quais avulta a bondade natural, instinctiva e profunda, com amplo e elevado sentimento ecumenico.

Fieis á essas inconfundiveis determinantes de bondade e de solidariedade humana, ninguem subiu mais alto do que nós, nem foi mais longe.

Quem, dentro deste planeta de égoismos, de preconceitos e de injustiças, elaborou experiencia mais honestamente cristã e mais atrevida e generosa de solidariedade universal do que nós?

Quem foi que fez, ao vivo, fusão mais revolucionária e mais liberal de raças e de sangue?

Não só nós fizemos todos eguais perante a Lei, o que é um dever singelo, — como fomos muito alem, — fizemo-nos todos eguais perante a humanidade, o que é uma cousa excepcional.

Quem foi que desmoralizou, irremediavelmente, em instancia derradeira, a pernosticidade racial de Gobineau, Bukle, Chamberlain. Lapouge, Le Bon e satelites, confundindo, em definitivo, o dogmatismo sentencioso e arrogante da sabiologia de gabinete, a serviço de planos conquistadores?

Enquanto outros se ulceram, estirilizados e desumanisados de preconceitos raciais, mutilando a egualdade humana e metralhando os principios cristãos de fraternidade e de solidariedade universal, nós vamos construindo a nossa pujante e gloriosa raça cosmica, — verdadeiro ovo social de Colombo, no dizer de Joaquim Nabuco, transformando o povo de um só tronco, como principiou, em um povo de muitos troncos, todos dando o mesmo fructo.

Keyserling, estudando-nos, — localiza no Brasil o homem telurico da civilisação do futuro. Victor Hugo, antes dele, com seu genio profético de vate e de sociologo, visionou-nos como a Capital da Civilisação do porvir.

José de Vasconcellos, em suas peregrinações de exilado, batendo-se pela unidade espiritual do Ocidente e do Oriente, beluario do messo da fusão dos povos, mercê dos laços religiosos, maravilhou-se deante do milagroso espetaculo que lhe foi dado contemplar na América Latina, onde realizamos o "anhelo total da humanidade" de que ele tanto falava, creando atravez de nossa original democracia biologica, esta vitoriosa e adeantada raça cósmica que "ha-de afirmar uma nova éra para a humanidade", traçando melhores caminhos para a verdadeira civilisação que é filha do amor e não do ódio, da bondade e não da violencia, da fraternidade e não do egoismo.

Oswald Spengler, estudando o cansaço dos povos brancos, com o fantasma da Asia, em vertiginosa atividade, castigando-lhe os olhos, — deslumbrou-se de voltar suas indagações para o originalissimo fenomeno americano, — possibilitando, pela assimilação integral, uma solução humana, para as diferenças e dificuldades humanas, contornando a eventualidade prevista de uma guerra de raças. Stefan Zweigg visitando-nos recentemente, entendeu de mostrar á Europa o nosso prodigioso "melting pot", como o caminho mais simples e mais feliz para resolver o problema de raça. E assim termina o seu estudo sobre a nossa formação racial: "Não, a fusão racial, não desintegra; ela anima e forma".

A fisionomia interior da América, pela originalidade de seu polimorfismo, é o que se póde imaginar de mais inconfundivel. Constituimos, por sem dúvida, uma especie humana nova, estuante de sadia e exuberante virgindade.

Nabuco, estudando o quinhão da América na Civilização, contesta o professor Munsterberg, quando êste alega que a nossa Democracia foi importada da Europa, mercê da filosofia do seculo XVIII.

"Mas, a inspiração dessa filosofia, pelo que

mo idealismo de Tagore, confessando o insucesse respeita á liberdade, partiu largamente do Novo Mundo. Nada actuou mais sobre Jean Jacques Rousseau que a impressão do Novo Mundo. Os utopistas franceses daquele seculo não tomaram muito ao descobrimento das Indias, da China e do Japão; mas o descobrimento da America foi-lhes uma impressão creadora, como foi durante tres séculos para os seus predecessores. Um espírito superior como Montaigne, por exemplo, escrevia no seculo XVI, acerca dos naturais da América: "Lastimo que Platão e Lycurgo os não tenham conhecido, pois, me parece, o que vemos por experiência nessas nações, transcende a todos os paineis com que a poesia adornou a Idade de Ouro e as demais, quer nas invenções em imaginar um tipo feliz de homem, quer na concepção e até na aspiração da Filosofia... Quão alongada da perfeição encontraria Platão a sua República!" exclama, concluindo, o sábio moralista dos **Ensaios.**

Outra notavel contribuição é a egualdade da condição social entre todas as classes. Alexis Tocqueville não deixou de consignar, a respeito, as suas impressões. De maneira diferente, não viu a América, o espírito de James Bryce que sintetisa suas observações nesse expressivo conceito: "Marca a América o supremo nivel, não sómente do bem estar material, senão tambem da inteligencia e da felicidade, que as raças já atingiram".

Quando aquí, atravez do fluxo e refluxo do fenomeno migratorio, ensaiamos o nosso gigantesco caldeamento racial, a velha Europa quiz ver e denunciou em nossa experiencia um sinal de abastardamento e de desintegração. Não faltaram mortalhas para envolver nosso sonho de audaciosa solidariedade. E' que o nosso sonho era grande e generoso demais para caber nos moldes acanhados e egoísticos de suas convenções e cientificas!

Enquanto os nossos indices de natalidade crescem rápida, vigorosa e constantemente, marchando para um padrão étnico vitorioso, o Velho Mundo morfinisado de preconceitos, assiste, alarmado, á queda impressionante de seu coeficiente demográfico, alarme este que se justifica em face do descompassado desenvolvimento da raça amarela.

Deante do que se está vendo, compreende-se, que o grande misterio do Tempo, deve ter sido lá as suas razões para nos convocar para o mundo quando ele já estava ficando velho.

Durante séculos olhamos para fóra. E' chegado o momento de olharmos para nós mesmos. Apreciando e defendendo o que nós mesmos realizamos, montando guarda ao nosso precioso e incomparavel patrimonio político e moral.

Sobra na América o que escasseia na Europa: — sentimento de solidariedade humana. Não conhecemos luctas de classes; ignoramos contendas religiosas; não nos atormentam problemas raciais.

Somos o hemisfério da paz, da fraternidade e da justiça, isto explica porque nos convertemos na Pátria adotiva de todos.

Realizamos e defendemos uma Civilisação onde o mais forte não atropela o direito dos mais fracos. Somos mais do que uma democracia política; somos uma democracia étnica. Somos eguais perante a lei e em face da vida.

A ser exáta a expressão de Renan atribuindo aos Gregos a invenção da Beleza, póde-se dizer da América que ela inventou a verdadeira Civilisação, — sublimando a egualdade humana, mercê das fusões raciais, — suprema sintese do sentimento de fraternidade universal.

Ao exacerbado egoismo coletivo de alguns, erigido em "tabu'" nacionalista, esta peste do orgulho europeu que Nietzsche diagnosticou como a "doença que aliena as Nações das Nações", — oponhamos o nosso exemplo de superiores demiurgos de uma espécie humana nova e mais feliz.

Não incorramos na loucura de **Fausto:** trocando a alma propria e original, por outra que, afinal, não vale e não é a nossa alma.

Na hecatombe de 14, a América, atravez o grande Wilson, exerceu a sua tarefa histórica de decidir da vitória e ditar a Paz.

Agora, decorridos dois decennios, no justo momento das mobilisações mavorticas, quando todos haviam desesperado da salvação, donde foi que partiu o apelo mais alto e mais prestigioso? foi daqui das tres Américas, num movimento de vibrante unanimidade, que se levantou a imprecação solene e decisiva, propiciatoria da Paz.

Saibamos estar á altura de nossa providencial e imensa destinação civilizadora, empenhando-nos por não desmentir a profecia, já duas vezes confirmada, que lá da Inglaterra, da Inglaterra glacial e calculista, formulou, no seculo passado, o genio político de Canning, ao emprestar o apoio de seu País á Doutrina do Presidente James Monroe, atalhando, de vez, certas impertinencias recolonizadoras: — "Chamei á vida um Novo Mundo, para retificar o equilíbrio do outro".

No dia de hoje os povos americanos perfilam-se em continencia, abençoando o seu passado de lutas pelo progresso, pela paz e pela liberdade e renovam a sua fé inconspurcavel nos destinos da humanidade, jurando obediencia inconjuravel aos fundamentos de sua Civilização.

A inquietação humana contemporânea na moderna poesia portuguesa

MANUEL ANSELMO

(Especial para ESFERA)

Tres são os aspectos fundamentais da inquietação humana contemporanea: á inquietação **religiosa**, a inquietação **estética** e a inquietação **política**. Eles são, afinal, o resultado de uma homérica descoberta metafísica, graças á qual o homem dilatou o seu mundo espiritual, numa permanente e interrogativa **pesquiza**. Ora, tal inquietação surgiu no momento em que o homem deixou de saber responder ás suas preguntas. A inquietação é, pois, uma atitude intelectual de combate á insuficiência humana; não, porem, uma insuficiência em si.

O século desanove deu liricos de fina estirpe, rétóricos de romantica eloquência, romancistas de emoções simples e serenas. A COME'DIA HUMANA de Balsac, como, aliás, a obra de Stendall, não acusa convulsos estremecimentos no sub-solo humano de suas personagens. De um Rastignac a um Raskolnikof vai, porem, a distancia de um Sócrotes a Cristo. Chateaubriand é um jardim florido em plena primavera. Madame de Stael, apesar das suas CARTAS e do seu livro DE L'ALEMAGNE, foi, como todas as mulheres do seu tempo, uma cabeleira empoada. O século desanove é, a distancia, uma fogueira crepitante, de vivas labaredas; mas essa fogueira inutilisou para sempre a possibilidade da pacífica tranquilidade humana porque incendiou os animos com a pólvora de falsas utopias e essas utopias sacrificaram a vida de milhões de homens nos campos de batalha e aniquilaram o futuro dos sobreviventes.

O **krack** da Bolsa de New-York, e, tambem essa tôrpe Grande Guerra, na qual se discutiu, com o sangue de nossos pais, o valor dos juros das emprezas plutocráticas, — fôram as duas mais próximas origens do estado económico gravissimo que gerou, nos artistas, a grande inquietação do nosso tempo. A Rússia, nacionalisando, por vontade de Staline, a concepção social de Marx, impõe á meditação dos estudiosos o que ela chama a **arte proletariana.** A propósito deste ponto, vem-me á lembrança o interessante caso literário do meu querido e talentoso Jorge Amado, cujo CACAU, cujo JUBIABA' cujo MAR MORTO e cujos CAPITÃES DA AREIA, são, documentos de um forte e saúdavel cristianismo. A América do Norte, não obstante a ascendência portuguesa de John dos Passos, procura **standardisar** padrões literários, esquecendo-se de que o artista é, sôbretudo, um orgulhoso dos seus próprios passos. A Europa divide-se: de um lado, os **neo-clássicos,** fieis a uma hipotética **arte pela arte** de enganar meninos; de outro lado, os **modernos,** ou seja, aqueles que querem subordinar a arte a uma nova concepção de vida, a uma nova atmosfera humana, a um novo estilo intelectual. E assim, após a experiência de Marcel Proust, romancistas como André Gide, Jules Romains, Montherlant e Mauriac, cada qual seguindo o seu rumo, se afirmaram, em França, dignos do espectáculo literário do nosso tempo: a subordinação do **literário** ao **humano.**

As romancistas inglesas modernas, seja a complicada Radcliffe Hall, autora do atrevido **The well of loneliness,** seja a Rosahmond Lehman de tam poéticos materiais novelísticos, tomaram a dianteira á doce e malograda Mansfield, a Virgínia Woolf e a tantas outras, e souberam recolher, dos lábios exangues de D. H. Lawrence, esse grande místico da carne, o indicativo de uma litratura humana, verdadeira e anti-romantica.

Sim, eu sei que o romantismo foi um narcótico, graças ao qual os homens viveram a época talvez mais feliz de toda a história. Mas o artista, porque ama as perspectivas da verdade, odeia o **finjido,** o **errado,** o **disfarçado.** Os artistas são os noivos da Verdade Humana e só resistem ao tempo aqueles que lhe são fieis.

Em Portugal, a minha geração literária, (da qual a revista PRESENÇA traçou os objetivos essenciais, em devido tempo) possui casos singularmente valiosos por significarem atitudes **vivas,** desassombradas, originais. Fernando Pessôa, morto há tres anos, deixou uma obra de génio, cheia de emoção lírica e de vida intelectual, e, tambem, um grande exemplo de tenacidade creadora. Já antes dele, dois outros mortos, Mário de Sá-Carneiro e Camilo Pessanha, (o primeiro é o autor dos fulgurantes **INDÍCIOS DE OIRO,** o segundo da admiravel **CLEPSIDRA),** haviam experimentado, com pompa e êxito, o valor de novos ritmos e de novos arranjos formais. Ora, a poesia portuguesa contemporanea descende em linha diréta da desses **e,** em linha colateral, da de António Nobre e da de Cesário Verde. Verdade seja que é só de Baudelaire que descende a poesia moderna de todo o mundo...

Há vivos, em Portugal, grandes poetas como José Régio, Adolfo Casais Monteiro, Alberto de Serpa, Carlos Queiroz, Miguel Torga e Vitorino Nemésio; mas mais **viva** que eles é a sua poesia. O permanente diálogo com Deus, de José Régio, gerou a insubmissão orgulhosa e nietschziana de Miguel Torga, autor de O OUTRO LIVRO DE JOB e dos POEMAS IBE'RICOS. Tambem no Brasil, gloriosos **trágicos** do lirismo, tais como Jorge de Lima, Murilo Mendes e Ivan Ribeiro, porque amam e adoram Deus, acompanham, sob uma outra forma, a inquietação dos seus irmãos de Portugal: há, neles, uma desassocegada e permanente vigilancia espiritual destinada á obtenção de circunstancias poéticas (não esqueçamos que Goethe chamou ao lirismo a **poesia de circunstancia...**))capazes de exprimir aos seus leitores a grande **unidade** que existe entre eles, como seres humanos, e a sua ansia sôbrenatural. Hei, de, no meu próximo livro A POESIA DE JORGE DE LIMA, estudar, com mais demora, esta particularidade da verdadeira angústia. Em compensação, a poesia de António Corêa de Oliveira corre como um fio de água e é serena como a briza vespertina. A essa poesia de trovador enternecido e apostólico, que oscila entre um **cantar-de-amigo** e um **haikai** japonês (tal qual como a do rei português Dom Diniz e a dos poetas, recentemente faleci-

Rumos do romance brasileiro

NEWTON FREITAS

O avanço dos escritores brasileiros para dentro de suas fronteiras linguisticas, obedece a um simples fenomeno: a integração do Brasil em si mesmo. Enquanto os novelistas brasileiros pensavam e sentiam sob a influência das escolas literarias inglesas, francesas, italianas e espanholas, olhando para fóra, é claro que nossa literatura de imitação não podia interessar aos imitados.

Ronald de Carvalho foi quem primeiro tentou afastar o Brasil da influência européa, imaginando então reintegra-lo em seu continente. Seu "indianismo" foi o primeiro grito de alarme contra as copias literarias da Europa. No entretanto, ele iludiu-se quando julgou, que, um simples intercambio cultural entre os povos da América Latina seria o suficiente para incorporar o colosso brasileiro ao continente. Era necessario, inicialmente que o Brasil se conhecesse a si mesmo e recolhesse em suas mãos as redéas que Euclides da Cunha, Afonso Arinos e outros sertanistas haviam empunhado com tanto vigor. E de algumas decadas para cá começa a surgir no Brasil uma literatura nova voltada para dentro de seus problemas, refletindo a vida de suas populações, abordando com seriedade as questões da terra, da raça e da nacionalidade. Gilberto Freyre, estudando os costumes, a formação social do Brasil em seu notavel trabalho "Casa Grande e Senzala", abre um novo rumo para o romance brasileiro: ambiente. Lins do Rego, baseando-se na tese sociologica da monocultura assucareira do centro nordestino, faz uma serie de livros, pintando com talento a vida do extremo Norte. Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz descrevem o fenomeno das secas, com a tragedia dos homens que vivem sob o sol causticante do sertão. Na Amazonia, Raimundo Moraies, Abguar Bastos, pintam as planicies do rio-mar com realismo.

Em Minas Gerais, Cyro dos Anjos, Eduardo Frieiro; no Rio, Marques Rebelo, Lucio Cardoso, descrevem morros, as favelas, os tipos e sua linguagem. Em S. Paulo, Monteiro Lobato, Mario de Andrade e finalmente no Rio Grande do Sul, Dionelio Machado e Erico Verissimo.

Apezar das diferenças regionais, todos esses romancistas possuem um acento de brasileirismo que os torna inconfundiveis, apresentando uma grande unidade literaria que vem colocar o moderno romance brasileiro entre os mais cara-

---

dos, João Verde e Guilherme de Faria), chamei eu o **lirismo integral,** visto não transpirar dela angústia ou, simplesmente, humanidade. Fausto Guedes Teixeira e António Botto são duas pontes de passagem — das quais se aproveitam líricos do valor de Carlos Queiroz, de Aleixo Ribeiro, de Francisco Bugalho, de Branquinho da Fonseca, de Pedro Homem de Melo, de Azinhal Abêlho e de outros mais.

A **poésie de connaissance,** essa filha ilegítima de Paul Valéry, tem em Adolfo Casais Monteiro, (o complicado poeta da CONFUSÃO, dos POEMAS DO TEMPO INCERTO e do SEMPRE E SEM FIM) o seu mais original e interessante acontecimento. Casais — que é, tambem, um lúcido crítico — foge, como poeta, de todas as experiencias formais e líricas: o seu caminho é interior, psicológico, intelectivo. Daí, o seu grande conflicto humano entre a emoção e o raciocinio. E' nesse conflicto, porem, que reside o alto interesse da poesia de Adolfo Casais Monteiro. Alberto de Serpa segue-o no mesmo rumo, embora o seu canto seja mais maguado, mais literário, mais emotivo. A poesia de Alberto de Serpa é irmã da de Manuel Bandeira. Vitorino Nemésio, quer nos poemas franceses da sua VOYELLE PROMISE, quer nos portugueses do seu derradeiro O BICHO HARMONIOSO, associa o **abstracto** ao **cotidiano,** obtendo magníficos resultados líricos. João Falco contenta-se com o dia-a-dia, sem omitir o mais pequeno pormenor. João de Castro Osório, irmão de Osório de Oliveira, sentindo-se actor de um drama lírico, confessa candidamente as suas miragens lúcidas no CANCIONEIRO SENTIMENTAL. Políbio Gomes dos Santos, Fernando Namora, João José Cochofel, António Ramos de Almeida e Mário Dionísio, da novissima geração, já bebem, com nobresa, do seu copo...

A poesia portuguesa é viva porque os seus cultores têem personalidade humana, inteligencia compreensiva e ampla capacidade de adesão ás realidades ambientes. Por um lado, alenta-a a sedução de uma nova **estética** (não aristotélica, segundo Fernando Pessôa); mas por outro lado, confrange-a a realidade de um mundo complicado, com figuras humanas, desesperadas e sem sonho, dirimindo longos e patéticos conflictos. Eis a razão porque a emoção poética portuguesa esqueceu o mar e a sinfonia azul dos crepúsculos suaves. Prefere, conscientemente, aos motivos líricos tradicionais, a descoberta do mundo interior do Homem. Na verdade, os artistas de todo o mundo são como o Portugal de Quinhentos: iniciaram, agora graças á sua inquietação, uma nova era de Descobertas...

(Portugal).

cteristicos do continente. Esse sintoma, não é, como se pode pensar, apenas o idioma que entre nós tende a diferençar-se cada vez mais do português — essa lingua que até hoje tem sido o maior obstaculo para a expansão literaria do Brasil — mas a compreensão do problema nacional, verdadeiro, real; o problema das grandes maiorias pobres da população.

O caboclo do norte, o cassaco do nordeste; o malandro das cidades; o sertanejo do interior e o gaucho dos pampas são na realidade autores e personagens centrais da moderna literatura brasileira. E lendo-se "Na planicie amazonica" de Raimundo Moraes, "Vidas Secas" de Graciliano Ramos, "Salgueiro" de Lucio Cardoso e "Os Ratos" de Dionelio Machado, a impressão é única, homogenea. Ali está todo o Brasil vegetal, animal e mineral, vivo e real.

José Lins do Rego é de todos os modernos escritores brasileiros o que melhor expressa a tese da realidade social de que falamos. Sua arte está encerrada dentro de um circulo. Seus cinco livros refletem a sociedade saída da colonização monocultora do assucar. O artista compreendeu que ele mesmo era um representante desta realidade e voltou-se para dentro de si mesmo, para arrancar suas reminiscencias mais profundas que eram, por sua vez, as reminiscencias de toda uma camada social do Nordeste. Da auto-analise chegou á generalização psicologica, reflexo dos vícios sociais da economia assucareira em suas diversas etapas. Revive os habitos, os costumes patriarcais das "Casas Grandes" nas quais passou sua infancia. Revolve as antigas recordações dos colégios sombrios nos quais sua torturada alma de criança sofreu dores imensas. Recorda os moleques, os negrinhos que povoavam os grandes canaviais, os solares escuros e as moendas ruidosas das terras de seus antepassados.

Relembra as velhas negras que lhe contavam historias; as yayás que ele viu amamentar os meninos brancos. Analisa a promiscuidade entre escravos e senhores feudais; a linguagem pitoresca e variada das senzalas e penetra, atravez de si mesmo, nas consequências funestas de toda uma educação violenta e barbara, espelho de uma sociedade edificada sobre a exploração de um único produto: o assucar. José Lins do Rego, viu em si mesmo o símbolo do nordeste e interpretou importalizando-o na literatura. E todos os aspectos de sua vida lhe servirão para compreender os aspectos gerais da vida dos demais nordestinos.

"Menino de Engenho", "Moleque Ricardo", "Bangue", "Doidinho" e "Usina" toda sua vida dentro de um ciclo: o ciclo da cana de assucar.

(Eneida traduziu De "La Capital" Rosario, Argentina).

Movimento Internacional

A ALEMANHA e a Luta pelo Mercado

Paulo ZINGG

"O imperialismo alemão é fruto de um capital monopolizador altamente desenvolvido, sem colonias e sem exportações de capital" e dessa forma a estrutura economica do paiz, não dispondo igualmente de materias primas tem uma grande analogia com a economia do Japão. Nenhum dos dois possue materias primas no seu territorio ou melhor as mesmas são insuficientes para atender ás necessidades dos grandes parques industriais.

Perdidas em consequencia da guerra, as colonias africanas e oceanicas, as minas de ferro e de carvão da Alsacia-Lorena, do Sarre e da Silesia, a economia alemã, principalmente a industria siderurgica entraram num periodo de crise. O advento do nazismo, auxiliado pelo capital financeiro veiu abrir novas possibilidades para o reerguimento da industria, quer pela liquidação das reparações de guerra, quer pela abolição das conquistas operarias obtidas durante o predominio da social-democracia de Weimar. O rearmamento e o serviço militar obrigatorio absorveram as massas de sem-trabalho, emquanto a reconstrução da potencia militar obrigava um desenvolvimento maior do trabalho industrial. Hitler acelerou o processo de concentração da industria e as pequenas e medias fabricas foram incorporadas aos trustes e carteis, emquanto eram aumentadas as horas de trabalho e os salarios continuavam os mesmos. O proprio Instituto de Conjunturas Economicas, reconhecia que "para dizer a verdade, existe um certo antagonismo entre o aumento do gráu de ocupação e da produção de um lado, e os proventos do trabalho de outro, no sentido de que, a produção e o gráu de ocupação são consideravelmente maiores que em 1932, mas os proventos do trabalho alcançaram precisamente o mesmo nivel de 1932. Esta diferença se explica principalmente pelo fáto de que, em um grande numero de emprêsas, ainda durante o segundo trimestre do ano de 1933 reduziram os salarios e os ordenados".

O Reich mobilizou a sua economia como em caso de guerra. Esta teve inicio para a conquista das materias primas e dos mercados. Surgiu o plano quatrienal de Goering e as firmas alemãs passaram a trabalhar exclusivamente para o estrangeiro, porque o empobrecimento da população diminuia as possibilidades de colocação de mercadorias no proprio país. A ocupação do Sarre, da Austria e agora da região dos sudetos permitiu aos magnatas nazistas a posse de importantes minas de ferro, de carvão, de lignito, assim como das madeiras da Austria e o dominio das comunicações do Danubio. Quanto á Espanha, Hitler declarou: "O general Franco deve sair vitorioso, porque nós precisamos do minerio de ferro de Bilbáo". E dessa forma, o páto anti-comunista não representa nada mais do que uma tentativa ousada para apoderar-se das planicies ricas e das materias primas da Ucrânia sovietica, como o reconheceu o proprio Nitti.

"Os estados totalitarios — escreve um jornalista francês — são escravos da lei do "crescendo", precisam avançar sempre, precisam novas conquistas, sob pena de caírem, esmagados pelas proprias tropas. "E' sobre este imperativo, que Hitler vem desenvolvendo a sua politica, reivindicando sempre alguma coisa: Austria, sudetos, Dantzig, corredor polonês, colonias, Santa Catarina, Alsacia-Lorena, Tirol ou Memel. Si, politicamente o Reich age dessa forma, desafiando os estados democraticos, é preciso considerar que a economia, não estando nas mãos dos jovens nazistas exaltados obedece a diretrizes diferentes. Para conquistar mercados, os magnatas alemães negociam com todos, comunistas ou democratas, chinêses ou japonêses, não fazem distinções, oferecem suas mercadorias com maiores vantagens, estas obtidas á custa do sacrificio dos consumidores alemães, mas conseguem vende-las e atráz desses entendimentos, surge pouco a pouco o fantasma do nazismo, escravizando politicamente as nações.

Os economistas do Reich inauguraram metodos inteiramente novos para obter resultados na politica expansionista. Os produtos alemães invadiram até os mercados dos norte-americanos, tendo as suas exportações aumentado de mais de 100% para os paizes ibero-americanos. O algodão brasileiro comprado com os "marcos de compensação", é revendido na Europa a ouro, com lucros consideraveis para os importadores germanicos e sobre o vulto dessas transações, basta dizer que as importações do primeiro semestre de 1938 de algodão do Brasil, do Perú, do Egito e dos Estados Unidos aumentaram de 16% sobre o mesmo periodo do ano de 1937.

Apezar da conquista de mercados americanos, africanos e asiaticos, a expansão economica do Reich orienta-se principalmente para os países da Europa central e oriental e da Asia menor, que constituem o bloco integrado da linha eurásica Berlim-Bagdad. O Reich, de posse das industrias austriacas e checas, que tinham como mercados naturais as antigas regiões do imperio dos Habsburgos e as pequenas nações balcânicas, deseja apoderar-se igualmente dos antigos mercados e trabalha com afinco nesse sentido.

Instalado em Viena, chave do Danubio e aproveitando-se dos tratados comerciais da Republica Austriaca com os estados vizinhos, o Reich iniciou uma penetração economica, abrindo negociações com a Polonia, a Iugoslavia, a Bulgaria, a Rumaria, a Turquia, a Grecia e a Hungria. Antes do desmembramento da Checoslovaquia, a França e a Inglaterra apoiadas pela politica de Praga resolveram prestar assistencia

financeira aos países centro-europeus, inclusive a Hungria, afim de fazer frente ao expansionismo germanico. Com a capitulação vergonhosa de Munich, esse projéto perdeu a oportunidade e emquanto eram ocupadas as regiões dos sudetos, o ministro Funk viajava por Belgrado, Sofia e Ankara, negociando com mercadorias e armamentos, concedendo grandes creditos a esses países, onde serão instalados depositos para a venda de produtos alemães, creando bases para a infiltração nazista, que se extenderá até a Persia e ao Afganistão.

Na Hungria, a posição comercial da Alemanha é das mais fortes, apezar do inicio de uma resistencia britanica, elaborada na viagem de banqueiros hungaros a Londres. Na Iugoslavia, os capitalistas alemães estão se aporerando das materias primas, como sejam as jazidas de antimonio de Lisam, as minas de chromo e ouro de Serbita e Olovo e do azoto da Servia. As fabricas de tecidos já estão sob o controle do consorcio I. G. Farben, assim como varias industrias, apezar dos capitais alemães não constituirem mais do que 6,7% dos capitais aplicados no país. Na Rumania, os produtos metalurgicos têm encontrado compradores e os alemães já planejam a abertura de um canal entre o Danubio e o Mar Negro, que ligado ao futuro canal Rheno-Danubio permitirá a livre navegação entre o interior do Reich e o Mar Negro, através da Checoslovaquia, Hungria, Iugoslavia, Bulgaria e Rumania. Na Bulgaria, o ministro Funk conseguiu firmar um acordo, emquanto na Turquia, os nazistas ofereceram propostas vantajosas para a fortificação dos Dardanelos. O comercio com a Bulgaria atinge a 54, 3%, com a Rumania, 36,2°|° e com a Iugoslavia, 32,4 °|° do total do comercio exterior desses países. Agora, si considerarmos a provavel união economica com a Checoslovaquia, o Reich terá o caminho aberto para a Rumania e a Ucrânia, onde ele encontrará petroleo e alimentos. A propria Italia vê o desapareoimento dos seus mercados na Europa central, onde hoje a influencia franco-britanica é quasi inexpressiva.

A expansão alemã, si atinge primeiramente os países centro-europeus, a Russia e a França, é dirigida particularmente contra o Imperio britanico. O Reich deseja apoderar-se de terras ferteis, de mercados e de materias primas, que estão quasi todas nas mãos dos inglêses. E' verdade que a Ucrânia, a Rumania, a Asia Menor constituem objetivos germanicos, mas estes não se limitam á essas regiões povoadas, onde antagonismos nacionais e economicos lhe opõem uma resistencia desesperada. A Alemanha volve os seus olhos para a Africa e a America, onde grandes territorios poderão ser colonizados, constituindo mercados promissores para o futuro. Para consegui-los, o Reich precisa um grande poder maritimo e então terá que enfrentar a força do imperialismo britanico, que não é diferente na essencia do alemão, mas que se defenderá com unhas e dentes, sustentando um regime politico-social de liberdades, de oito horas de trabalho e de garantias operarias, melhor do que o nazismo dos "Junkers" feudais e dos Krupp e Thysen.

Letras de Hispano-América

E. Rodriguez Fabregat

ESFERA ofrece a sus lectores del Brasil esta Seccion en la que aparecerán, — registradas en su proprio idioma, — las más nobles expresiones del pensamiento de nuestros hermanos de Hispano América.

Sintesis de la Vida Continental, Articulo, Poema, Noticia o Comentario, esta Sección significa amorosa contribución al progreso y la unidad espiritual de los Pueblos del Nuevo Mundo.

Mucho se habrá andado en el camino de los esfuerzos duraderos, el dia en que los pueblos de América que hablan espanol y los que hablan portugués entren mutuamente en conocimiento de sus valores intelectuales. La unidad de acción por la Cultura concretará, con muy claro sentido, la identidade de los destinos americanos en esta hora angustiada del Mundo.

..En la medida de sus posibilidades, ESFERA secunda y se entrega a esa labor. Esta Sección tiene ese significado. Queda ella entregada a los trabajadores del pensamiento en todas las zonas de Hispano América.

NUEVOS LIBROS AMERICANOS

"EL HONDERO ENTUSIASTA". — Pablo NERUDA.

La Editorial "ERCILLA" de Santiago de Chile acaba de publicar nuevo libro de Pablo Neruda. En la trayectoria triunfal de este poeta, — verdadera voz de América para decir el regocijo profundo y la desesperada ansiedad, — este nuevo libro "El hondero entusiasta" representa una etapa en el camino de la pródiga realización y no justamente la etapa actual. Por que en el momento actual Neruda es, sin duda, el poeta de "Espana en el Corazón".

El inmenso drama de Espana, el de los desgarramientos heroicos por la libertad, — pueblo en su destino para salvar destinos unánimes sobre tierras flageladas y bajo cielos de incendio; pueblo que un dia agrandó el mundo tal como hoy ensancha, frente al odio invasor, el panorama moral de la especie, — encontró tambien en el poeta chileno el cantor singular de su Epopeya. Magnifica contribución americana fué esta cuando tantos callaron y cuando tantos se complicaron, y en la que palpitó nuestra carne estremecida, girón del mismo drama, y tuvo pasmo de asombro el alma de América cuando vió recuperado en nuevo ritmo de Gesta un sentido histórico que desde les siglos viene...

"El hondero entusiasta", libro que aparece imediatamente después de aquél, senala como decimos una etapa anterior. Acaso viene él a estar situado, a lo largo y lo profundo de la producción de Neruda, entre los "Veinte poemas de Amor y una Canción desesperada" y los primeros Cantos de la "Residencia en la tierra".

"El hondero entusiasta", hondero que arroja hacia los infinitos la encendida piedra de los afans tumultuosos, de la alegria total, de la ebriedad panteista, del concepto vital que envuelve e inflama toda cosa; la encendida piedra que también como la Omar El Kayam hace huir las estrellas, pero en la noche de Neruda, noche ardida "de metales azules".

Pero él mismo lo dice. El libro, en esta Edición de "Ercilla" se abre con una "Advertencia del Autor en la segunda edición de esta obra". En esta advertencia el poeta chileno senala con regocijada lealtad la que pudo ser influencia de aquel otro poeta, elocuente y caudal, Carlos Sábat Ercasty, uno de los acentos de más pura estirpe lírica en la producción uruguaya. Dice Neruda:

"Los poemas recogidos en este libro formaron parte de un ciclo de mi produción desarrollada hace ya cerca de diez anos. La influencia que ellos muestran del gran poeta uruguayo Carlos Sabat Ercasty y su acento general de elocuercia y altivez verbal me hicieron substraerlos en su gran mayoria a la publicidad. Ahora, pasado el periodo en que la publicación de "El hondero entusiasta" me hubiera perjudicado intimamente, los he entregado a esta Editorial, como un documento válido para aquellos que se interesan con mi poesia. El libro original contenia un numero mucho mayor de composiciones que, si faltan en este cuaderno, es por que se extraviaron para siempre.

También muchas de las que ahi aparecen, van inconclusas, con pedazos de menos, fragmentos caidos al roce del tiempo, perdidos. Me hubiera gustado poseer todos los versos de este tiempo sepultado, para mí prestigiado del mismo interés que nimba las viejas cartas, ya que este libro no quiere ser, lo repito, sino el documento de una juventud excesiva y ardiente.

No he alterado ni agregado ni suprimido nada de estos versos renacidos. He querido preservar su autenticidad, su verdad olvidada. — NERUDA".

Y así vienen hasta nosotros estos "versos renacidos" que tienen mucho más que un valor documentario

Voz de América, fervorosa pasión universal por la justicia, inconfundible acento de luchador y de sonador chileno, obrero luminoso en la fúlgida y a veces martirizada construcción del Nuevo Mundo, Pablo Neruda es siempre el mismo y siempre nuevo y siempre anunciador. El hondero entusiasta es, en estos momentos, una alborozada afirmación con el supremo valor de las reiteraciones.

Y aunque nos sea imposible dar un acabado estudio

del Poeta en estas líneas que apenas presumen de noticia bibliógráfica, insertamos aqui algunos de los poemas que Neruda arrojó:

Hacia donde las piedras no alcanzan y retornan.
Hacia donde los fuegos oscuros se confunden.
Al pie de las murallas que el viento inmenso [abraza.
Corriendo hacia la muerte como un grito hacia [el eco.

"POEMAS DE MI SOLEDAD", por Rómulo NANO LOTTERO.

El escritor uruguayo Rómulo Nano Lottero publica en primorosa edición este nuevo libro que tan afectuosamente nos envía y que con tanta emoción leemos.

Nano Lottero, escritor de ya seis libros vividos e intensos, dedica estos sus nuevos poemas en prosa a Juan Ramón Gimenez al que llama "el poeta de la fina nostalgia". Y talvez en las palabras de esta dedicatoria, en lo que de ellas resbala y transpira, — casi diríamos perfuma, — el escritor uruguayo denuncie más nítidamente que en ningún otro instante su propia substancia. Por que él mismo, Rómulo Nano Lottero, es poeta de nostalgias finas, de ahondadas nostalgias que él refugió en su corazón a pesar de la vida de acción y de lucha en que tantas veces significó su categoria de combatiente y de las que gozárramos jubilosa solidariedad. Viviamos entonces en el impulso y el ritmo de aquellas nobles lides democráticas que constituyeron durante tanto tiempo la grandeza y la gloria del Uruguay y bajo cuyo signo un pueblo recuperará su destino

Y es precisamente en los duros momentos que el Uruguay sobrelleva, cuando Nano Lottero surje de sus refugios milagrosos para expresar su verdad. Libro de noble estirpe es este y de ahondada pureza. Muchas de sus páginas demuestran que en el lírico alienta el combatiente. Abierto el libro con un Prólogo del poeta belga León Kochnitzky, su temario sentimental dice estos titulos sutiles bajo les cuales hay profunda palpitación de obra duradera:

Hermano Arbol. Salmos a la dama del automovil gris. — Mensaje al hermano siempre esperado. — Barca en la noche. — Sinfonia de amor en seis mujeres gloriosas...

A esta primera parte del libro sigue otra de perfiles literarios. En estos y por ocasiones, el crítico tremendo arde en la llama de las admoniciones para hablarle en nombre de tremendas responsabilidades estéticas a Pablo Neruda el chileno y a Alfonsina Storni la dolorosamente desaparecida de este instante. Pero donde está él, totalmente él; donde Rómulo Nano Lottero se muestra profundamente americano y dueno de la gracia cordial y el aceno profético de los grandes y los verdaderos luchadores de nuestro tiempo, es en su "Salutación a Luis Alberto Sanchez", el escritor peruano cuya labor hemos glosado en más de una oportunidad en esta misma Sección Hispano Americano de ESFERA, en la cual celebramos hoy el nítido triunfo de Nano Lottero y sus Poemas de Soledad.

Gabriela Mistral dijo una vez de este escritor: "En usted el corazón contiene la llama. Es una llamarada él entero".

Ricardo Rojas afirmó a su propósito: "Se revela usted un Poeta por la claridad de la voz y la profundidad del sentimiento.

Y Manuel Ugarte, el americano inquieto de una cruzada que admite reposos pero no renuncias, dijo: "Pocas veces trae un autor a la superficie tanta observación nueva o profunda, tanta vida ignorada del transeunte que diariamente lo rodea".

En este libro "Poemas de mi Soledad" Rómulo Nano Lottero cumple y excede aquella triple afirmación alborozada.

ERES TODA DE ESPUMAS

Eres toda de espumas delgadas y ligeras
Y te cruzan los besos y te riegan los dias.
Mi gesto, mi ansiedad cuelgan de tu mirada.
Vaso de resonancias y de estrellas cautivas.
Estoy cansado, todas las hojas caen, mueren.
Caen, mueren los pájaros. Caen, mueren las vidas.
Cansado, estoy cansado. Ven, anhélame, víbrame.
Oh, mi pobre ilusión, mi guirnalda encendida!
El ansia cae, muere. Cae, muere el deseo.
Caen, mueren las llamas en la noche infinita.

Fogonazo de luces, paloma de gredas rubias,
Líbrame de esta noche que acosa y aniquila

Sumérgeme en tu nido de vértigo y caricia.
Anhélame, retiéneme.
La embriaguez a la sombra florida de tus ojos,
las caidas, los triunfos, los saltos de la fiebre.
Amame, ámame, ámame.
De pie te grito! Quiéreme.
Rompo mi voz gritándote y hago horarios de fuego
En la noche prenada de estrellas y lebreles.
Rompo mi voz y grito. Mujer, ámame, anhélame.
Mi voz arde en los vientos, mi voz que cae y muere.

PABLO NERUDA

Documentário Cultural Português - VI

SOBRE O "NOSSO" SENTIDO E PROJEÇÃO

Desdobrando um pouco considerações anteriores: Portugal, pela permanencia viva das suas gerações mais moças, é hoje uma promissora realidade. Promissora ainda, porém já com um aspecto de certeza, com uma característica própria de eficazes empreendimentos. Ha que o recenhecer, e isto não envolve lisonja — mesmo porque a entidade é abstracta: o clamor que hoje acorda o país é um clamor que, contemporaneo com as realidades sempre novas, surge das mais fundas veias da nação portuguesa.

Longe, bem longe da compreensão que o facto exige estão aqueles que julgam simples retórica de irreverencia — de irreverencia sem finalidade intrinseca — os anseios da juventude portuguesa de hoje. Porque é uma coisa palpável — e tanto mais palpável quanto mais de perto acompanhada — que, com a juventude portuguesa de hoje vão aquelas verdades mais imediatamente verdades; que a força da sua *permanencia*, surgida da agudez caótica do desencontro do homem com o social, comporta uma total transfiguração das coisas.

São gerações que — sempre a mecanica materialista dos acontecimentos — condensam em si mesmas, com referencia aos logo proximamente precedentes, uma total oposição de atitudes ante os problemas da vida, —ante a própria Vida. Assim — não esqueça o leitor que falamos sempre em esquema generalizado — na frente vai uma geração que, sem todavia tal implicar menos méritos de especialidade, vive ainda muito do aristocratismo literário, do horror á ginástica aa filosofia científica, da anteposição do divino ao humano, da pessoa á colectividade. E precisamente, neste como noutros pontos, ha a oposição de critérios: as gerações mais moças conjugam-se para uma inadvertida projecção no futuro: a arte cujos contornos se esboçam é uma arte que mergulha nos dramas das massas alucinadas, a filosofia e a ciencia entram para coordenar, disciplinando, mentalidades, e os individuos, difundidos nas ideias impessoais e impereciveis, desaparecem ante a movimentação ininterrupta de "todos".

As querelas recentes sobre a arte "social" ou "não-social", é neste choque de critérios que encontram a sua fonte de explosão. Mais: toda a nossa vida se move, por assim dizer, em volta deste antagonismo de atitudes.

O leitor de certo relacionou já: não é uma simples vontade de disputa que nos atira para os extremismos da discussão. E' a própria marcha da "nossa" humanidade. E' a própria lei da vida. Cada idade comporta uma ideia do mesmo modo que o inverso. As idades e as ideias, até como concepção mental, não representam, já, uma evasão da realidade. São a própria realidade. São o mergulho no mais concreto fundo da mais concreta realidade. Aí o nosso caso particular: precisamente pelo maior mergulho das gerações no fundo da realidade do tempo, é que a permanencia da sua vida é mais vultuosa e mais real. Elas são o grito decisivo da própria realidade. Angustioso tanto quanto esta o é, — mas promissor, isso sim, tanto quanto esta o é tambem.

E com uma característica, ainda, sobre as épocas precedentes: não é um, não são dois, não são três os que gritam.

São gerações inteiras, é uma massa compacta de jóvens que, atingida no seu presente de anarquia e de luta, pode ainda erguer, confiante, os olhos para o futuro e para a vida.

REVISTA DA IMPRENSA

No "Diabo" M. Guerra Roque denuncia um "Escandalo Editorial", para que reclama a intervenção do "Sr. Presidente da Academia de Ciencias de Lisboa" e do "Sr. presidente da Associação dos Livreiros de Portugal" — como entidades a que cabem — julga-as atribuições, respectivamente de "zelar pelo alimento cultural "da nação, e "pela dignidade e prestígio duma classe". O libelo é algo extenso e nele se acusa a "Livraria Civilisação" do Porto, de "truncar, alterar e reduzir as obras primas da literatura", tais como "Ana Karenine", de Tolstoi, e o "Sonho", de Zola.

O articulista, depois de pedir sanções para os responsaveis, conclui: "calarmo-nos seria tornarmo-nos cúmplices dum atropelo imperdoavel".

No mesmo jornal, firmados por "Li" começaram a publicar-se alguns apontamentos em e sobre "Novial" — uma nova língua auxiliar internacional que, na opinião do divulgador, visa a sobrepor-se ou a substituir o "Esperanto". Alvaro Pontes e Saldanha Carreira, cada um por uma vez, apareceram a demonstrar o "ilógico" das preocupações de "Li" — a que este deu respostas.

Ainda no "Diabo" apareceu agora a 1.ª "Carta do Brasil" subscrita por Carlos de Lacerda. Atravez dela, o autor deixa as suas impressões sobre o intercambio luso-brasileiro, pugnando, ao mesmo tempo, por que seja mantida a dignidade da inteligencia e defendida a liberdade do pensamento.

No "Sol Nascente", Amorim de Carvalho continua a sua "Resposta ao Snr. João Gaspar Simões" a propósito de tendencioso ataque que este fez do seu recente opúsculo" Atravez da Obra do Sr. Antonio Botto", como crítico oficial do "Diário de Lisboa". Amorim de Carvalho, do mesmo modo que refuta G. Simões, deixa perceber falta de ordem nas ideias do critico.

Lembremos que J. Gaspar Simões tem feito silencio.

António Botto decide "finalmente, quebrar o juramento que a si próprio fizera de não responder aos milhentos ataques dirigidos a sua obra de escritor e de poeta" e aparece no "Diário de Lisbôa" com "Uma Página Breve das Minhas Memórias". A. Botto vem, assim, com um artigo de mágua (que é seguido de um soneto do mesmo genero) no qual dá a entender que o move a sua "ansiedade universal de justiça".

Em resposta a "Carta a Um Critico Estrangeiro", de Tomaz Ribeiro Colaço, apontada no número anterior, Gaspar Simões vem a público no "Diário de Lisbôa", com uma pequena nota, chamando "humorista" a T. Colaço, e dizendo que a "hilariante página que este lhe havia consagrado" era numa folha no género do "Sempre Fixe" que teria cabimento.

Na "Seara Nova", onde, com frequencia aparecem trabalhos subscritos pelos melhores nomes das letras portuguesas, devemos salientar, a secção "Factos e Documentos", a qual nos dá um panorama sintético e movimentado da vida mental, economica e social do globo.

ARTES PLÁSTICAS

Com o andamento do verão, Portugal entra num adormecimento de forças. Assim é que, em matéria de "Artes Plásticas", nada tem sido feito. Os jornais andam, por isso, vazios no que concerne a tal sector.

CINEMA

Outro tanto sucede. Os Salões fazem a "sua" temporada com as portas por abrir.

No "Diabo", Roberto Nobre, a cuja atuação e esclarecida mentalidade se deve aquele pouco, que já hoje representa, como coisa a sério, o Cinema em Portugal, dá, num artigo, "Sugestões para uma Estética Dinamica, Arte, Movimento e Cinema", noutro a seguir, verbera certo aflitivo apêlo em Pról do Cenima, dado a público no "Diário de Lisboa". R. N. não só verbera o apêlo, como elucida e refuta o articulista. Nobre confia plenamente nas possibilidades do "Cinema".

No "Sol Nascente", Alves Costa desaprova o projecto de filmagem de "Os Luziadas", aderindo a idêntica atitude de Brun do Canto no "Cine-Jornal".

TEATRO

Assis Esperança, que de ha uma temporada vem lutando pela higienisação do teatro em Portugal, condena severamente "A Velha Rabugenta" peça que diz ser "de contextura insignificante" em contraposição da grande actriz que a interpretou: Adelina Abranches.

O mesmo, dá indirectamente, numa pequena nota, aparecida, como a critica anteriormente apontada, no "Diabo", opinião sobre "Rosa de Alfama" — realização de "Artistas Reunidos". Sabemos que o crítico pensa desfavoravelmente da peça, do mesmo modo que põe em dúvida a prolongada união dos "Astistas- realizadores.

LIVROS

Salvo "Guerra Junqueira" — memórias — de Lopes de Oliveira, "Ilusão na Morte", Novelas, de Afonso Ribeiro, em edições "Sol Nascente", e um ou outro, está praticamente parado o movimento editorial português.

APÊNDICE

CHOMAGE

Chegado o período da canícula, o que sucede pelos meados de todos os anos, Portugal declara-se em gréve.

Põe de lado o sangue, a inteligencia ,a emoção — a vida. Fica-se de braços caídos. E Portugal, que tem sempre um pouco de sonho e de sentimentalidade passional para os momentos de desencanto, nestas alturas é o Portugal que nem alberga ternura, nem rispidez, nam graciosidade, nem fermentação.

Profissionalmente é, como se sabe, o periodo de férias —e cada qual arma-se das roupas — o menos que possa — e de economias — o mais que consiga — e abala para as termas, para a praia, para o campo, (é ponto que não queriamos focar; ele, porém, impõe-se como uma realidade esmagadora: e os que não podem ir, nem para as termas, nem para a praia, nem para o campo?) e por ali se abandona; uma ou outra folha de actualidades debaixo do braço, um livro de caracteres largos e acessíveis, — um ou dois almanaques.

E é tudo!

— Sucintadamente é tudo.

Só de longe, cremo-lo firmemente, pode encontrase nesta suspensão em que o país se coloca, sintoma d emenos vibratilidade. Porque no fundo o país continua a marcha segura e aplicada do seu crescimento constante. A nossa inactividade é-o só por uma circunstancia de temperatura momentanea, modificada a qual as coisas adquirem por função própria um visivel rumo de aceleração.

No final de contas fica-nos a certeza de que a cultura portuguêsa de hoje, — aquela cultura que pode ainda (e sempre) valer como testemunho de presenças "vivas" aspira o benéfico afluxo de novas forças subjectivas e o de mais eficazes e mais contemporaneas ideias: — filosóficas, morais.

Vai tomando (muito ténuemente ainda, é claro) corpo, nos domínios da nossa média intelectualidade (de imediata repercussão no geral das gentes — salvo os 70 % de analfabetos que nos esmagam) uma determinada capacidade de verniz europeu — verniz filtrado em grande parte pelo que doutros continentes nos pode vir capaz de, penetrando-nos, contribuir para um crescimento e para uma mais sólida formação de valores próprios.

A inquietação criadora das gerações mais moças tem um precedente, — prceedente que por certo revela, nos resultados que vai apresentando (e esses resulta-

dos são justamente as gerações mais moças), a nossa capacidade de adaptação ao permanente rejuvenescimento de humanidade e de ideias.

Resta-nos esperar que o país veja chegado o seu momento propício: Que é ainda: aguardar que uma geração inteira se revele com plenitude.

A IGREJA E A QUESTÃO RACISTA

O padre Alves Correia é uma das mais curiosas e esclarecidas figuras do clero português. Sabe manter, no meio do cáos da actualidade ,aquela serena visão dos fenómenos, aquela lúcida compreensão da legitimidade ou ilegitimidade das forças sem conflito. Bom representante do espírito cristão pela força íntima das suas convicções religiosas, não perde o "controle" da sua actuação como homem vivente no meio dos demais.

A propósito das divergencias recentemente suscitadas entre o chefe da igreja católica e os exclusivamente racistas, melhor diremos: entre o Papa e a política de expurgação judaica de Mussolini, "O Diabo" entrevistou-o.

Começou Alves Carreia por dizer que a verbaração pública do papa contra os processos racistas do fascismo itaiano— que para uns causou grande desapontamento e para outros não causou desapontamento algum — está de harmonia com os principios da religião cristã que verbera e condena os atentados contra os direitos das gentes, as insensatas arremetidas da força contra o Direito e a Justiça.

Em resposta a uma pergunta do jornalista diz ser de acreditar que para a atitude do papa tenha tido qualquer influência a solidariedade político-militar da Itália com a Alemanha, "pela perseguição de que a Igreja está sendo objecto no segundo daqueles países. A famosa "depuração" não se tem limiatdo tão somente aos judeus que, depois de haverem empenhado todos os seus esforços e fortunas nessas nações, sofrem as maiores perseguições e latrocínios. Os católicos sofrem tambem uma cota parte importante dos castigos que aos judeus tem sido inflingidos, e esse facto motivou em tempos a preparação pela Santa-Sé, de um "Syllabus" que foi distribuido as Universidades e professores católicos e que continha matéria oposta as extravagancias do racismo alemão, sentitisada nos seus "mandamentos".

Depois de evocadas várias figuras e vários preceitos ou acontecimentos do mundo católico, á nova pergunta A. C. respondeu:

"Em vários períodos da história dos povos e até recentemente tem-se dado divergências mais ou menos graves entre a família católica. Recordamo-nos, a propósito, das fortes desinteligências suscitadas ultimamente entre os católicos franceses, dos ataques cerrados contra o cardeal Verdier, chamado o cardeal "vermelho", e outros, e das arremetidas do famoso Charles Maurras."

Assim, as divisões surgirão, mais ou menos pronunciadas, exatamente porque ha católicos fascistas, ha católicos nazistas, etc.

Seguem-se outras considerações, apoz o que o jornalista lembra a hipotese aventada do conflito entre a Itália fascista e o Vaticano se agravar a tal ponto que, em vários centros de apinião, até em certos meios intelectuais se partiu do princípio de virem a estar em cheque, num futuro próximo, os célebres acordos de Latrão. Esses acordos representam actos diplomáticos pelos quais o governo italiano e a Santa-Sé puzeram fim ao conflito que os separava depois que o primeiro, em 1871, ocupou os estados da segunda. Concluidas as negociações, que duraram um mez e que foram de iniciativa de Pio XI, assinaram-se os acordos nos seguintes e fundamentais termos: — Primeiro — Tratado Político em que é reconhecida, na sua plenitude, a soberania do Papa sobre um minúsculo território, cessando o hefe da Igreja, em compensação, de reivincar o resto dos seus antigos estados e de considerar a perda como uma usurpação ao mesmo tempo que reconhece Roma como capital do Reino de Itália.

Segundo — Convenção financeira, pela qual ele recebe como indenisação pela perda dos antigos rendimentos temporais da Santa-Sé, uma soma d emil milhões em moeda, e de 750.000000 de liras em tíulos de renda.

Terceiro — Concordata Religiosa concedendo a Igreja católica na Itália, sobretudo em máteria de ensino, estado civil e prestígio exterior, a posição privilegiada de uma religião oficial".

Diz adiante o jornalista que, dada a hipótese de ficarem periclitantes os fundamentos dos acordos estabelecidos em Latrão, já alguem encarou a possibilidade de Pio XI ter que transferir a sua residencia para as antigas instalações papais de Avinhão.

Alves Correia responde dizendo considerar fantasiosas todas as previsões sobre tal matéria — e que nada justificaria nem obrigaria a essa transferencia.

Seguem-se mais uns pequenos apontamentos, apoz o que é referido o facto das bandeiras do Vaticano não enfileirarem com as do fascismo nas suas grandes manifestações.

E o padre Alves Correia conclui dizendo que "o aparecimento das insígnias do Vaticano nas grandes paradas fascistas ou nazistas representaria uma afronta aos princípios cristãos e teria consequências bastantes desagradáveis para o prestígio e impacialidade da Igreja".

L I V R O S

UMA JANELA ABERTA — Ovidio Chaves — Edição da Livraria do Globo.

Um novo livro de versos de Ovidio Chaves. E, desta vez, sonetos. O poeta é desses que se não intimidam em revelar sua fidelidade às formas quasi abandonadas da Poesia: escreve-a como a sente ou como a prefere, inteiramente emancipado das correntes que se formam. Dessa independência resulta uma arte sincera, espontânea, sem artificialismo — expressão de lirismo e de serenidade. "Uma janela aberta" pode ser sintetisada nesta afirmativa: um belo livro de poesia. — M. J.

GOMEZ, TIRANO DOS ANDES — Thomas Rourke — Tradução de Hamilcar de Garcia — Edição da Livraria do Globo.

Esta biografia de Juan Vicente Gomez, que, por 28 anos, governou e tiranizou a Venezuela, mostra com minúcia e fidelidade a personalidade do célebre caudilho — a par de questões ligadas à sua vida e à sua época. Em esplêndida tradução de Hamilcar de Garcia, "Gomez, Tirano dos Andes" vem enriquecer a coleção "Documentos de nossa época" e, de uma maneira geral, a série de traduções que a Livraria do Globo vem tendo a inteligência de promover. E é inestimável contribuição à biblioteca dos estudiosos de assuntos americanos. — M. J.

UM DRAMA NA MALÁSIA — W. Somerset Maugham — Tradução de Teodomiro Tostes — Edição da Livraria do Globo.

Somerset Maugham está entre os escritores que conhecem o segredo de prender o leitor. "Um drama na Malásia" constitue uma festa para os apreciadores do gênero: desde as primeiras páginas, há uma atmosfera envolvente de interêsse e mistério, que garante o prazer com que se acompanha o desenrolar do romance. E é construido dentro de um clima de poesia — muito marcado e muito pitoresco. Traz, ainda, para completá-lo, seres vivos que pensam e sentem e que nos são mostrados por Somerset Maugham em traços muito felizes e muito nitidos — psicologias um pouco extranhas, às vezes, mas sempre coerentemente desenvolvidas. Bôa tradução de Teodomiro Tostes. — M. J.

O ESPIÃO — J. Fenimore Cooper — Tradução de Gilberto de Miranda — Edição da Livraria do Globo.

23.º volume da Coleção Universo, "O Espião" nos conta episódios da Guerra da Independência Americana — e está nisso, talvez, o seu maior interêsse. Paralelos a êsses episódios, o autor criou tipos mais ou menos artificiais, mas cheios de encanto romântico para certa classe de leitores. A esta, "O Espião" agradará sem restrições. — M. J.

A FITA VERDE — Edgard Wallace — Tradução de Silvia Guaspari — Edição da Livraria do Globo.

Mais um volume da Coleção Amarela destinado a grande sucesso entre os fascinados do romance policial. — M. J.

PANORAMAS — O MUTUALISMO COMO DOUTRINA SOCIAL — A PAISAGEM E A MELANCOLIA NO DRAMA LIRICO DE FEIJÓ — Manuel Anselmo — Livraria Civilização — Editora — Portugal.

O Sr. Manuel Anselmo nos manda de Portugal êsses três volumes, bastante expressivos de sua personalidade de escritor. Aliando o traço poético ao doutrinário, fazendo crítica e fixando impressões, o autor nos mostra um estilo elegante, uma sensibilidade bastante aguda para as coisas de arte e acentuada tendência para os assunos filosóficos. E é nessas três características essenciais que se fortalece tôda a estrutura de sua obra. — M. J.

SUMA — *Luis Franco* — *Colección America* — Ediciones Perseo — Buenos Aires. Tambem na Republica Argentina as Editoras estão interessadas na difusão do livro americano. C. Di Vruno com a sua esclarecida orientação incluiu já no programma da *Coleção America* grandes livros entre os quais figuram: *Poemas*, de Whitman; *Angustia*, de Graciliano Ramos; *Calunga*, de Jorge de Lima; *Los Capitaanes de la Arena*, de Jorge Amado, *La Carretera*, de Nelson Himiob; *Tupak Amaru*, de J. Urie Garcia; *Palo E' Balsa*, de José de La Cuadra; *El Muelle*, de Alfredo Pareja; *Latitudes*, de Jorge Carrera Andrade; *Rozas*, de Luis Franco, e outros.

A arte poetica de Luis Franco tem beleza, musicalidade e emoção. *Suma* é uma coletânea de poemas onde se encontra uma interpretação legítima da natureza integrada no ser humano. E' um livro em grande formato com materia suficiente para se julgar o autor um grande poeta da Argentino e da America. — S.

RECOMPENSA — Judas Isgorogota — S. Paulo — 2.ª edição. Judas Isgorogota é um poeta de real prestigio, não resta a menor dúvida e uma prova disso é se ter esgotado a 1.ª edição deste livro. Fina sensibilidade, beleza de forma, certos preconceitos na construção do verso, e exaltação poetica, são as caracteristicas de *Recompensa*. Atualmente, pelos esparsos publicados aqui e acolá, o poeta está se tornando mais objetivo e mais humano. Contudo, a fase de "Recompensa" fez de Judas Isgorogota o poeta de São gentina e da America. — S.

TUNICA INCONSUTIL — *Jorge de Lima* — Cooperativa Guanabara — Substancioso livro contendo lindissimos poemas salientando mais uma feição na obra do poeta Jorge de Lima. Poesia mística, paganisada, neo simbolista, bíblica ou como queiram classificar, é positivamente notavel esta magnifica *tunica inconsutil*. Usando o abstrato ou criando versões novas da propria genesis, Jorge de Lima é grandioso no sentido de interpretação e completa de maneira eloquente o conteúdo de sua obra com uma poesia penetrante e bela. Quando utilisa o metafísico sente-se a materia palpitar viva e misteriosa mas muito materia. — S.

OS MESTRES CANTORES DE NUREMBERG — Durval de Magalhães Lima — Rio 1938. Plaquete da conferencia proferida na A C M. Trabalho interessante e curioso pelo seu sentido de divulgação. Durval de Magalhães Lima, em linguagem agradavel e clara, narra em poucas palavras uma obra que como ele mesmo diz é "uma reconstituição vivida e fiel de costumes pitorescos da Alemanha do seculo XVI". — S.

OBRAS COMPLETAS — Castro Alves — Livros do Brasil — 1.º volume (2 tomos). Companhia Editora Nacional. Está se firmando cada vez mais no conceito dos intelectuais brasileiros a obra

que a Cia. Editora Nacional vem realizando ultimamente. Em tres magnificas coleções dirigidas por nomes já consagrados têm aparecido ultimamente edições de inestimavel valor. Iniciando "Os *Livros do Brasil*", coleção que Afranio Peixoto dirige, as *Obras Completas* de Castro Alves têm grande expressão e ocupam o seu justo logar. — S.

A QUESTÃO DO FERRO — Roberto M. Couto — Gráfica Olimpica Editora. Trabalho util e acessivel sobre a questão máxima do momento. O Brasil inteiro está vibrando e reagindo para se libertar dos imperialismos estrangeiros. Este livro explica com uma linguagem clara o significado do já famoso contrato da não menos famosa Itabira Iron. O leitor fica de tal forma inteirado no asunto que o maior mérito de "A Questão do Ferro" está na sua possibilidade de despertar um amor sadio pelo Brasil, um anseio que dia a dia vai crescendo nas conciencias populares — a siderurgia nacional.

MUSTAFÁ KEMAL — *Mello Mourão* — Norte Editora.

Volume 4 da coleção *Figuras Contemporâneas*, essa rápida biografia nos mostra a figura de Mustafá Kemal, com traços seguros que exprimem bem a sua individualidade e nos põem a par dos acontecimentos que envolveram a vida desse reformador da Turquia. — M. J.

POÇO DOS PAUS — Fran Martins — Romance — Edesio Editor — Ceará. Novo romance do autor de "Ponta de Rua" editado em Fortaleza. Trabalho de mérito que como os anteriores tem recebido elogios dos críticos literários. E' um romance da vida nordestina do Brasil. Apresentação bôa e uma ilustração (na capa) expressiva como todas as produções de Paulo Werneck. — S.

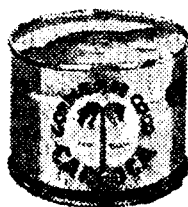
ORAÇÕES NEGRAS — Jamil Almansur Haddad — Cultura Moderna.

Premio da Academia Brasileira de Letras de 1937 — a melhor apresentação deste livro. O autor, é realmente um poeta de fina sensibilidade; os seus versos são poesia cento por cento, agradaveis apesar de um pessimismo muito acentuado e quasi sempre doloroso. Assim, nos poemas do ipê: "E' melhor não florir", "Sê sempre infecunda", ó Amante!; no poema dos lirios:... "ter sempre o amor sem nunca possuir o amado"! nos poemas de amor: "Homem, escuta! Nunca abraces as mulheres"!; etc. A preocupação do autor não está no conteudo real da vida; permanece sempre cantando belezas, criando comparações inspiradas, sem olhar para as coisas concretas e humanas que constituem o motivo da poesia chamada moderna. Contudo, Jamil Almansur Haddad é um magnifico poeta e obteve um premio justo. — S.

MADAME CURIE — "Eva CURIE — Biblioteca do Espirito Moderno — Companhia Editora Nacional — Este livro extraordinário que Anisio Teixeira selecionou para a grande coleção que dirige na Editora Nacional veio proporcionar ao Brasil uma possibilidade para os curiosos dos conhecimentos humanos e ao mesmo tempo apontar um sentido de vida grandioso. Eva Curie revelou-se uma escritora previlegiada. Os adjetivos para o elogio de tal obra são inúteis, pois, o nome de Madame Curie e a tradução agora aparecida dizem tudo. Valioso concurso, não podemos deixar de acentuar, está prestando Anisio Teixeira á cultura do Brasil atravez dessa Biblioteca do Espirito Moderno.

NA RONDONIA OCIDENTAL — Major Frederico Rondon — O movimento intelectual e cientifico, que se vem manifestando, em torno dos problemas da região ocidental do Brasil, não deve ser encarado apenas sob o aspecto das contribuições que póde trazer ao estudo e á solução de grandes problemas nacionais. O major Frederico Rondon, um dos batalhadores mais dicididos dessa causa, nos traz uma contribuição valiosa com o seu novo livro, rico de dados e de informações, e escrito com a frescura, a realidade e a vitalidade sugestiva de um diario de viagem. O nome do autor e o proprio titulo desse volume evocam um nome ilustre, e do general Rondon, precursor desse movimento, realizador de uma grande obra e creador de energias. A edição é ilustrada com fotografias inéditas" — *J. M. f.*

Volume 130 da Coleção Brasileira da Companhia Editora Nacional. — S.

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS — Lewis Caroll — Tradução e adaptação de Monteiro Lobato — Companhia Editora Nacional. Este livro, antes de correr mundo, em várias linguas, foi préviamente aprovado pelas crianças. Lewis Caroll, professor de matemática de Oxford, fez um dia um passeio de bote com três

Jornaes e Revistas

CANJE--PERMUTA--ECHANGE

REVISTA SUL AMERICANA — Publicação mensal sob a orientação de Paulo Peixoto, direção de Mario Brasini e gerência de Paulo Hervé. Numero 1 — Rio.

CULTURA — Mensário Democratico — Numero 1 — S. Paulo. Uma nóva revista dirigida por intelectuais paulistas e encerrando colaboração de nomes de valor como Jorge Amado, Abguar Bastos, Anisio Teixeira, Nicolás Guillén, Oswaldo de Andrade, Julieta Barbara, Arlindo Del Picchia, Nelo e outros.

PROBLEMAS -- Revista Mensal de Cultura — Numero 12 — Outubro — S. Paulo. Diretores: Arnaldo Pedroso d'Horta e Arnaldo A. Serroni.

NO QUE SE PENSA HOJE — Síntese Mensal da atividade contemporânea — Volume III — Fascículo I — Outubro — Direção de Otavio Mendes Cajado. S. Paulo.

GACETA HISPANA — Numeros: 115, 116, 117, 118 e 119. — "*Organo de Vinculacion Hispano — Brasileña*. S. Paulo. Endereço: Caixa Postal 4103.

BELO HORIZONTE — Numero 96 — Setembro — Direção de Augusto Siqueira e Floriano de Paula -- Belo Horizonte — Estado de Minas Gerais.

VERTICE — Revista Mensal dirigida por Julia Prilutzky Farny de Zinny. Numero 10 — Buenos Aires — Republica Argentina. Endereço: Guise 2005 — 2.° piso.

MUNDO URUGUAYO — Revista Semanal — Numeros: 1014, 1015, 1016 e 1017. Diretor: Orestes Baroffio — Montevidéo — Uruguay. Endereço: Rincón, 599.

AURORA DE CHILE — Numero: 2, 3 e 4. Revista da "Alianza de Intelectuales para la defensa de la cultura." Diretor — Pablo Neruda. Santiago de Chile. Endereço: Casilla 13165.

MEDIODIA — Semanario Popular — Numeros: 83, 84, 85, 86 e 87. Habana — Cuba — Diretor -- Nicolás Guillén. Endereço — Apartado 1724.

PENSAMENTO — Numero 103 — Porto — Portugal. Endereço: Apartado 19.

O TRABALHO — Semanário Republicano — Numeros 256 e 257 — "da gente moça" página dirigida por Maria Selma e Lobão Vital, no numero 257, transcreveu sob o título "o que um crítico brasileiro disse sobre PARIS EM 1934" o comentário de nosso Redator Dias da Costa sobre o livro de Abel Salazar.

---

menininhas. Pará divertí-las — conta Monteiro Lobato — foi inventando histórias de que elas gostaram muito. Resolveu, então, escrever essas histórias. E "Alice no país das maravilhas". E as crianças de todos os paises tambem gostaram muito. O livro ficou, embalado pelo sonhos das crianças, como aquelas histórias, ingênuas e encantadoras, que foram embaladas no seu berço, pelas aguas do Tamisa, ao rítmo compassado dos remos — *J. M. f.*

O SACI — Monteiro Lobato — Companhia Editora Nacional.

Quem já não ouviu contar a história do Saci, "desse diabinho de uma perna só, que anda solto pelo mundo, sempre com um pitinho aceso na bôca e, na cabeça, uma carapuça vermelha"? Mas que encanto novo tem essas velhas histórias contadas por Monteiro Lobato! Ao ler as páginas desse livro ingênuo e pitoresco, descobre-se logo a alma superticiosa dessas populações sertanejas, cujas lendas povoaram de sonhos e fantasmas a nossa imaginação e nos prenderam, como raizes, à nossa gente e à terra em que nascemos! Pedrinho que vai passar as férias no sitio do Picapau Amarelo, ouve as histórias do Saci, contadas por tio Barnabé, e afinal, vencido o mêdo, pega um dia um Saci, sim, um saci de carne e osso, que lhe conta tambem as suas aventuras. — *J. M. f.*

CONTOS DE GRIMM — Tradução de Monteiro Lobato — Companhia Editora Nacional.

Os irmãos Grimm tiveram um dia a bela idéia de recolher da literatura oral de seu país os tesouros dessas lendas e desses contos que se perpetuam de geração em geração e que já vinham dos velhos tempos. A espontaneidade, a frescura e a graça desses contos de agradável fantasia conservaram-se intactas, na sua pureza original, como se póde vêr, para dar apenas alguns exemplos, em *Branca de Neve e Rosa Vermelha*, na *História dos Anões*, em *O Principe Sapo* e em *O Ganso Doirado*. As ilustrações, algumas em tricomia, são encantadoras. — *J. M. f.*

NOVOS CONTOS DE ANDERSEN — Tradução. de. Monteiro Lobato — Companhia Editora Nacional.

Na biblioteca infantil já figuravam os contos de Andersen. Aparecem agora Novos Contos de Andersen. *O Soldadinho de Chumbo*, a deliciosa historia de *A Camponeza* e o *Limpador de Chaminés*, *João Grande* e *João Pequeno*, cheios de impressões pitorescas, finamente tratadas e do mais agradável, efeito, são alguns dos famosos contos que compõem o livro. As gravuras excelentes podem trazer tambem para a educação dos olhos um elemento verdadeiramente útil: elas oferecem um ideal aos olhos das crianças. — *J. M. f.*

NOVOS CONTOS DE GRIMM — Tradução de Monteiro Lobato — Companhia Editora Nacional.

No tesouro dos contos populares coligidos pelos Grimm, Monteiro Lobato recolheu mais alguns e os enfeixou nesse belo volume, ricamente ilustra. O *Dois Irmãozinhos*, *João Bobo e as Tres Plumas*, *O Nariz de Legua e Meia*, *O Rei da Montanha de Ouro*, *A Agua da Vida* são contos que, ouvidos ou lidos na infância, nunca mais se esquecem. E, nesse edição da Companhia Editora Nacional, não se sabe mais o que admirar na apresentação material que a emoldura: se a nitidez da impressão, se a excelência das ilustrações que acrescentam ao volume um novo atrativo. — *J. M. f.*

COLEÇÃO BRASILIANA — Companhia Editora Nacional.

Reedições:

RONDONIA — E *Roquette Pinto*

A' MARGEM DA HISTORIA DO BRASIL (Livro Póstumo) — *Vicente Licinio Cardoso.*

José Maria Belo.

INTELIGENCIA DO BRASIL —

T E A T R O

J. M.

"FRÊNÉSIE"

No Brasil, quem escreve sôbre Teatro acaba sempre na lamentação. E' um fatalismo a que ninguem escapa — imposto, ás vezes, á simples leitura de jornais estrangeiros. E' que nos chegam noticias de peças que gostariamos de ver vividas; é que lemos, nós mesmos, essas peças e ficamos logo atormentados pela idéia de que nem podemos sonhar vê-las aqui. Certas obras nos são vedadas, em versão brasileira, porque há, entre nós, o preconceito contra as peças sérias, emancipadas do dever de provocarem um razoável número de gargalhadas, limpas de qualquer efeito teatral para platéas de limitadas exigências. E o exemplo dos outros paizes não nos toca: o Teatro aqui perde a sua função artistico-educativa (educativa no sentido de criar o bom gôsto teatral) e as capitulações mais absurdas vão sendo feitas. Essas reflexões nos ocorrem por conta da leitura de "Frénésie"—a grande comédia de Charles de Peyret-Chappuis levada com invejável sucesso na temporada deste ano em Buenos Aires, pela Companhia de Lola Membrives, que a manteve simultaneamente no cartaz com "Elizabeth, la femme sans homme", de André Josset (outro detalhe que nos deve chegar como exemplo) e que, tendo sido apresentada quasi ao mesmo tempo em Paris, Londres, New-York, Roma, Viena, Budapest, Praga e Buenos-Aires (é o que nos informam revistas argentinas), permanece desconhecida para o público do Rio de Janeiro. E êste público, afinal de contas, apezar de muito mal visto, porque leva a culpa das teimosias de emprezários e artistas indomáveis, está perfeitamente á altura dos empreeendimentos de arte.

Naturalmente que "Frénésie" não fornece momentos amenos ou hilariantes. Na sua secura, na sua aridez, porém, é uma peça inteiramente realizada.

Mas afinal que é "Frénésie"? Uma comédia áspera — eis tudo. A'spera, humana em tôda a sua crueza, sem a menor concessão á fantasia, de uma sobriedade de traços quasi desconcertante, de uma crueldade analítica implacável. Uma única descaída para a emoção — a grande emoção que, apezar de tudo, palpita sob um revestimento de dureza e de frialdade:

—"C'est si laid des larmes d'hommes...

—"Oh! j'en connais de pires. Celles des vieilles filles solitaires. Ce sont des larmes effrayantes.

E o mais tudo sêco, dolorosamente sêco — a solidão daquela humaníssima Esther Coq refletida no deserto de 3 atos sem ternura, sem calor humano, sem generosidade. Chappuis não faz uma só concessão á beleza: tudo em "Frénésie" é feio — na fealdade de três almas de mulheres fracassadas, envenenadas e endurecidas. Não há situações morais bonitas ou, pelo menos, mascaradas. O "climax" da peça é atingido três vezes, com uma precisão calculada, matemática, no final dos três atos. E é feio o choque entre mãe e filha. Feio o choque entre as irmãs. Feio tudo — para culminar no imprevisto de um desfêcho que não nos dá inteiramente, mas deixa pressentida a essência das atitudes da pobre "vieille fille solitaire". Charles de Peyret-Chappuis não cogitou de nos dizer se Esther Coq é boa ou má. Traçou-a, simplesmente — essa criatura que enfrentara tôdas as negativas da Vida. E quando, enfim, essa mesma vida se lhe abre numa promessa, é ainda num "chantage" desesperante e cruel.

Como *construtor*, propriamente, de Peyret-Chappuis tem o gênio dos detalhes que constituem o conjunto indestrutivel. Na sobriedade de seus dialogos, revela mundos interiores existentes e inconfessaaos:

—"Vous ne saviez donc que haïr?

—"On ne m'a pas appris autre chose. C'est à vous de m'apprendre le... reste.

E essa extranha Esther Coq, construida de desencanto, de amargura, de revolta, de insatisfação e de despeito, tem o seu momento de grandeza humana, na humildade dessa revelação:

—"Vous veniez vers moi, connaissant déjà l'amour, avec uns sorte d'auréole; vous veniez vers une pauvre fille sans beauté, sans éclat, qui ne pouvait prétendre à rien, qui n'avait rien à espérer. Vous choisissiez, j'étais choisie. Dans la position inférieure ou vous me mettiez je n'avais que le droit de dire merci".

Ou então nesse grito comovente de 42 anos solitários:

—"Je vous dis de ne pas me toucher. Je ne suis pas habituée à me laisser toucher par les gens".

E' então quando Esther Coq deixa de ser enigmática, para se tornar, simplesmente, esta coisa trivial e irremediável: uma criatura humana fracassada.

O diálogo entre mãe e filha é um prodigio de desnudamento de almas — um desnudamento sem beleza, que choca e nos faz quasi corar:

—"Heureuse! Qu'est-ce que cela veut dire: être heureuse? Est-co que je l'ai été, moi, heureuse? (Mme. Coq).

—"Qu'est-ce que vous voulez que cela me fasse? (Esther Coq).

E êsse desnudamento culmina na confidência de Aurélie — a irmão feia, corcunda, encanecida já — agora numa fealdade infinitamente dolorosa, com a qual nos chocamos, é verdade, mas que nos vai comover também:

—"Mais pars, voyons. Pars donc. Délivre-nous du spectacle de tes saletés. Je ne peux pas supporter l'idée de ce que vous faites, de ce que vous allez faire..."

Nesse ponto "Frénésie" atinge à sua culminancia. As réplicas de Esther — impiedosas, crueis, de uma grosseiria moral indecorosa — abatendo-se sôbre Aurelie, esmagando-a e humilhando-a, são um clarão revelador de sua alma torturada que, já agora, pisará sobre todas as coisas para viver o seu momento retardado de amor.

A amorosa recalcada explode enfim, violentamente. No 1º. ato, ainda não encontrara escapamento. Está abafada. E' má. Concientemente, gostosamente má. Há um desvio em seus impulsos de amor: não os expande em ternura, mas em maldade. Com qualquer coisa de sádico que não pode reprimir; com uma grande impotência para a alegria e para a bondade. Fere, então: á frágil alma indecisa de Marta; ao pobre corpo indefeso da criança. Precisa fazer isso — como derivativo. Explica: — "Pour ne pas me pri-

ver d'un des rares plaisirs qui sont à ma portée". Mas o 3º ato completa-a. Não é mais a recalcada do 1º. ato — torturada e torturante; não é mais a exaltada do 2º., capaz de sacrificar um mundo para a realização do seu momento; é um pobre ser humano trabalhado e vencido, de que brota, enfim, um pouco de ternura, um pouco de simpatia humana. Desfaz-se de tudo — do pouco que conquistara. Com estoicismo. Mas tambem — e ainda — com sarcasmo (a áspera Esther Coq do 1º. ato) e com revolta (a exaltada Esther Coq do 2º, ato). Atira o seu mundo, o seu único mundo (C'est que tu n'aimes pas vraiment. Si tu aimais, cela te sérais bien égal. Quand on aime quelqu'un, an n'aime plus personne) á avidez dos mais fracos. Prevalece, no entanto, um traço de ironia esmagadora, de displicência dolorida. Não mais injúrias. Não mais revoltas. Esther Coq voltará a seu silêncio e a sua solidão:

—"Mais que vas-tu faire?
—"Changer de robe.

TEATRO GLÓRIA — "A CÔR DOS TEUS OLHOS".

No Glória, Roulien e sua Companhia continuam. Mesmo gênero, mesmas qualidades, mesmos defeitos dos espetáculos iniciais. "A Côr dos teus olhos" não é melhor nem pior do que as suas predecessoras. Tem, talvez, mais interêsse e mais verosimilhança. Muito *filme americano*, talvez por isso mesmo — porque estejamos acostumado a seu clima — nos satisfaz razoavelmente. De qualquer maneira não é mau que Roulien prolongue sua temporada: as 2 horas que a gente passa em seu teatro nada têm de enfadonhas, antes, até são bem agradaveis. Mas não passam disso, não confundam.

Em "A côr dos teus olhos" há uma coisa boa a fixar, destacada bem nitidamente, do conjunto: a atuação de Maria Sampaio. Inaceitavel na ingênua, já por si irreal, de "O Irresistivel Roberto" e na "vamp" de "Malibú", teve, em "A côr de teus olhos" oportunidade de se mostrar dentro de suas melhores possibilidades. *Donga* foi um tipo muito bem vivido. Muito sincera na cena em que toma conhecimento do casamento do reporer. E sóbria, sobretudo — que é o essencial. Muito natural, muito bem dosada a atitude de que se reveste, nas cenas que se seguem, marcadas de um traço muito bem graduado de melancolia — sem exagêros, sem cores trágicas, sem pretensões a mártir. Foi bom assim. Porque a grande estrêla de "Malibú" esteve por demais caricaturada, assim como caricaturadas estiveram as suas transições para ingenuidade, na cena do convento de "O Irresistivel Roberto". Com "A côr dos teus olhos" Maria Sampaio pôde mostrar inteligência — sem os deslises decepcionantes e imperdoaveis de suas interpretações precedentes.

Heloisa Helena permanece, como atriz, a mesma das primeiras peças. Sua falta de senso da realidade e da medida é desesperante. A cena em que pretende seduzir o reporter é tudo quanto há de mais mal feito em matéria de Teatro; chega a chocar pelo seu artificialismo e pela sua inverosimilhança. O enxêrto da cena cantada entre ela e Roulien foi desconcertante. Francamente: é pena. Porque Heloisa Helena tem possibilidades, não é um caso perdido. Sua estréia foi promissora. Apenas é preciso que alguem lhe diga que certas coisas não se fazem; que alguem a trabalhe, como principiante que é, para a realização da atriz que pode muito bem vir a ser.

Os outros estiveram mais ou menos incolores ou falhos. Até mesmo Aristoteles, que caricaturou muito seu papel. E tambem Sara Nobre — com traços fortes demais para ser aceita. Deve-se assinalar, por justiça, os ótimos cenários, o ambiente bem construido onde a ação se desenrola.

TEATRO UNIVERSITÁRIO — Pascoal Carlos Magno voltou da Inglaterra entusiasmado com o que viu lá, em matéria de Teatro. Grande idealista e grande realisador, quiz distriburi os frutos de sua observação com a mocidade universitária do Brasil.

Essa iniciativa de teatro pelos estudantes e para os estudantes é tudo quanto há de mais prestigiável e deve ser aplaudida e apoiada por tôdas as criaturas inteligentes e bem intencionadas. Sobretudo porque se reveste de um bom gôso e de uma honestidade educativa quasi inéditos entre nós. Da escolha da peça de estréia á escolha da diretora artistica da Companhia de Estudantes (podemos chamá-la assim), há uma harmonia absoluta e rigorosa — e revela o indispensável critério de arte que deve caracterizar os empreendimentos do gênero. Esperemos "Romeu e Julieta". Por tudo quanto vem sendo feito, acreditamos que essa estréia marcará o inicio de qualquer coisa que já se impunha com urgência entre nós.

CINEMA

ARGELIA — Se o film que Charles Boyer realisou no papel de Pepe Le Moko, não agradou totalmente, pelo menos teve a virtude de ser uma pelicula que se assiste sem nenhum momento de enfado. Apesar do cenário limitado onde se desenrola todo o entrecho, o film jámais se torna monótono. A ameaça que paira permanentemente sob a cabeça do aventureiro fugido, ameaça perconizada na figura excelente do inspetor, mantém o espetador sempre interessado no desfecho da historia. Se o caso de amor é banal e um tanto velho em sua apresentação, pelo menos há no film três cenas de grande emoção. A primeira tentativa de fuga de Pepe, o assassinato do delator e a cena final onde Boyer utilisa plenamente a sua máscara perfeita. O "cast", em seu conjunto, saíu-se bem. A direção, embora discreta, não compromete. Para o seu gênero o film foi inteiramente realisado. — D. C.

ROSA DO ADRO — A cinematografia portuguesa progride. E' a certeza que nos fica após a projeção de "ROSA DO ADRO". Bom som, bôa fotografia, fidelidade na realisação. Apenas lamenta-se que esforços tão eficientes tenham sido esperdiçados na filmagem de um romance tão insalubre. E tão mediocre, tambem: sem interesse humano e sem beleza.

Todos os intérpretes, com excessão de Maria Lalande — expressiva, espiritualíssima, transparente, de uma harmonia de movimentos encantadora — conduziram-se mais ou menos mal: galã inaceitável sob qualquer aspecto; falta de realidade absoluta nas expressões e inflexões do padre, da baronesa, do mais apagado figurante. Todos enfáticos — de uma ênfase de amadores de tragédias de má espécie. A atuação de Adelina Abranches decepcionou.

Se é intuito dos produtores portuguêses divulgarem os seus romances mais queridos e popularisados, porque não dar preferência, então, a "A Morgadinha dos Canaviais", por exemplo, onde se encontra tudo: clima romantico, o pitoresco e a poesia dos ambientes portuguêses, a convincência e a limpeza do material humano a utilizar? — M. J.

SOMOS DO AMOR — Mal título para uma comédia espirituosa, interpretada por artistas da expressão de Bete Davis e Leslie Howard.

O elemento comico resvala, ás vezes, é verdade, para a caricatura, acentuada por Olivia de Havilland, mas atenuada, inteligentemente, pela sobriedade de Bete e Leslie.

Decerto que se não aceita a cêna inicial, na representação de "Romeu e Julieta" — porque aceitá-la seria admitir perfeito artificialismo dos artistas, perfeita desintegração dos personagens que vivem. Mas o resto da comédia é conduzido com muita leveza. Bete Davis mantem-se, como comediante, á altura da grande atriz que ela é e Leslie Howard porta-se admiravelmente.

Olivia de Havilland é que está piorzinha outra vez. — M. J.

CASAMENTO PROIBIDO — Encerrando uma tese grandiosa — a da regeneração do criminoso pela sua aproximação do elemento são da sociedade e nunca pelo seu repu'dio — o film não foi rearlizado como era de esperar. Há situações falsas, emoções falhadas, falta de harmonia cinematografica na sucessão das cênas, falta de dosagem na narrativa. Em compensação tem Silvia Sidney — insubstituivel em papeis dêsse gênero — em uma criação sincéra, sóbria, de uma emoção funda e de grande verdade humana. — M. J.

O MUNDO SE DIVERTE — O film não é nada, mas tem tudo: Ginger Rogers e Douglas Junior. E a inteligência de uma direção que soube dosar bem a emoção e o bom humor, para conseguir, de motivos pouco originais, qualquer coisa de novo para a sensibilidade d espetador. — M. J.

RADIO

Profundamente sentida a morte de Luis Barbosa. O expressionista da nossa musica popular tinha superado a todos.

O seu poder estava na interpretação e no sentido comunicados ao conteúdo dos sambas e das marchas que a gente do morro inspira ou compõe. Ironista que se fazia compreender, sentimental que se fazia amar. Não criava situações de inferioridade. Ao contrário, imprimia sempre certa dignidade ás manifestações dos oprimidos e deixava predominar no seu canto uma melancolia muito ternura.

Foi pena ter morrido Luis Barbosa! Tinha ainda muito que contar!...

S.